

alessandro d'avenia
**branca
como o leite,
vermelha como o
sangue**



alessandro d'avenia
**branca
como o leite,
vermelha como o
sangue**

B
BERTRAND BRASIL



Alessandro D' Avenia

BRANCA COMO O LEITE,
VERMELHA COMO O SANGUE

Tradução

Joana Angélica d'Avila Melo

B
BERTRAND BRASIL

Copyright © 2010 Arnoldo Mondadori Editora S.p.A., Milão

Título original: *Bianca come il latte, rossa come il sangue*

Capa: Victor Burton

Foto de capa: Ken Weingart/Corbis/Latinstock

Editoração da versão impressa: DFL

Texto revisado segundo o novo
Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

2012

Produzido no Brasil

CIP-Brasil. Catalogação na fonte
Sindicato Nacional dos Editores
de Livros, RJ

D269b D' Avenia, Alessandro

Branca como o leite
como o sangue
D' Avenia; tradução Joa
d' Avila Melo. – Rio
Bertrand Brasil, 2012.

recurso digital

Tradução de: Bianca
latte, rossa come il sangue

Formato: ePub

Requisitos do sistema
Digital Editions

Modo de acesso: Web
Web

ISBN 978-85-
[recurso eletrônico]

1. Romance italiano
Joana Angélica d'Avila.

Livros digitais

CDD: 853

CDU:821.1

3

Todos os direitos reservados pela:
EDITORA BERTRAND BRASIL LTDA.
Rua Argentina, 171 – 2º andar – São Cristóvão
20921-380 – Rio de Janeiro – RJ
Tel.: (0xx21) 2585-2070 – Fax: (0xx21) 2585-2087

Não é permitida a reprodução total ou parcial desta obra, por quaisquer meios, sem a prévia autorização por escrito da Editora.

Atendimento e venda direto ao leitor:
mdireto@record.com.br ou (21) 2585-2002

*Aos meus pais,
que me ensinaram
a olhar o céu
com os pés no chão*

*Aos meus alunos,
que todos os dias
me ensinam a renascer*

Um filho de Rei comia à mesa. Quando cortava a ricota, feriu um dedo e uma gota de sangue caiu sobre ela. Ele então disse à mãe: “Mamãe, eu queria uma mulher branca como o leite e vermelha como o sangue.”

“É, meu filho..., quem é branca não é vermelha, e quem é vermelha não é branca. Mesmo assim, veja se a encontra.”

(“O amor das três romãs”, Italo Calvino em *Fábulas italianas*.)

Cada coisa tem a sua cor. Cada emoção tem uma cor.

O silêncio é branco. Na verdade, o branco é uma cor que não suporta: não tem limites. Virar a noite em branco; passar em branco; levantar bandeira branca; deixar o papel em branco; ter cabelo branco... Ou melhor, o branco não é sequer uma cor. Não é nada, é como o silêncio. Um nada sem palavras e sem música. Em silêncio: em branco. Não sei ficar em silêncio ou sozinho, o que dá no mesmo. Me vem logo uma dor um pouco acima da barriga ou dentro da barriga, nunca entendi essa dor, a ponto de me obrigar a montar na minha bat-cinquenta, já escangalhada e praticamente sem freios (quando vou me decidir a mandar consertar?), e rodar por aí, olhando bem nos olhos as garotas que encontro pra saber que não estou só. Se alguma me olha, eu existo.

Mas por que sou assim? Perco o controle. Não sei ficar sozinho. Preciso de... nem mesmo eu sei de quê. Que raiva! Em compensação, tenho um iPod. Pois é, porque quando você sai e sabe que na escola te espera um dia com gosto de asfalto empoeirado e em seguida um túnel de tédio entre deveres de casa, pais, cachorro, e depois tudo de novo, até que a morte os separe, somente uma boa trilha sonora pode te salvar. Você gruda na cabeça dois fones de ouvido e entra em outra dimensão. Entra na emoção da cor certa. Se preciso me apaixonar: rock melódico. Se preciso recarregar as baterias: puro heavy metal. Se preciso me excitar: rap e umas músicas bem pesadas, cheias de palavrão. Assim não fico sozinho: em branco. Tem alguém que me acompanha e dá cor ao meu dia.

Não que eu me entedie, pois eu teria mil projetos, dez mil desejos, um milhão de sonhos a realizar, um bilhão de coisas pra iniciar. Mas depois não consigo começar umazinha que seja, porque não interessa a ninguém. Então me digo: mas Leo, quem te obriga a fazer isso, caralho? Deixe pra lá, curta o que você tem.

A vida é uma só e, quando fica branca, o meu computador é o melhor jeito de colori-la: sempre encontro alguém pra bater papo (meu nick é Pirata, como Johnny Depp). Porque isto eu sei fazer: escutar os outros. Me dá uma sensação boa. Ou então pego a bat-cinquenta com os freios fodidos e rodo sem destino. Quando tenho algum destino, aí vou procurar Niko e tocamos umas canções, ele no baixo e eu na guitarra elétrica. Um dia vamos ser famosos, ter nossa banda, e o nome dela vai ser A Galera. Niko diz que eu também devia cantar, porque tenho uma voz bonita, mas fico encabulado. Com a guitarra, quem canta são os dedos, e os dedos nunca ficam vermelhos de vergonha. Ninguém vaia um guitarrista. Já um cantor...

Quando Niko não pode, encontro os outros no ponto. O ponto é o do ônibus em frente à escola, aquele onde todo garoto apaixonado declarou ao mundo o seu

amor. Lá você sempre encontra alguém, e, às vezes, umas meninas. Às vezes até Beatriz, e é por ela que eu vou ao ponto de ônibus em frente à escola.

É estranho: de manhã a gente não quer estar na escola, mas à tarde encontra todo mundo lá. A diferença é que nesse horário você não encontra os vampiros, ou seja, os professores: uns sanguessugas que voltam pra casa e se fecham em seus sarcófagos, esperando as próximas vítimas. Só que, ao contrário dos vampiros, os professores agem durante o dia.

Mas se na frente da escola estiver Beatriz, aí é outra coisa. Olhos verdes que quando ela os arregala ocupam todo o rosto. Cabelos vermelhos que quando ela os solta o alvorecer te cai em cima. Poucas palavras, mas exatas. Se ela fosse cinema: gênero a ser inventado. Se fosse perfume: o cheiro da areia de manhã cedo, quando a praia está sozinha com o mar. Cor? Beatriz é vermelho. Como o amor é vermelho. Tempestade. Furacão que te varre para longe. Terremoto que despedaça tudo. É assim que eu me sinto sempre que a vejo. Ela ainda não sabe, mas um dia destes eu vou dizer o que sinto.

Sim, um dia destes digo a Beatriz que ela é a pessoa feita especialmente pra mim e eu pra ela. Isto mesmo, não tem saída: quando ela perceber, tudo vai ser perfeito, como nos filmes. Só preciso encontrar o momento adequado e o penteado certo. Porque acho que tudo é principalmente um problema de cabelos. Eu só cortaria os meus se Beatriz me pedisse. Mas e se depois eu perco as forças, como aquele sujeito da história? Não. O Pirata não pode cortar os cabelos. Um leão sem juba não é um leão. Não é à toa que meu nome é Leo.

Um dia vi um documentário sobre leões.

Do matagal saía um macho de juba enorme, e uma voz cálida dizia: “O rei da floresta tem sua coroa”. Assim são os meus cabelos: livres e majestosos.

É tão cômodo mantê-los como os leões fazem... É tão cômodo não precisar penteá-los nunca, e imaginar que eles sobem livres, como se fossem todos os pensamentos que me crescem na cabeça: de vez em quando explodem e se espalham. Eu dou os pensamentos de presente aos outros, como as bolhas da Coca-Cola recém-aberta, que fazem aquele ruído tão gostoso! Com os cabelos, eu digo um monte de coisas. Verdade! Verdade isso que acabei de dizer!

Todos me compreendem só pelos cabelos. Quer dizer, pelo menos o pessoal da escola, os da galera, os outros Piratas: Esponja, Varapau, Topete. Papai já desistiu há tempos. Mamãe só faz criticá-los. A vovó, quando me vê, por pouco não morre de infarto (mas também, com noventa anos, é o mínimo).

Afinal, por que tanta dificuldade pra compreender minha cabeleira? Primeiro eles te dizem *você deve ser autêntico, deve se expressar, deve ser você mesmo!* Depois, quando você tenta se mostrar como é, *não tem identidade, se comporta como todos os outros.* Ora, que raciocínio é esse? Não dá pra entender: ou você é você mesmo ou é como todos os outros. Até porque, pra eles, nada está bem nunca. E a verdade é que têm inveja, principalmente os carecas. Se eu ficar careca, me mato.

Agora, se Beatriz não gostar, então eu tenho que fazer um corte nestes cabelos, mas preciso pensar. Porque minha cabeleira também poderia ser um ponto forte. Beatriz, ou você me ama assim como eu sou, com estes cabelos, ou não se pode fazer nada, porque se não estivermos de acordo nessas pequenas coisas, como poderemos ficar juntos? Cada um deve ser ele mesmo e aceitar o outro como ele é — sempre dizem isso na tevê —, do contrário, que amor é esse? Vamos, Beatriz, por que você não compreende? Afinal, em você eu gosto de tudo, portanto você já começa com vantagem. Sempre por cima, as garotas. Como é que elas fazem pra vencer sempre? Se uma pessoa é bonita, tem o mundo aos seus pés, escolhe o que quer, faz o que quer, usa o que quer... não importa, todos te admiram do mesmo jeito. Que sorte!

Já eu, tem dias em que nem sairia de casa. Me sinto tão feio que seria capaz de me entrincheirar no quarto, sem me olhar no espelho. Branco. Com a cara branca. Sem cor. Que tortura! Tem dias, ao contrário, em que estou vermelho. Onde é que se acha um garoto assim? Enfio a melhor camiseta, os jeans que me caem bem e sou um deus: Zac Efron poderia ser no máximo meu secretário. Saio sozinho pela rua. À primeira que encontro poderia dizer: “Escute, gata, vamos sair esta noite porque eu quero te dar esta oportunidade incrível! E te

convém, porque, se você ficar ao meu lado, todos vão te olhar e dizer: caralho, como foi que ela conseguiu arranjar um cara assim?! Suas amigas vão envelhecer de inveja”.

Que deus eu sou! Que vida cheia tenho! Não paro um instante. Se não fosse a escola, eu já seria alguém.

Se eu não frequentasse a escola, provavelmente

seria mais descansado, bonito e famoso. Minha escola traz o nome de um personagem de “Mickey Mouse”: Horácio. Tem muros descascados, salas encardidas, pias mais cinzentas do que negras e mapas geográficos esgarçados com continentes e nações já desbotados e à deriva... As paredes são de duas cores — branco e marrom —, como o sorvete Cucciolone, mas não existe nada doce na escola: só mesmo a campainha do final do dia, que, quando é acionada, parece querer gritar: você jogou fora mais uma manhã entre estas paredes bicolores. Fuja!

A escola só é útil em poucos casos: quando o desconforto me surpreende e eu afundo nos pensamentos brancos. Me pergunto aonde estou indo, o que estou fazendo, se no futuro vou aprontar algo de bom, se... Por sorte, a escola é o parque de diversões mais cheio de gente nas minhas mesmas condições que eu conheço. Falamos de tudo, esquecendo os pensamentos que afinal não te levam a nada. Os pensamentos brancos não levam a nada, e você deve eliminá-los.

Num McDonald's com cheiro de McDonald's, devoro as batatas fritas, enquanto Niko rumoreja com o canudinho dentro do maxicopo de Coca.

— Não convém pensar no branco.

Niko me diz isso sempre. Niko tem sempre razão. Não é meu melhor amigo por acaso. Ele é como Will Turner para Jack Sparrow. Nos salvamos a vida alternadamente pelo menos uma vez por mês, porque é pra isso que servem os amigos. Meus amigos sou eu que escolho. Isso é o bom dos amigos. Que você os escolhe e dá tudo certo porque você os escolhe justamente como os quer. Já os colegas, esses você não escolhe. Eles lhe acontecem, e muitas vezes são uma verdadeira encheção de saco.

Niko é da B (eu, da D) e nós jogamos no mesmo time de futebol-soçaita da escola: os Piratas. Dois fenômenos. Mas às vezes aparece na aula aquela tal, sempre nervosa: Electra. Já pelo nome começa mal. Tem gente que condena os filhos com o nome. Eu me chamo Leo e tudo bem. Tive sorte: meu nome faz pensar numa pessoa bonita, forte, que sai da mata como um rei com sua juba. E ruge. Ou, pelo menos no meu caso, tenta... Cada um tem no nome o seu destino, infelizmente. Por exemplo, Electra: que raio de nome é esse? É como a corrente da tomada, você leva choque já pelo nome. Por isso é que ela está sempre nervosa.

E também tem o pentelho profissional: Giacomo, vulgo Fedor. Outro nome que dá azar! Porque é o mesmo de Leopardi, que era corcunda, sem amigos e, ainda por cima, poeta. Ninguém conversa com Giacomo. Ele fede. E ninguém tem coragem de lhe dizer isso. Eu, desde que me apaixonei por Beatriz, tomo

banho todos os dias e faço a barba uma vez por mês. E também, no fundo, isso é problema dele, se não toma banho. Mas pelo menos a mãe podia dizer alguma coisa a ele. Só que não diz. Tudo bem, mas que culpa eu tenho? Não posso salvar o mundo. Para isso, basta o Homem-Aranha.

O arroto de Niko me traz de volta à Terra e, entre risadas, respondo:

— Tem razão. Não devo pensar no branco...

Niko me dá um tapa nas costas:

— Amanhã, te quero ligado! Temos que humilhar aqueles panacas!

Fico todo animado.

O que seria a escola sem o campeonato de futebol?

Não sei por que fiz isso, não sei por que me

diverti fazendo e não sei por que farei de novo”: minha filosofia de vida está resumida nestas luminosas palavras de Bart Simpson, meu único mestre e guia. Por exemplo. Hoje a professora de história e filosofia teve um problema. Pronto! Vai vir uma substituta. Deve ser a fodida de sempre.

Você não deve usar essa palavra!

A bronca da mamãe ribomba ameaçadora, mas eu uso a palavra mesmo assim. Quando é preciso, é preciso! A substituta é, por definição, um concentrado de azar cósmico.

Primeiro: porque substitui um professor, que por si só já é um fodido, e portanto a substituta é uma fodida ao quadrado.

Segundo: porque é substituta. Que vida é essa, de trabalhar pra substituir alguém que está mal?

Ou seja: você não só é fodida, como também é pé-frio, fode com os outros. Azar ao cubo. O azar é roxo, porque roxo é a cor dos mortos. Ficamos no corredor esperando a substituta, feia como a morte e com seu impecável vestido roxo, para cobri-la de bolinhas encharcadas de cuspe, lançadas com precisão assassina pelas canetas Bic sem carga.

Em vez disso, entra um homem jovem. Paletó e camisa. Preciso. Olhos pretos demais pro meu gosto. Óculos também pretos, em cima de um nariz comprido demais. Uma bolsa cheia de livros. Repete a toda hora que ama aquilo que estuda. Tai, só nos faltava um que acredita nisso. São os piores! Não me lembro do nome. Ele disse, mas eu estava conversando com Silvia. Silvia é uma garota com quem você fala de tudo. Quero muito bem a ela e muitas vezes lhe dou um abraço. Faço isso porque ela gosta, e eu também. Mas não é meu tipo. Ou melhor, é, neste sentido: com ela você pode falar de tudo, e ela sabe escutar e te dar conselhos. Mas falta nela aquele toque a mais: a magia, o encantamento. Aquilo que Beatriz tem. Silvia não tem os cabelos vermelhos de Beatriz. Beatriz, com um olhar, te faz sonhar. Beatriz é vermelha. Silvia é azul, como todos os amigos de verdade. O substituto, em vez disso, é só uma manchinha preta num dia irremediavelmente branco.

É foda, foda, fodíssima!

Tem cabelos pretos. Olhos pretos. Paletó preto.

Em suma, ele parece a Estrela da Morte de *Guerra nas estrelas*. Só falta o hálito mortífero para eliminar alunos e colegas. Não sabe o que fazer, porque não lhe disseram nada e o celular da professora Argentieri está desligado. A professora Argentieri tem um celular que ela nem sabe usar. Ganhou dos filhos. O aparelho faz até fotos. Mas ela não saca nada. Só usa o celular pra falar com o marido. Sim, porque o marido da Argentieri está mal. Tem um tumor, coitado! Um monte de gente tem tumor. Se isso te pega no fígado, não há nada a fazer. É muito azar mesmo. E o marido dela arrumou um tumor no fígado.

A Argentieri nunca nos falou disso, quem nos contou foi a Nicolosi, a professora de educação física. O marido dela é médico. E o marido da Argentieri faz quimioterapia no hospital do marido da Nicolosi. Cacete, que azar o da Argentieri! É uma chata e detalhista até a morte, encucada com aquele tal que dizia que ninguém se banha duas vezes no mesmo rio, o que, afinal, me parece tão óbvio... Mas me dá pena quando confere o celular pra ver se o marido ligou.

Bom, seja como for, o substituto tenta dar aula, mas, como todos os substitutos, não consegue, porque justamente ninguém lhe dá a mínima. Pelo contrário, é a oportunidade ideal pra fazer a maior zona e rir pelas costas de um adulto falido. A certa altura, levanto a mão e pergunto a ele, bem sério:

— Por que o senhor decidiu fazer este trabalho...

Baixinho, acrescento:

— ... de fodido?

Todo mundo ri. Ele não perde o rebolado:

— A culpa é do meu avô.

Por essa eu não esperava.

— Quando eu tinha dez anos, meu avô me contou uma história das *Mil e uma noites*.

Silêncio.

— Mas agora vamos falar do Renascimento carolíngio.

A turma olha pra mim. Fui eu que comecei, e sou eu que devo continuar. Eles têm razão. Sou o herói deles.

— ‘Fessor, desculpe, mas e a história das *Mil e...* enfim, essa aí?

Alguém ri. Silêncio. Um silêncio de faroeste. Olhos dele nos meus olhos.

— Achei que não lhe interessava a história de como a gente vira um fodido.

Silêncio. Estou perdendo o duelo. Não sei o que dizer.

— Não, de fato não nos interessa.

Na realidade, interessa a mim. Quero saber por que um sujeito sonha vir a

ser um fodido, e depois se empenha em realizar esse sonho. E inclusive parece contente. Os outros me olham enviesado. Nem mesmo Silvia me aprova:

— Conte, ‘fessor, nos interessa.

Abandonado até por Silvia, afundo no branco, enquanto o professor começa, com aqueles seus olhos de possesso:

— Mohammed el-Magrebi vivia no Cairo, numa casinha onde havia um jardim com uma figueira e uma fonte. Ele era pobre. Adormeceu e sonhou com um homem todo encharcado que tirava da boca uma moeda de ouro e lhe dizia: “Sua fortuna está na Pérsia, em Isfahan... lá você encontrará um tesouro... vá!”. Mohammed acordou e partiu correndo. Depois de mil perigos, chegou a Isfahan. Ali, quando procurava comida, morto de cansaço, foi confundido com um ladrão.

“Bateram nele com vara de bambu e quase o mataram. Até que o capitão perguntou: ‘Quem é você, de onde vem, por que está aqui?’. Ele respondeu a verdade: ‘Sonhei com um homem encharcado que me mandou vir, porque aqui eu encontraria um tesouro. Belo tesouro, essas bordoadas!’. O capitão deu uma gargalhada e disse: ‘Idiota, e você acredita em sonhos? Eu, por exemplo, sonhei três vezes com uma casa pobrezinha no Cairo, na qual há um jardim e além do jardim uma figueira e além da figueira uma fonte e embaixo da fonte um tesouro enorme! Mas nunca tirei os pés daqui, imbecil! Vá embora, seu bobalhão!’. Mohammed voltou para casa e, cavando embaixo da fonte do seu jardim, desenterrou o tesouro!”.

Narrou com as pausas certas, como um ator. Entre os colegas, silêncio e pupilas dilatadas, pareciam as de Topete quando puxa fumo: mau sinal. Era só o que nos faltava, um substituto contador de histórias. Recebo o final da fábula com uma risada.

— Só isso?

O substituto se levanta e fica em silêncio. Senta-se de novo.

— Só isso. Naquele dia, meu avô me explicou que nós somos diferentes dos animais, que só fazem o que a natureza manda. Nós, ao contrário, somos livres. É a maior dádiva que recebemos. Graças à liberdade, podemos nos transformar em algo diferente daquilo que somos. A liberdade nos permite sonhar, e os sonhos são o sangue da nossa vida, ainda que muitas vezes custem uma longa viagem e umas bordoadas. “Nunca renuncie aos seus sonhos! Não tenha medo de sonhar, mesmo que os outros riam pelas suas costas”, me disse meu avô, “do contrário, renunciaria a ser você mesmo”. Ainda me lembro dos olhos brilhantes com que ele sublinhou suas palavras.

Todos permanecem em silêncio, admirados, e me chateia que esse cara esteja no centro das atenções, quando eu é que devia estar no centro das atenções durante as aulas dos substitutos.

— E o que isso tem a ver com ensinar história e filosofia, ‘fessor?

Ele me encara.

— A história é um caldeirão cheio de projetos realizados por homens que se tornaram grandes por terem tido a coragem de transformar seus sonhos em realidade, e a filosofia é o silêncio no qual esses sonhos nascem. Ainda que às vezes, infelizmente, os sonhos desses homens fossem pesadelos, sobretudo para quem pagou o preço. Quando não nascem do silêncio, os sonhos se tornam pesadelos. A história, junto com a filosofia, a arte, a música, a literatura, é o melhor modo de descobrir quem é o homem. Alexandre o Grande, Augusto, Dante, Michelangelo... todos esses foram homens que apostaram sua liberdade na busca do melhor e, ao mudarem a si mesmos, mudaram a história. Nesta sala, talvez estejam o próximo Dante ou o próximo Michelangelo... Talvez possa ser você!

Os olhos do professor brilham enquanto ele fala das proezas de pequenos homens tornados grandes graças aos seus sonhos, à sua liberdade. A coisa me transtorna, mas me transtorna ainda mais o fato de eu estar escutando esse babaca.

— Só quando o homem tem fé naquilo que está além do seu alcance, e isto é um sonho, a humanidade dá aqueles passos à frente que a ajudam a acreditar em si mesma.

Como frase, não é ruim, mas me parece a típica frase de professor jovem e sonhador. Quero ver daqui a um ano como é que você vai estar, você e seus sonhos! Por isso eu o apelidei de Sonhador. Muito bonito ter sonhos, muito bonito acreditar neles.

— ‘Fessor, eu acho que isso tudo é só conversa.

Eu queria entender se ele falava sério ou simplesmente havia construído um mundo todo seu pra disfarçar a vida de fodido que levava. O Sonhador me fitou nos olhos, fez um curto silêncio e disse:

— Você tem medo de quê?

A campainha veio salvar meus pensamentos, que de repente ficaram mudos e brancos.

Não tenho medo de nada. Estou no terceiro ano

de liceu. Clássico. Como quis minha família. Eu não fazia ideia. A mamãe fez o clássico. O papai fez o clássico. A vovó é o clássico em pessoa. Só nosso cachorro não fez.

Te abre a mente, te dá horizontes, te estrutura o pensamento, te torna flexível...

E te enche o saco desde a manhã até a noite.

É isto mesmo. Não existe razão para cursar uma escola dessas. Pelo menos, os professores nunca me explicaram. Primeiro dia da quarta série ginásial: apresentações, introdução ao edifício da escola e conhecimento dos professores. Uma espécie de excursão no zoológico: os professores, uma espécie protegida que esperamos seja definitivamente extinta...

Em seguida, uns testes de admissão para verificar o nível de partida de cada um. E depois desta acolhida calorosa... o inferno: reduzidos a sombra e pó. Deveres de casa, explicações, arguições como eu nunca tinha visto. Na escola média eu estudava meia hora se estivesse indo bem. Depois, futebol, em qualquer lugar que parecesse com um campo, do corredor de casa ao estacionamento lá embaixo. Na pior das hipóteses, futebol no PlayStation.

No ginásio era outra coisa. Se você quisesse passar de ano, tinha que estudar. Eu de qualquer forma não estudava muito, porque você só faz as coisas se acreditar nelas. E nunca um professor conseguiu me fazer acreditar que valia a pena. Ora, se um sujeito que dedica a vida a isso não consegue, por que eu deveria?

Fui ver o blog do Sonhador. Sim, o substituto de história e filosofia tem um blog, e eu fiquei curioso pra ver o que ele escreve lá. Os professores não têm uma vida real fora da escola. Fora da escola, não existem. Então eu queria ver do que falava um cara que não podia falar de nada. E ele falava de um filme que tinha visto pela enésima vez: *Sociedade dos poetas mortos*. Dizia que compartilhava da mesma paixão pelo ensino que o protagonista do filme sentia. Dizia que esse filme lhe havia mostrado o que ele tinha vindo fazer nesta Terra. Continuava, assim, com uma frase misteriosa, mas bonita: “Encontrar a beleza onde quer que ela esteja e apresentá-la a quem está ao meu lado. Para isso estou no mundo”.

Devo admitir que o professor Sonhador é um sujeito que sabe dizer as coisas. Em duas frases, a gente percebe que ele compreendeu sua vida. Certo, ele tem trinta anos, a essa altura da vida é compreensível que tenha encontrado a resposta. Mas nem sempre alguém te diz isso com tanta clareza. Ele amadureceu seu sonho quando tinha a minha idade. Sacou qual era sua meta e foi atrás dela.

Estou com dezesseis anos e não tenho sonhos especiais, a não ser os que me acometem durante o sono e que sempre esqueço de manhã. Erika-com-k garante que os sonhos têm origem na reencarnação, naquilo que fomos na vida passada. Como aquele jogador de futebol que diz ter sido um pato na vida passada, e talvez isso o tenha ajudado em sua profissão. Erika-com-k diz que ela foi um jasmim. Por isso anda sempre tão perfumada. Eu gosto do perfume de Erika-com-k.

Não acredito que já reencarnei alguma vez. Mas, se tivesse que escolher, acho que preferiria um animal a uma planta: um leão, um tigre, um escorpião... Certo, isso de reencarnar é um problema, mas pensar no assunto agora é complicado demais, e também eu não me lembro de quando fui um leão, embora tenha me restado a juba, e a força do leão eu sinto toda no sangue. Por isso devo ter sido um leão e por isso me chamo Leo. *Leo* em latim significa “leão”. *Leo rugens*: “leão rugidor”.

Seja como for, estou cursando a primeira série do liceu clássico* e passei pela quarta e a quinta do ginásio quase são e salvo. Primeiro ano, dependência em grego e matemática. Segundo ano, só grego. O grego é a verdura da escola. Amarga e útil somente ao trânsito intestinal, ou seja, a ser consumida no dia da arguição...

Mas a culpa foi da Massaroni. A professora mais detalhista e impiedosa da escola. Ela tem um casaco de pele de cão: sempre, só, unicamente esse. E se veste de dois modos: com o casaco de pele de cão no inverno, no outono e na primavera... No verão... com o casaco de pele de cão próprio para o verão. Como é que se consegue viver assim?! Será que ela foi um cachorro na vida passada? Me diverte imaginar as vidas passadas das pessoas, porque ajuda a explicar o caráter delas.

Beatriz, por exemplo, deve ter sido uma estrela na vida passada. Sim, porque as estrelas têm uma luminosidade ofuscante ao seu redor: a gente as vê de longe, a milhões de anos-luz. São um concentrado de matéria vermelha incandescente e luminosa. E Beatriz é assim. Você a vê a centenas de metros de distância, pois ela brilha com seus cabelos vermelhos. Tomara que um dia eu consiga beijá-la. A propósito, dentro de alguns dias é seu aniversário. Talvez ela me convide pra festa. Hoje à tarde vou até o ponto de ônibus em frente à escola, assim posso vê-la. Beatriz é vinho tinto, vermelho. Me embriaga, e eu a amo.

Nota

* Não há contradição entre o que Leo diz aqui e o que afirmou no início deste capítulo. No sistema educacional italiano, o liceu clássico dura cinco anos. Os dois primeiros são chamados *quarta* e *quinta ginnasio*, como se fossem uma continuação da escola média, e os três últimos se denominam *prima*, *seconda* e *terza liceo*. Leo, portanto, está no seu terceiro ano, que corresponde à primeira série do liceu. (N. T.)

De tarde, quando você têm a partida do campeonato,

não sobra tempo pra mais nada. Você tem que se preparar mentalmente e saborear a emoção com calma. Cada gesto se torna importante e deve ser perfeito. O momento que eu prefiro é o de calçar os meiões, que te acariciam lentamente as canelas, como uma armadura antiga, como as grevas de um cavaleiro medieval.

Os adversários de hoje são da segunda B. A classe dos filhinhos do papai. Temos que acabar com eles. Piratas contra Fodões. A vitória é certa, mas o número de mortos, não. Vamos eliminar tantos quantos pudermos. A grama sintética do campo de terceira geração me faz cócegas em cada fibra do corpo. E cá estamos, brilhando na tarde de outono, ainda quente, em nossa camiseta vermelha com a caveira no meio e a palavra “Piratas” embaixo. Viemos todos: Niko, Topete, Varapau e Esponja, que, mais do que goleiro, parece uma porta blindada. Temos a atitude certa. Isso faz a diferença. Os outros são cheios de espinhas e, mais do que Fodões, parecem uns Fodidões.

Não tiveram nem tempo de entender com quem devem se atracar e já lhes metemos dois gols. Um marcado por Niko e outro por mim. Dois verdadeiros piratas da grande área. Um sabe sempre onde está o outro, mesmo de olhos fechados, costas contra costas, como dois irmãos. Enquanto comemoro depois do meu tiro de ângulo perigoso e preciso, percebo Silvia sentada, assistindo ao jogo com umas colegas: Erika-com-k, Electra, Comprida, Eli, Fra e Barbie. Conversam entre si. Como sempre. As garotas não estão nem aí pra partida. Somente Silvia aplaude meu gol. E eu lhe mando um beijo, como fazem os grandes jogadores para agradecer à torcida. Um dia, será Beatriz a me mandar esse beijo. Dedicarei a ela meu gol mais bonito e correrei em direção ao público para mostrar a todos minha camiseta com a frase *“I belong to Beatriz”*.

Morreu o marido da Argentieri. Não a

veremos mais: ela resolveu antecipar sua aposentadoria. Está arrasada. Certo, tem dois filhos que estão sempre próximos dela, mas o marido era a razão de sua vida, porque a história e a filosofia já não eram faz tempo. O Sonhador permanece conosco: decididamente, os substitutos trazem azar... contanto que encontrem trabalho, levam à morte os maridos das pobres mestras.

Seja como for, devemos ir ao funeral do marido da Argentieri, e eu ignoro totalmente como se fazem essas coisas. Não sei como me vestir. Silvia, a única mulher em quem confio quando se trata de estilo, me diz que devo usar roupa escura, tipo suéter azul-marinho e camisa. Os jeans, tudo bem, já que não tenho calça de outro tecido. Na igreja tem um monte de gente da escola. Eu me sento nos últimos bancos, porque não sei nem quando devo ficar de pé e quando devo ficar sentado. E também, se de repente encontro a professora? O que se diz nessas situações? A palavra *condolências* — é assim que se pronuncia? — me soa vulgar. Melhor permanecer no meu canto, misturado com o grupo: invisível e insignificante.

O funeral é celebrado pelo sacerdote que é também meu professor de religião: Gandalf, com seu corpo miúdo, quase portátil, e um milhão de rugas pacíficas e vivazes, por causa das quais todos na escola o chamam de Gandalf, como o feiticeiro de *O senhor dos anéis*.

No primeiro banco está sentada a professora Argentieri, negra por fora, branca por dentro. Enxuga as lágrimas com o lenço, ao seu lado estão sentados os filhos. Um homem de seus quarenta e uma mulher um pouco mais jovem, que não é de se jogar fora. Os filhos dos professores são sempre um mistério, porque você nunca sabe se eles têm filhos normais: certamente dão aula aos coitados desde a manhã até a noite! Deve ser um desastre...

Mas a Argentieri chora, e isso me desagrade. No final — parece até de propósito — nos cruzamos, ela me olha e parece esperar algo de mim. Eu lhe sorrio. É a única atitude que me ocorre. Ela baixa os olhos e sai atrás do caixão. Sou realmente um pirata. A única coisa que sei fazer diante de uma mulher cujo marido morreu é sorrir. Me sinto culpado. Talvez pudesse dizer alguma frase. Mas em certas situações não sei como me comportar: que culpa eu tenho?

De volta em casa, não tenho vontade de fazer nada. Queria ficar sozinho, mas não consigo suportar o branco. Coloco música e me conecto à Internet. Converso no chat com Niko sobre o funeral.

Sabe lá onde está o marido da Argentieri.

Reencarnou?

É apenas cinza?

Sofre?

Espero que ele não sofra mais, porque já sofreu muito. Niko não sabe a resposta. Acha que existe alguma coisa depois da morte. Mas reencarnar em uma mosca, não quer nem pensar. E também, por que uma mosca? Niko me explica: é porque, em casa, todo mundo lhe diz que ele enche o saco, como uma mosca.

A propósito, isto é, não exatamente a propósito: não posso me esquecer do aniversário de Beatriz. Ou melhor, vou mandar pra ela um SMS agora mesmo: “Oi, Beatriz, aqui é Leo, aquele da primeira D, com cabelos de maluco. Seu aniversário está chegando. O que você vai fazer de bom? Até logo, Leo §:-)”. Ela não responde, e eu fico mal. Fiz a minha costumeira pagação de mico. Beatriz deve estar pensando: o fodido de sempre tentando me cantar com uma mensagem. Esse silêncio me entra no coração como um pintor que quer recobrir de branco as paredes, cancelando o nome de Beatriz e cobrindo-o com uma camada uniforme. Uma tenaz de dor, de medo, de solidão sai do meu celular mudo e me rasga por dentro...

Primeiro um funeral, depois Beatriz que não responde. Dois portões tipo guilhotina descem, e ainda por cima, sobre aquele branco estridente, está escrito “Guia rebaixada”. O portão se fecha e você tem que sair dali. Não deve pensar em mais nada. O que fazer?

Ligo pra Silvia. Ficamos duas horas no telefone. Ela compreende que eu só queria falar com alguém e me diz isso. Me entende de cara, mesmo quando eu falo de outros assuntos. Silvia deve ter sido um anjo na vida anterior. Percebe tudo no ar, e parece que os anjos são assim, do contrário não teriam asas. Pelo menos, é o que diz a Sórór (Anna, uma colega nossa de classe catolicíssima): “Cada um tem ao seu lado um anjo da guarda. Basta que você fale com os anjos sobre o que lhe acontece e eles entendem as coisas na hora”. Eu não acredito. Mas acredito que Silvia é meu anjo da guarda. Me sinto aliviado. Ela levantou os dois portões. Trocamos um boa-noite e adormeço tranquilo, porque com ela sempre posso falar. Espero que Silvia esteja sempre por perto, mesmo quando formos adultos. Mas eu amo é Beatriz.

Antes de cair no sono, olho o visor do celular. Uma mensagem! Deve ser a resposta de Beatriz: estou salvo. “Se você não conseguir dormir, estou aqui. S.” Como eu queria que esse S fosse um B...

Me deem uma motoneta, mesmo que seja uma

bat-cinquenta, e eu mostrarei o mundo pra vocês. Sim, porque, quando chego em frente à escola e Beatriz está ali com seus amigos, não existe nada melhor. Não tenho coragem de parar, ela poderia me dizer na frente de todo mundo que não quer receber mais as minhas mensagens de fodido. Então, me limito a passar com os cabelos esvoaçando, sob o capacete, e a lhe lançar um olhar como uma seta de Cupido, que só ela recebe. É o suficiente pra me dar uma carga extraordinária. Sim, porque sem essa carga eu vou acabar nos sites pornô, tocando punheta. Mas depois me sinto ainda mais deprimido e preciso ligar pra Sílvia, e, como não posso lhe dizer a verdade, tenho que puxar outro assunto. Afinal, é possível falar dessas coisas com alguém?

Ainda bem que a estrela dos raios vermelhos se virou para me olhar. Sabe que eu sou o autor da mensagem, e com seu olhar me confirma que minha presença no mundo ainda tem uma razão. Estou salvo!

Então, voou com minha motoneta pelas ruas lotadas por um milhão de carros, mas é como se não existissem. Todo o ar do mundo me acaricia a face e eu o bebo como se bebesse a liberdade. Canto “és o primeiro pensamento que me desperta de manhã”, e, quando desperto de verdade, já escureceu.

Vagueei à toa no meu tapete voador, sem perceber a passagem do tempo. Quando você está apaixonado, o tempo parece não existir. Mas minha mãe existe, não está apaixonada por Beatriz e ficou furiosa porque não sabia por onde eu andava. O que posso fazer? É o amor. Os momentos vermelhos da vida são assim: sem relógio. *Afinal, é possível saber onde você está com a cabeça?* Os adultos não recordam como é estar apaixonado. Qual é o sentido de explicar a uma pessoa uma coisa que ela não lembra mais? Que adianta descrever o vermelho para um cego? A mãe não compreende, e ainda por cima quer que todo dia eu leve Terminator pra fazer xixi.

Terminator é o nosso salsicha aposentado. Come, arrasta sua barriga de metro e meio de comprimento e urina um milhão de litros. Eu só o levo pra fazer suas necessidades quando não quero encarar os deveres de casa, e assim lhe permito dar umas mijadas de duas horas, mas, com essa desculpa, saio por aí, olhando as vitrines e as garotas. Por que será que os homens compram cães? Talvez pra dar um trabalho às filipinas que depois os levam pra fazer xixi. O parque está cheio de filipinas e cães. E, se você não tem uma filipina, quem se ferra sou eu. De qualquer modo, os animais são apenas figurantes. Terminator sabe mijar, e só: vida de cachorro.

Não consigo adormecer. Estou apaixonado, e, quando você está assim, o

mínimo que pode lhe acontecer é não dormir. Até a noite mais negra fica vermelha. Em sua cabeça se amontoa uma tal quantidade de coisas que você tem vontade de pensar em tudo ao mesmo tempo e o coração não consegue se acalmar. E é estranho, porque tudo te parece bonito. Você vai levando a mesma vida de todos os dias, com as mesmas coisas e o mesmo saco cheio. Aí se apaixona, e essa mesma vida se torna grande e diferente. Você sabe que vive no mesmo mundo de Beatriz: então, o que me importa se me dei mal na arguição, se o pneu da motoneta furou, se Terminator quer fazer xixi, se cai um toró e você não tem guarda-chuva? Não importa, porque você sabe que essas coisas passam. Mas o amor, não. Tua estrela vermelha brilha sempre. Beatriz está ali, o amor está dentro do teu coração e é grande, te faz sonhar e ninguém pode arrancá-lo de você, porque ele está num lugar aonde ninguém pode chegar. Não sei como descrevê-lo: espero que não passe nunca.

Acabo adormecendo, graças a essa esperança no coração. Basta que Beatriz exista, e a vida se renova a cada dia. É o amor que torna a vida nova. Como é verdadeiro isso que eu disse! Preciso me lembrar sempre. Eu esqueço um monte de coisas importantes, depois que as descubro. Isto é, me dou conta de que elas poderiam me servir no futuro, mas esqueço, como fazem os adultos. E essa é a origem de pelo menos metade dos males do mundo. *No meu tempo esses problemas nem existiam.* Justamente. *No seu tempo!*

Talvez, se escrever o que descubro, eu não esqueça nem cometa os mesmos erros. Tenho uma memória péssima. Culpa dos meus pais: DNA fraco. Só tem uma coisa que não esqueço: amanhã, partida de futebol-soçaite no campeonato.

Não é verdade. Tem outra coisa que não esqueço: Beatriz não respondeu à minha mensagem. Estou sem esperanças. Me cubram de branco, como uma múmia.

Gandalf é um homem feito de vento, você tem

a impressão de que ele pode voar longe de uma hora pra outra, como um balão, e se pergunta como é que ele consegue controlar hordas de alunos selvagens. Ele, no entanto, vive sorrindo. Semeou os pisos de mármore de toda a escola com seus sorrisos. Quando você o encontra, Gandalf sorri, até quando entra na escola, à diferença dos outros professores. Quase parece que aquele sorriso não é dele.

Entra na sala, sorri e fica calado. Em seguida, anota uma frase no quadro, e todos nós esperamos esse momento. Hoje, ele entrou e escreveu: “Onde está o teu tesouro, ali estará também teu coração”.

Começa o jogo de sempre.

— Jovanotti!

— Não.

— Max Pezzali?

— Não.

— Elisa?

— Não. Mais atrás...

— Battisti?

— Não.

— Eu sei!

Grito do fundo da sala, abrindo os braços num gesto teatral que prenuncia o triunfo:

— Tio Patinhas!

A turma explode numa gargalhada.

Até Gandalf sorri, calado. Encara a gente e depois diz:

— Jesus Cristo.

— Tem sempre uma pegadinha — falo —, o senhor não consegue dispensar Jesus.

— Você acha que eu andaria por aí vestido assim, se pudesse evitar?

E sorri.

— Mas o que significa a frase?

Ele sorri de novo.

— O que vocês acham?

— É como Gollum, que vive dizendo “o meu precioso”. Não pensa em outra coisa, o coração dele está ali — explica a Sórora. Em geral, ela é silenciosa, mas, quando fala, só diz coisas profundas.

— Não sei quem é esse Gollum, mas, se você está dizendo, eu confio.

Gandalf não conhece Gollum, parece absurdo, mas assim é. E continua:

— Significa que, quando parece que não estamos pensando em nada, na

realidade estamos pensando naquilo que nos importa. O amor é uma espécie de força de gravidade: invisível e universal, como na física. Inevitavelmente, sem que nos demos conta, nosso coração, nossos olhos, nossas palavras vão parar ali, naquilo que amamos, como a maçã com a gravidade.

— E se não amamos nada?

— Impossível. Você imagina a Terra sem gravidade? Ou o espaço sem gravidade? Seria o tempo todo uma pista de carrinho bate-bate. Mesmo quem pensa não amar nada, na verdade ama alguma coisa. E seus pensamentos vão nessa direção, sem que a pessoa perceba. A questão não é se amamos ou não, mas *o que* amamos. Os homens sempre adoram algo: a beleza, a inteligência, o dinheiro, a saúde, Deus...

— Como se pode amar a Deus, que a gente não toca?

— A gente toca Deus, sim.

— Onde?

— No corpo dele, com a eucaristia.

— Mas, professor, isso é um modo de dizer... uma imagem...

— E vocês acham que eu ia apostar minha vida num modo de dizer? E você, Leo, o que ama? Em que pensa quando não pensa em nada?

Fico em silêncio, porque tenho vergonha de responder em voz alta. Silvia me encara com os olhos de quem espera a resposta certa durante uma arguição ou quer soprá-la. Eu sei a resposta, queria gritá-la ao mundo inteiro: Beatriz, minha força de gravidade, meu peso, meu sangue, meu vermelho.

— Eu penso no vermelho.

Alguém ri, fingindo ter sacado uma piada que eu não fiz.

Gandalf percebeu que não estou brincando.

— E como é o vermelho?

— Como os cabelos dela...

Os outros me olham como se eu tivesse puxado fumo antes de entrar na aula. A única que parece compartilhar é Silvia, que me encara, cúmplice.

Gandalf me fita nos olhos, ou melhor: dentro dos olhos. Sorri:

— Para mim também...

— E como é?

— Como o sangue Dele.

Agora somos nós que o encaramos como alguém que fumou um baseado.

Ele vai até o quadro e escreve em silêncio: “O meu amor é branco e escarlate”.

E o jogo recomeça.

Assim são as aulas com Gandalf: se constroem na hora, e ele parece ter sempre uma frase pronta pra puxar de seu livro mágico...

Essa frase ninguém conhece, e quando ficamos sabendo que ela se encontra na Bíblia ninguém acredita, de modo que ganhamos um dever de casa também de religião: ler o *Cântico dos Cânticos*.

Tudo bem, ninguém faz mesmo os deveres de religião.

Na vida só têm utilidade as coisas pelas quais te dão nota.

Não existe nada melhor do que o seguinte

programa com Niko. Almoço rápido no McDonald's e competição de arrote, andando de motoneta.

Em seguida, desafio relaxante no PlayStation na casa dele: duas horas de GTA. Podemos fatar com serra elétrica pelo menos uns quinze policiais. Dá tanta adrenalina que depois você tem que descarregar nos adversários de futebol: eles estão perdidos.

Preparação pra partida com doping feito em casa: uma vitamina de banana cujo segredo só a mãe de Niko conhece. A mãe de Niko é nossa torcedora fanática e nos fornece doping de banana.

Depois, finalmente, a partida. Hoje vamos jogar contra os Fantacalcio.* São durões: é um time da 3.ª categoria. A gente os derrotou no ano passado, mas justamente por isso estão putos, querem vingança. Dá pra perceber pelo olhar do Vândalo, o capitão deles, que não para de me encarar. Não faz ideia do que o espera.

Não tem ninguém pra torcer por nós, hoje. Deve ser porque amanhã temos prova de biologia. Eu, prevenido, já me adiantei: resolvi ignorar a prova.

Aquecemos as mãos enferrujadas de Esponja com uns lançamentos rasteiros e venenosos. Topete parece sem gás hoje. Niko e eu cuidamos disso, abastecidos por vitamina de banana e adrenalina não extravasada pelo GTA. A grama está só esperando ser acariciada pelas nossas chuteiras.

Partida empatada em 0 x 0 por todo o primeiro tempo. O Vândalo encheu o saco de Niko o tempo todo. Marcação homem a homem. Não o deixa respirar. Precisamos mudar alguma coisa, mas não sei o quê. Só sei que, quando ele parte de novo pra cima de Niko, quase lhe mordendo os tornozelos com sua pressão de mastim napolitano e sem lhe dar tempo nem pra raciocinar nem pra chutar, a adrenalina do GTA sobe e Niko entra de sola, por trás, no tornozelo do Vândalo, que tinha conseguido lhe roubar a bola. O Vândalo se estabaca, soltando um berro desesperado. Se não quebrou a perna, foi por milagre. Fica massageando o pé e se retorcendo como Gollum. Todos se juntam ao redor. Eu nem tenho tempo de me aproximar quando um soco atinge o nariz de Niko, que se dobra em dois, com as mãos cobertas de sangue. Sem pensar, avanço no garoto que bateu em Niko:

— Que merda você fez, retardado?

O que ele tem na cara não é um olhar, mas uma espécie de chispa demoníaca, que descarrega contra mim como uma mola comprimida. O empurrão me faz voar dois metros no ar, e depois aterrisso de bunda, sem fôlego.

— Como foi mesmo que você me chamou?

Sinto seu hálito fedorento penetrar no meu nariz. Não tenho coragem de reagir. Ele me massacraria. Somente a essa altura, por sorte, o árbitro intervém e expulsa tanto Niko quanto o energúmeno de cabeça quente.

Sem Niko, a partida se apaga. O Vândalo se recupera e marca, com uma raiva incontrolável.

1 a 0 para os Fantacalcio.

Quando chego ao vestiário, Niko já foi embora.

O Vândalo me espera na saída com seus bárbaros. Sinto que a coisa vai acabar mal...

— Hoje o teu amigo se deu bem. Na próxima vez, não sai vivo do campo... vá consolar ele... boiola!

O Pirata, com toda a sua *tchurma*, está reduzido ao silêncio da derrota e da humilhação por uma horda de bárbaros putos da vida.

Nota

* No contexto do romance, trata-se efetivamente de um time. Mas, na Itália, o Fantacalcio (algo como “futebol de fantasia”) é sobretudo um popularíssimo jogo de simulação, que consiste em montar e dirigir equipes virtuais, formadas por jogadores de verdade, escolhidos entre os que estão disputando uma competição real. (N. T.)

Niko veio pra escola com duas manchas roxas

abaixo dos olhos. O garoto que o socou vai ser suspenso do campeonato.

— Aquele cara me paga. Você nem imagina o que eu vou fazer com ele. Não tem ideia...

Niko está realmente roxo de raiva, que nem suas manchas.

— Deixa pra lá, Niko, ele está fora. E também a entrada que você fez em cima do Vândalo não foi exatamente delicada...

Niko me fulmina com um lampejo dos olhos semicerrados:

— E você ainda dá razão a ele! Você virou um boiola... onde deixou os colhões, em casa?

— Se você tivesse se acalmado, a gente não perderia ontem...

— Ah, agora a culpa é minha... vá tomar no cu, Leo...

Me vira as costas, sem me dar tempo pra reagir. Realmente, o dia começou da melhor maneira.

O Sonhador entrou na sala com um livrinho na mão. Umas cem páginas.

— Um livro que muda nossa vida — disse.

Nunca pensei que os livros pudessem mudar porcaria nenhuma, muito menos a vida. Ou melhor, mudam porque você é obrigado a lê-los, mesmo querendo fazer qualquer outra coisa. Só que o Sonhador é um sonhador e não pode evitar sonhar. Mas o que esse livro tem a ver com a história? O Sonhador disse que, para compreender o período que devemos estudar, é preciso entrar no coração dos homens da época, e então começou a ler as páginas de um livro de Dante Alighieri. Não *A divina comédia*, que é um tijolo cósmico. Um livro pequenininho, a história de amor de Dante.

Não posso acreditar: Dante até escreveu um livro para Beatriz. Apaixonado como eu. O livro se chama *La Vita Nova*, exatamente como eu tinha descoberto sozinho: o amor torna tudo novo. E se eu fosse o próximo Dante? Se, dessa vez, o Sonhador tivesse razão? Seja como for, Dante dedicou esse livro justamente ao encontro com Beatriz e à mudança de sua vida depois daquele momento. É incrível: um cara da pré-história sentindo as mesmas coisas que eu sinto! Será que eu sou a reencarnação de Dante?

Mas experimente dizer isso à professora Rocca, que define meu modo de escrever como *desleixado e retorcido* e nunca me dá mais de 5 —, que é a pior das notas 4 mascaradas... Então, não sou a reencarnação de Dante! Embora, se hoje a gente não entende Dante, se ninguém entende o que eu escrevo, talvez seja porque tenho um futuro de Dante... De qualquer modo, mesmo eu não sendo Dante, Beatriz continua sendo Beatriz, e não posso evitar pensar nela e falar dela,

como diz Dante: “*I’ vo’ con voi de la mia donna dire, non perch’io creda sua laude finire, ma ragionar per isfogar la mente*”.*

Dante sempre tem razão! Preciso ler o livro dele, quem sabe copio uns poemas para Beatriz e os dedico a ela. Ou melhor, eu lhe escrevo uma mensagem com um trecho famosíssimo do livro. A isso, ela seguramente vai responder. Ela não pensará que sou um cretino, vai entender que estou falando sério, como Dante. Não posso me render, um leão que se rende não é um leão. Um pirata que recua não é um pirata. Ela vai sacar, porque estudou essas coisas no ano passado e, se tiver esquecido, vai me perguntar... Beatriz está na segunda série do liceu. É muito estudiosa. Então mando a mensagem: “*Incipit Vita Nova...*”.** Que legal, em latim dá aquele toque elegante. O T9 não consegue intuir o latim, mas Beatriz vai entender.

Só uma coisa me aborrece. Aos olhos de todos, o Sonhador está saindo prepotentemente de sua condição de fodido-contador de histórias-pé-frio. E, infelizmente, também aos meus olhos, e eu não suporto isso... tenho que fazer alguma coisa para colocá-lo em seu devido lugar: descobrir seu ponto fraco e desencadear bem ali o ataque do Pirata...

Notas

- * “Quero falar convosco da minha mulher, não porque creia poder expressar completamente seu louvor, mas [apenas] discorrer para desafogar a mente.” (N. T.)
- ** “Incipit” (“começa”, “principia”), termo em latim usado para designar o trecho inicial de uma obra. (N. T.)

O T9 é a invenção do século XXI. Te poupa

um monte de tempo e te faz dar boas risadas, porque quando você quer escrever uma palavra ele intui outra, que às vezes é o contrário. Por exemplo, quando devo escrever “desculpe”, a palavra que aparece é “medo”. É uma coincidência curiosa, porque, quando devo pedir desculpas por alguma coisa, tenho sempre muito medo.

Eu gosto do T9. Quem sabe se Dante, pra compor todas aquelas rimas, não tinha alguma coisa como o T9? Existem pessoas que você realmente não entende de onde tiram aquilo que sabem fazer. São uns predestinados. Eu ainda não sei fazer nada em grande estilo, mas estou confiante. A professora de inglês diz *tem as capacidades, mas não se empenha*. Pois é: tenho capacidades, posso fazer de tudo, mas ainda não decidi levar nada a sério, me empenhar em alguma coisa. Eu poderia ser Dante, Michelangelo, Einstein, Eminem ou Jovanotti, ainda não sei. Preciso tentar descobrir.

Pelo que diz o Sonhador, devo encontrar meu sonho e transformá-lo num projeto. Preciso perguntar a ele como se faz para encontrar o próprio sonho. Eu perguntaria, mas tenho vergonha, e assim daria força a ele... e também essa mania de ter um sonho quando você ainda está com dezesseis anos não me convence. Seja como for, tenho certeza de que no meu sonho também está Beatriz.

A propósito, ela não respondeu à minha mensagem, isso me deixa mal, achei que pelo menos Dante a impressionasse. Meu estômago se aperta e o coração fica branco. Como se a própria Beatriz quisesse me apagar da face da Terra com liquid paper. Me sinto um erro, um erro de ortografia. Um “e” sem acento, um “o” sem “h”. Uma passadinha de liquid paper e eu desapareço, como todos os erros. A folha fica branca, limpa, e ninguém vê a dor escondida atrás daquela camada branca.

A poesia é um papo-furado com rimas. Dante, vá se foder!

Beatriz tem os cabelos vermelhos. Beatriz

tem olhos verdes. Beatriz tem. À tarde, fica com os amigos no ponto em frente à escola. Beatriz não está namorando. Fui à festa dela no ano passado: um sonho. Passei o tempo todo me escondendo atrás de alguma coisa ou de alguém para poder observá-la, para gravar na minha memória todos os seus gestos e movimentos. Meu cérebro se transformou numa telecâmera, para que o coração pudesse rever a qualquer momento o mais belo filme já feito sobre a face da Terra.

Não sei onde descobri coragem para conseguir o número do celular dela. Na verdade, não precisei descobrir... quem me deu foi Silvia, que é sua amiga, depois das férias de verão. Mas não creio que Silvia tenha dito a ela que era eu quem queria. Talvez seja por isso que Beatriz não me responde. Talvez nem saiba que sou eu que lhe escrevo. No meu celular, ela é a “Vermelha”. Estrela vermelha: sol, rubi, cereja. Enfim, ela podia responder, ao menos por curiosidade.

Mas eu fui ou não fui um leão na minha vida passada? Por isso, insisto. Me escondo na floresta e, no momento oportuno, salto fora da mata e agarro minha presa, não ele deixando meios de fuga, depois de acuá-la numa clareira desprotegida. Farei isso com Beatriz. Ela vai se ver cara a cara comigo e terá que me escolher de qualquer maneira.

Fomos feitos um para o outro. Eu sei disso. Ela, não. Não sabe que me ama. Ainda não.

Hoje conversei com Terminator, meu cachorro.

Sim, porque, quando tenho questões importantes a resolver, sei que não adianta falar com os adultos. Ou eles não te escutam ou te dizem *não pense nisso, depois passa*. Ora, mas se eu estou falando disso é justamente porque não passa, não?! Ou então se safam com o mágico *um dia: um dia você vai entender, um dia, quando tiver filhos, você vai entender, um dia terá um trabalho e vai entender*.

Eu só espero que esse dia não chegue nunca, porque então cai tudo junto em cima de você: maturidade, filhos, trabalho... e eu acho um absurdo que, pra entender, você tenha que ser atingido por essas coisas todas, como uma espécie de raio. Será que não se pode começar desde já, pouco a pouco, sem esperar esse dia maldito? Hoje. Eu quero entender hoje, e não *um dia*. Hoje. Agora. Mas não: esse dia vai te atropelar e aí será tarde demais, porque você, que queria pensar nas coisas com tempo, não encontrou ninguém que se dignasse a lhe responder. Só encontrou alguém que lhe previu esse dia como uma profecia de morte e destruição...

Pra não falar dos professores. Quando você tenta conversar seriamente com eles, respondem *agora não*, o que significa “nunca”. Quando as coisas são ruins, os professores te informam rapidinho: notas, arguições, anotações na caderneta, deveres... Já as boas eles não comunicam, senão — afirmam — *você vai se acomodar sobre os louros*, que, aliás, não me parecem tão cômodos assim. Enfim, não temos muito o que dizer a eles.

Paí e mãe? Nem pensar. Tenho vergonha só de imaginar. Parece que eles nunca tiveram a minha idade. E também papai chega sempre cansado do trabalho e quer ver o futebol. Mamãe? Tenho vergonha. Na minha idade, não posso mais falar com ela! Excluídos os professores, eliminados os pais, assim como Niko, que não fala comigo desde a partida com os Fantacalcio, quem me resta? Terminator. Pelo menos ele fica ali calado, me escutando, principalmente se depois eu lhe der biscoitos com sabor de gato frito.

“Veja bem, Terminator, desde quando o Sonhador falou do sonho, isso sempre me volta à cabeça, como uma coceira, só que mais forte. Você, o que desejava, Terminator, o que queria fazer quando crescesse? Você só pode ser cachorro: comer como cachorro, dormir como cachorro, fazer xixi como cachorro e morrer como cachorro. Mas eu, não. Gosto de ter desejos grandes. Um grande sonho. Ainda não sei qual é, mas gosto de sonhar que tenho um sonho. Ficar deitado na cama, em silêncio, sonhando meu sonho. Sem fazer mais nada. Passar em revista os sonhos e ver quais me agradam. Quem sabe não vou deixar uma marca? Somente os sonhos deixam marcas.”

Terminator me dá um puxão, ele não sabe nem se concentrar, sei lá o que

quer. Continuamos caminhando.

“Não me interrompa!... Eu gosto de ter sonhos. Gosto. Mas como faço para achar meu sonho, Terminator? O seu, você já achou pronto. Só que eu não sou um cão. Ao Sonhador bastaram um avô com suas fábulas e um filme. Talvez eu devesse ir mais vezes ao cinema, já que não tenho avô, e a vovó, sempre que falo com ela preciso gritar, porque ela não escuta e tem também aquele cheiro de velho que eu não suporto, me faz espirrar. Ou talvez eu devesse ler mais livros. O Sonhador diz que nossos sonhos estão escondidos nas coisas que encontramos realmente, aquelas que amamos: um lugar, uma página, um filme, um quadro... os sonhos nos são emprestados pelos grandes criadores da beleza.

Assim diz o Sonhador. Não sei bem o que significa. Mas sei que me agrada. Preciso tentar. Preciso pedir conselhos, mas sem acreditar demais, porque sou um cara com os pés no chão. Uma vida sem sonhos é um jardim sem flores, mas uma vida de sonhos impossíveis é um jardim de flores de mentirinha... o que você acha, Terminator?”

Como única resposta, Terminator se planta contra um poste e faz xixi. Sua mijada é proporcional ao tamanho dos meus discursos.

“Obrigado, Terminator, você é quem me entende...”

Beatriz deve estar doente. A gripe está

atacando, e nunca que me pega... Não vejo Beatriz há dois dias. Sem o reflexo vermelho de seus cabelos, os dias me parecem mais vazios. Ficam brancos como os dias sem sol.

Volto pra casa com Silvia. Ela pega carona comigo na bat-cinquenta e sempre me pede pra ir mais devagar. Mulheres. Conversamos longamente e pergunto se ela tem um sonho, como diz o Sonhador. Conto que Niko tem um sonho bem preciso. Ele diz que vai seguir o caminho de seu pai. Seu pai é dentista. Niko tem um monte de grana. Vai fazer Odontologia e trabalhar no consultório do pai. Diz que esse é seu sonho. Mas, na minha opinião, isso não vale como sonho. Porque já se sabe tudo. O sonho — se entendi bem — deve ter uma parte de mistério: algo ainda a ser descoberto. E Niko já sabe tudo.

Eu ainda não tenho um sonho preciso, mas o bonito é justamente isso. É tão desconhecido que me emociona só de pensar. Silvia também tem um sonho. Quer ser pintora. Silvia pinta muito bem, esse é seu hobby preferido. Uma vez, até me deu um quadro de presente. Ela faz cópias de pinturas famosas. É um belo quadro, com uma mulher se protegendo do sol com uma sombrinha branca. É um quadro especial porque a roupa, o rosto, as cores dessa mulher são tão leves que se confundem com a luz que banha a cena. É como se essa mulher fosse feita da luz contra a qual se protege. E é o único caso em que o branco não me dá medo. Silvia tapeou o branco nesse quadro. Eu gosto. Depois de evitar pelo menos uns quinze acidentes mortais com meus freios necessitados da intervenção de um mecânico, chegamos ao prédio de Silvia.

— Só que meus pais não querem. Dizem que isso pode ser apenas um hobby, mas não o meu futuro, *é um caminho difícil, só pouquíssimos têm sucesso, e também a pessoa, se não ficar famosa, corre o risco de passar fome...* — disse Silvia.

Decididamente, os adultos estão no mundo para nos lembrar dos medos que nós não temos. São eles que têm medo. Eu, no entanto, me alegro por Silvia ter esse sonho. Quando ela fala disso, seus olhos brilham, como brilham os olhos do Sonhador quando ele ensina. Como brilhavam os olhos de Alexandre o Grande, de Michelangelo, de Dante... Os olhos vermelho-sangue, cheios de vida... Penso que o sonho de Silvia é o certo. Peço a ela que observe meus olhos e me diga quando brilham, assim talvez eu descubra o meu sonho enquanto lhe falo de alguma coisa, mas talvez esteja distraído e não perceba. Ela concorda.

— Quando vir seu sonho brilhar nos seus olhos, eu aviso, pode deixar.

Peço que ela me faça outro quadro. Ela concorda. Seus olhos se acendem, e quase parece que seu olhar me aquece a pele. Brilham azuis. Esse é o seu sonho.

Eu ainda não tenho o meu, mas sinto que está chegando. Como faço pra saber? Minhas olheiras. Sim, tenho umas bolsas abaixo dos olhos que servem para carregar meus sonhos. Quando encontrar o meu, vou esvaziá-las e meus olhos brilharão leves...

Acelero no azul do horizonte, e tenho quase a sensação de voar, sem freios e sem sonhos...

Beatriz continua sem vir à escola.

Não aparece nem no ponto de ônibus, à tarde.

Meus dias estão vazios.

Estão brancos, como os de Dante quando não viu mais Beatriz.

Não tenho nada a dizer, porque, quando não existe o amor, as palavras acabam.

As páginas ficam brancas, falta tinta à vida.

Finalmente conversei com o Sonhador.

— O que é que a gente faz pra encontrar o próprio sonho? Mas, veja bem, professor, não curta com a minha cara.

— Procure-o.

— Como assim?

— Faça as perguntas certas.

— O que isso significa?

— Leia, observe, se interesse... tudo com muita garra, muita paixão, muito estudo. Faça uma pergunta a cada uma das coisas que te impressionam e te apaixonam, pergunte a cada uma por que ela te apaixonou. E ali estará a resposta para o seu sonho. O que conta não são os nossos humores, mas os nossos amores.

Foi o que me disse o Sonhador. Como é que lhe ocorrem certas frases, só ele sabe. Preciso achar o que é importante para mim. Mas o único jeito de descobrir é dedicar tempo e esforço nessa busca, e isso não me convence...

Experimento seguir o método do Sonhador: devo partir daquilo que já sei. A música é importante pra mim. Niko é importante pra mim. Beatriz é importante pra mim, Silvia é importante pra mim, minha motoneta é importante pra mim, meu sonho que não conheço é importante pra mim. Papai e mamãe, quando não enchem, são importantes pra mim. É importante pra mim... talvez já chegue... São muito poucas essas coisas, preciso de mais. Devo me empenhar em descobri-las e fazer a cada uma as perguntas certas.

Eu me perguntei por que Silvia é importante pra mim. E me respondi que quero bem a ela, quero que realize seu sonho, quando estou com ela estou sempre em paz, como quando mamãe me segurava pela mão no tumulto do supermercado. E Niko, por quê? Me respondi que me sinto bem com ele. Não tenho que explicar nada. Não me sinto julgado. A propósito, devo fazer alguma coisa, eu e ele não podemos continuar com este silêncio, daqui a pouco teremos outra partida e, se nós dois não nos entendermos, os Piratas vão naufragar...

Depois interroguei minha música e a resposta foi que eu me sinto livre com ela. Perguntei à minha bat-cinquenta e recebi a mesma resposta. Já tenho algumas peças do quebra-cabeças: o afeto das pessoas é importante pra mim, a liberdade é importante pra mim. Meu sonho tem esses ingredientes. Pelo menos, descobri alguns. Mas ainda são poucos.

Por que Beatriz é importante pra mim? Isso é o mais difícil. Ainda não encontrei uma resposta. Existe nela algo de misterioso. Um algo mais, que não consigo compreender. Um mistério vermelho como o mistério do sol que nasce e torna a noite mais escura justamente antes do amanhecer. Ela é o meu sonho e pronto, por isso não dá pra explicar. Uma coisa que não deixa você dormir.

Assisto a um filme de terror. Coisa de não deixar dormir. Noite em branco ao quadrado.

A única tarefa de grego que me divertia no

ginásio era a seguinte. De algumas palavras extraídas das versões, devíamos escrever no caderno o significado e uma palavra italiana derivada, que nos ajudasse a recordar o termo em grego. Com isso, aprendi bem duas palavras.

Leukós: branco. Daí deriva a palavra italiana “*luce*”, luz.

Haîma: sangue. Dessa deriva a palavra italiana “*ematoma*”, hematoma (coágulo).

Se você juntar essas duas palavras assustadoras, nasce outra ainda mais terrível: *leucemia*. Assim se chama o tumor que ataca o sangue. Um nome que deriva do grego (todos os nomes de doenças vêm do grego...) e significa “sangue branco”.

Eu sabia que o branco é uma sacanagem. Como pode o sangue ser branco?

O sangue é vermelho e ponto final.

Assim como as lágrimas são salgadas e ponto final.

Silvia me contou, em lágrimas:

— Beatriz está com leucemia.

E suas lágrimas se tornaram minhas.

Por isso é que ela não estava vindo à escola.

Por isso havia sumido. Como o marido da Argentieri. Ou antes, pior ainda: um tumor no sangue. Leucemia. Mas talvez possa se curar. Sem Beatriz eu estou acabado, até meu sangue fica branco.

Aquilo dos sonhos é um tremendo papo-furado. Eu sabia. Sempre soube. Porque depois vem a dor, e nada mais faz sentido. Porque você constrói, constrói, constrói e depois de repente alguém ou alguma coisa varre tudo longe. Então, de que serve? No meu sonho estava Beatriz, e Beatriz era a parte misteriosa do sonho. A chave que abria a porta. E agora vem essa coisa que quer tirá-la de mim. Se ela desaparecer, o sonho desaparece. E a noite fica no breu total, porque não haverá mais a alvorada.

Mas por que, caralho, existe uma doença como essa, que faz o sangue ficar branco? Sonhador, você é um mentiroso da pior espécie, daqueles que acreditam nas lorotas que dizem! Amanhã vou cortar os pneus de sua bicicleta de merda. Agora estou com fome. SMS: “Niko, preciso te ver”.

McDonald's à tarde: a coisa mais triste da

galáxia. Só se tem o cheiro dos big macs e os fedelhos do ginásio. Mas quem liga pra isso? Tudo bem. Nunca falei com Niko sobre Beatriz. Beatriz sempre foi um segredo meu. Uma ilha do Caribe, com o mar transparente, pra eu me refugiar sozinho. Com Niko eu converso sobre as gatas, as gostosonas... Beatriz não é uma gostosona, e, mesmo sendo gata, não pertence àquela categoria. Não pertence à categoria “radiografia”, ou seja, aquelas de quem você analisa as medidas e as partes salientes... Não, em Beatriz não se toca, nem com palavras. Também desta vez não falo de Beatriz e guardo aqui dentro toda a raiva e a dor. Niko chega e se senta, emburrado.

— O que é?

— Chega, vamos parar com esta besteira. Os Piratas não brigam que nem umas mulherzinhas...

Niko não esperava outra coisa. Sorri, e seus olhos parecem se dissolver. Me dá um empurrão.

— Somos uns escrotos mesmo...

— Fale por você...

Rimos. Enquanto bebericamos duas Cocas gigantes e Niko solta uns arrotos, conversamos. Conversamos. Recomeçamos exatamente de onde havíamos parado. Como só os verdadeiros amigos sabem fazer.

— Precisamos tocar, não fazemos isso há um tempão.

— Pois é, e também temos que nos preparar para a próxima partida.

— Jogamos contra quem?

— Com aqueles mortos de sono da primeira A.

— Os X-Men?

— É.

— Vai ser moleza...

— Niko...

Ele me encara.

— ... Você tem medo da morte?

— Porra, o que a morte tem a ver, quando você está num McDonald's com uma Coca na sua frente? Você virou um babaca total, Leo. Eu acho que são os cabelos. Devia dar um corte, o ar parou de entrar no teu cérebro...

Dou uma gargalhada, mas na verdade estou gelado.

— O que foi que eu já lhe disse mil vezes?

Imito sua voz metálica:

— Você não deve pensar no branco!

— É isso aí, vamos paquerar as gatas no centro...

— Não, tenho que voltar pra casa... estudar...

Niko ri.

Eu finjo rir também.

— Até amanhã.

— Até amanhã. Vamos triturar aqueles caras!

Não é fácil ser fraco.

Eu soube por Silvia que Beatriz está no

hospital. Só Sílvia tem o direito de me dizer certas coisas. Beatriz precisa de sangue. Transfusões de sangue do seu mesmo grupo. É preciso combater o sangue branco e esperar que volte a se constituir em sangue puro, novo, vermelho. Combater o sangue branco pode salvá-la. Eu não sei qual é o seu grupo sanguíneo, mas sei que tenho tanto sangue vermelho no corpo que poderia doá-lo todinho a ela, só pra vê-lo se transformar no vermelho dos seus cabelos. Cabelos vermelho-sangue.

Saio voando na minha bat-cinquenta sem dizer nada a ninguém. Tudo ficou branco: a rua, o céu, as caras das pessoas, a fachada do hospital. Entro e sou tomado por um cheiro de desinfetante que me faz lembrar o consultório do dentista. Procuro o quarto dela. Não pergunto onde é, porque tenho no coração uma bússola que sempre aponta para o seu Norte: Beatriz. De fato, na terceira tentativa eu a encontro. Me aproximo e a observo de longe: está dormindo. Como uma princesa adormecida. Ao lado vejo uma senhora de cabelos vermelhos: talvez seja a mãe, que também está de olhos fechados. Não tenho coragem de me aproximar. Sinto medo. Não sei nem o que dizer nestas circunstâncias. Sílvia talvez soubesse o que fazer, mas não posso ficar ligando pra ela o tempo todo...

Depois me lembro do sonho, e de que Beatriz é o meu sonho. Então vou à recepção do hospital e digo que estou ali pra doar meu sangue vermelho pra substituir o sangue branco de Beatriz. A enfermeira de plantão me olha espantada.

— Escute, nós aqui não temos tempo a perder.

Olho pra ela de cara feia:

— Eu também não.

Ela percebe que estou falando sério e pergunta, com cara enfastiada:

— Quantos anos você tem?

Respondo com cara igualmente enfastiada:

— Dezesseis.

A enfermeira diz que, para menores, é necessária a permissão dos pais. Esta é muito boa! Você quer doar sangue pra uma pessoa que está mal e tem que pedir permissão! Você quer construir um sonho, ou salvá-lo, e tem que pedir permissão! Que merda de mundo! Eles te estimulam a sonhar e depois te impedem quando você mal começou: são todos uns invejosos. E aí vêm com essa de que, para sonhar, você tem que pedir permissão, e, para não precisar pedir, você tem que ser maior de idade. Voltei pra casa. Tinha a sensação de boiar num mar branco, sem portos, sem poder atracar. Não consegui fazer nada. Não falei com Beatriz nem doei meu sangue para ela. Ligo pra Sílvia, senão vou

ficar péssimo.

— Como você está? — pergunto.

— Mais ou menos, e você?

— Mal. Não me deixaram doar sangue pra Beatriz!

— Por quê?

— Quando a pessoa é menor, precisa de permissão.

— Acho normal, pode ser perigoso...

— Quando existe amor, tudo é possível! Não precisa de permissão!

— Pois é... — responde Silvia, e fica em silêncio.

— O que foi? Você hoje está estranha...

Ela repete mecanicamente minha última frase, como se não estivesse me escutando:

— Quando existe amor, tudo é possível...

Não consigo me concentrar em nada. Meu

sonho está desmoronando como um castelo de areia quando a maré sobe e o reduz a escombros de poucos centímetros. Meu sonho ficou branco, porque Beatriz tem um tumor. O Sonhador diz que devo fazer as perguntas certas pra descobrir meu sonho. Então, vamos tentar com essa porra de leucemia! Que merda você está fazendo entre a minha vida e a de Beatriz? Por que envenena o sangue de uma vida tão plena, que mal está começando? Não existe resposta para essa pergunta. É assim e ponto final. E, se é assim, sonhar não adianta. Ou pelo menos: mais vale não sonhar, porque dói mais. Melhor ter sonhos estilo Niko, aqueles garantidos, aqueles que você compra. Vou comprar uns tênis novos, os Dreams, ao menos carrego o sonho nos pés e piso nele.

Tenho os pés no chão e pisoteio o sonho. O Sonhador diz que os desejos têm a ver com as estrelas: *de + sidera*, que significa “estrelas” em latim. Tudo lorota! O único jeito de ver estrelas não é desejar, mas levar um tombo.

— Onde você está, cacete?

A voz de Niko sai trovejando do celular e me desperta de minha letargia. Levo um nanossegundo para constatar que são cinco horas, e daqui a trinta minutos temos a partida contra os X-Men.

— Tive que arrumar meu quarto, senão mamãe não me deixava sair...

Niko não acredita nem por um instante.

— Vá tirando a bundinha daí, precisamos recuperar o primeiro lugar na rodada...

E desliga.

Pela primeira vez na vida, esqueci uma partida.

Não sei o que está me acontecendo. Devo estar doente. Tiro a temperatura, mas não dá nada.

Eu me junto ao berro dos Piratas antes de toda partida:

— *In culo alla balena!* *

Humilhamos os X-Men por 7 a 2. Fiz três gols.

Mas dentro de mim alguma coisa me impede de comemorar realmente.

Vejo aquela baleia branca. Enorme. E tenho pavor de que ela me devore pra valer.

Nota

* Espécie de “simpatia” à italiana para atrair boa sorte. Literalmente: “No cu da baleia!”, em alusão ao personagem bíblico Jonas, que, engolido por uma baleia, sobreviveu a uma tempestade e depois foi expelido na praia. (N. T.)

O Sonhador inventou mais uma de suas

aulas fora do programa: são as melhores! Começa lendo o trecho de um livro que o impressionou, livro esse que ele está estudando ou aprofundando por paixão pessoal. Lê com os olhos brilhando, como quem não consegue evitar compartilhar sua alegria com o primeiro a passar na sua frente. Justamente como ocorre comigo quando eu repito “Beatriz” em voz alta sem perceber, ou quero contar a todo mundo que me sai bem numa arguição, o que é bastante raro...

Dessa vez, ele leu uma narrativa do livro *Momentos decisivos da humanidade*, no qual se fala de três assédios e três saques.

— Roma, Alexandria e Bizâncio. Três cidades apinhadas de tesouros, de beleza, de arte. Três cidades com bibliotecas cheias de livros, que guardavam os segredos de séculos e séculos de literatura e pesquisas. Edifícios lotados de rolos e códices preenchidos pelos sonhos de todos os homens, que no futuro poderiam ser úteis aos sonhos de muitos e muitos outros homens. Mas aqueles sonhos viraram fumaça sob os golpes flamejantes dos bárbaros, dos árabes, dos turcos. Com um gesto inflamado, eles eliminaram prateleiras e prateleiras de papéis que continham os segredos da vida. Incendiaram o espírito do conhecimento e suas asas. Impediram esse espírito de voar, como haviam feito durante séculos, livrando-se das prisões da história. O material dos livros ardeu como naquele romance maravilhoso de Bradbury, que vocês deveriam ler...

Não sei exatamente o que significam essas palavras do Sonhador, mas me soam bem, embora eu nunca tenha ouvido falar desse tal de Bradbury.

No final do seu discurso apaixonado, o Sonhador nos perguntou “por quê?”. Ninguém soube responder. Ele mandou a gente pensar a respeito e escrever em casa uma redação sobre o assunto. O Sonhador é maluco. Acha que a gente é capaz de ter pensamentos desses. Ora, a gente tem que resolver coisas muito mais simples e concretas. Imediatas e úteis: de onde copiar a versão de grego, como conseguir sair com aquela gatinha, como fazer seus pais te darem dinheiro para a recarga do celular, depois de dois dias gastando tudo em torpedos de cinco ou seis palavras cada um... coisas assim. A gente não está habituado a resolver certos questionamentos que o Sonhador apresenta. Não tem a cabeça preparada para certas coisas. Não sabe nem de onde tirar as respostas.

Porque essas perguntas que ele faz não são daquelas que você encontra no Google se digitar: Roma, Alexandria, Bizâncio, incêndio, sonhos, causas, livros... Não aparece nada. Porque não existe na Internet um texto que reúna palavras tão desconexas. Você tem que encontrar a conexão sei lá onde. Por isso é que é tão difícil.

Não sei se vou fazer esse dever. É realmente difícil, mas tem algo de misterioso, porque pela primeira vez a resposta não está em algum lugar de onde você pode copiá-la. Você é quem tem que encontrar a resposta. E talvez esteja em jogo algo mais. Devo tentar. Odeio o Sonhador, porque ele me ferra sempre, me desperta a curiosidade.

A ignorância é a coisa mais confortável que eu conheço, depois do sofá da minha casa.

Tentei falar com minha mãe sobre o sangue que eu

queria doar a Beatriz. Ela não entende, acha que é uma história de vampiros, como essas que estão na moda atualmente. Eu explico. Ela diz que depois a gente pensa, que acha a ideia boa, mas que seguramente muitos outros já devem ter cuidado disso. Eu insisto.

Fale com seu pai.

Frase mágica do jogo de empurra, desde a origem do mundo é assim. É o que vou fazer. Ligo para Niko e vou encontrá-lo. Eu tinha que fazer o dever de casa para o Sonhador, mas não me ocorria nada, talvez a música me ajude. Às vezes você encontra na música as respostas que procura, quase sem procurar. E, mesmo que não encontre, pelo menos acha os mesmos sentimentos que está experimentando. Alguém já os experimentou. Você não se sente sozinho. Tristeza, solidão, raiva. Quase todas as canções que me agradam falam dessas coisas. Ao tocá-las, é como se você enfrentasse aqueles monstros, mesmo quando nem sabe que nome eles têm.

Mas depois, quando termina a música, as coisas continuam como estão. Certo, talvez agora você saiba reconhecê-las melhor, mas ninguém as varreu magicamente para longe. Talvez eu devesse encher a cara para fazê-las desaparecer. Niko diz que funciona. Beatriz continua mal, e antes de tomar um porre eu quero lhe doar meu sangue: não gostaria que depois o álcool a prejudicasse, porque ela é pura. Preciso falar com papai.

Agora mesmo.

Papai não veio jantar. Quando chegou, estava tão

tarde que não tive coragem de lhe pedir nada. Não era o momento oportuno. Ele iria me fulminar, e eu não podia queimar a minha única possibilidade. Continuo acordado porque estou tentando fazer a redação para o Sonhador. Nunca dei a mínima para as tarefas difíceis. Quando não consigo fazer, vou dormir tranquilo e no dia seguinte copio tudo. Mas neste caso, não sei por que, está em jogo algo mais, que me leva a aceitar o desafio. Como se, jogando a toalha, eu traísse o Sonhador ou a mim mesmo.

Estou diante da tela do computador. Digito as perguntas do título: “Por que Roma, Alexandria e Bizâncio foram incendiadas pelos seus conquistadores? O que motivava bárbaros, árabes, turcos? O que os tornava semelhantes, mesmo sendo tão diferentes?”. Branco. Não me vem nada. Branco como esta maldita tela. Branco como o sangue de Beatriz. Ligo pra Silvia. Não atende. Silvia sempre deixa o celular ligado pra eu poder chamá-la a qualquer momento, se precisar de ajuda. Silvia é meu anjo da guarda. A única diferença é que à noite ela dorme e, às vezes, como agora, não sente o celular vibrar. Vou ter que resolver sozinho.

É tarde. Lá fora, só o negro da noite, e minha mente está branca. Tento me transformar num daqueles saqueadores e me pergunto o que desejo obter, incendiando os livros que aquelas cidades contêm. Circulo pelas ruas poeirentas de Roma, de Alexandria e de Bizâncio, a qual, conforme descobri, depois se tornou Constantinopla e mais tarde Istambul, e em meio aos estrondos e aos gritos das pessoas toco fogo em milhares de livros. Me livro de todos aqueles sonhos de papel e os transformo em cinzas, em fumaça branca.

Tá a resposta. Incinerar os sonhos. Queimar os sonhos é o segredo para abater definitivamente os inimigos, para que não encontrem mais a força de se reerguer e recomeçar. Para que não sonhem as coisas bonitas de suas cidades, das vidas dos outros, não sonhem as histórias dos outros, tão cheias de liberdade e de amor. Não sonhem mais nada. Se não permitir que as pessoas sonhem, você as escraviza. E eu, saqueador de cidades, agora só preciso de escravos para reinar tranquilo e imperturbado. E, assim, não deixo permanecer palavra sobre palavra, mas apenas a cinza branca dos sonhos antigos. Essa é a destruição mais cruel: roubar os sonhos das pessoas. Campos de concentração cheios de homens incinerados junto com seus sonhos. Nazistas ladrões de sonhos. Quando você não tem sonhos, rouba dos outros, para que eles também não os tenham. A inveja te queima o coração e aquele fogo devora tudo...

Quando acabo de escrever, lá fora está escuro como antes, e do negro da noite eu roubei os sinais que agora preenchem a tela branca. Descobri alguma coisa: estudando, escrevendo. É a primeira vez, mas não vou criar o hábito... E,

naturalmente, a tinta preta da impressora acabou, só me resta imprimir a redação em cor.

Em vermelho.

O Sonhador circula entre as carteiras pra

conferir o sucesso da pesquisa. Todos parecem ter feito o dever. Cada um por sua vez, quem se candidata é chamado para ler a redação em voz alta. Parece que imergimos na poeira e no fogo de séculos atrás, e no entanto estamos na sala de aula. Todo mundo escreveu algo de que se orgulha, ao menos os que têm a coragem de ler. Eu, claro, não estou entre eles, ler em voz alta é como cantar. A campainha toca. Corremos pra entregar as redações, mas o Sonhador não as quer. Incrível! Prefere que cada um conserve a resposta que encontrou. E que a guarde para si mesmo.

O Sonhador é mesmo um maluco. Te passa os deveres e depois não te dá nota. Que raça de professor é essa, que não te dá nota? Mas o fato é que ele conseguiu levar todos a desenvolverem a pesquisa. Até eu desenvolvi, no coração negro da noite. Talvez então a nota não seja necessária pra te fazer estudar. O Sonhador continua sentado, embora a sala esteja se esvaziando. Sorri, e seus olhos brilham. Tem confiança em nós. Acha que somos capazes de fazer coisas bonitas. Talvez ele não seja um falido total.

Não vou deixar que os saqueadores queimem os meus sonhos e os reduzam a cinzas. Não vou permitir isso a ninguém, porque eu correria o risco de não me reerguer mais. E Beatriz precisa de mim, e não de um monte lamuriento de escombros. Não quero me esquecer do que descobri. Não quero, porque é muito importante, mas tenho a memória fraca. Devo escrever tudo, do contrário esqueço. Talvez o único jeito de me salvar da minha memória seja me tornar escritor.

Quero falar disso com Silvia, é a única que não ficaria me zoando. Como se tivesse escutado meus pensamentos, ela se aproxima, se encosta no meu braço e apoia a cabeça no meu ombro.

— O que você queria ontem? Só vi a chamada hoje de manhã.

— Queria uma mãozinha para a pesquisa.

Silvia levanta a cabeça e me encara com uma expressão triste:

— Certo. E o que mais?

Me deixa ali e vai embora.

Vejo Silvia se afastar e tenho a sensação de não haver compreendido, como quando papai me diz alguma coisa e quer dizer outra. A propósito, preciso falar com ele, antes que eu esqueça...

Se tem uma coisa que me enlouquece são os

“desafios mortais” com Niko. Os desafios mortais são provas perigosas: a adrenalina acelera tanto o sangue que você quase o sente galopar. Um dos que eu prefiro é o das freadas bruscas. A gente sai de motoneta a toda a velocidade e só freia em cima, quem se aproxima mais do carro que está na frente, sem bater, vence o desafio. Foi assim que eu estraguei os freios da minha bat-cinquenta. Nesse desafio, Niko não pode fazer nada contra mim, porque no final se caga de medo; já eu sempre freio só um instante depois que o instinto de sobrevivência me dá sinal. Basta um segundo, mas faz a diferença. Esse é o segredo pra vencer o desafio: fazer o que você deve fazer, um segundo depois.

Quando vimos no sinal o Porsche Carrera preto, flamejante, nos olhamos e arrancamos com as motonetas em velocidade máxima. Emparelhados. Somente o vento tenta nos deter, sem sucesso. A pista faz ruídos sob as rodas que mordem o asfalto esfarelado. Nos aproximamos cada vez mais da traseira do Porsche, estamos um ao lado do outro, aceleradíssimos.

Uma espiada em Niko, a última antes da fase final. Não posso perder o desafio. Somente dez metros nos separam da traseira negra e brilhante do Porsche. Niko freia. Eu espero um instante, o tempo de dizer “um”. Se você não freia, está morto. E eu não freio: um segundo que parece um século. O sangue ronca nas minhas orelhas. E minha roda dianteira beija o para-lama do Porsche, como uma mãe beija o neném recém-nascido. Me viro para Niko com os cabelos desgrenhados me cobrindo os olhos, uma descarga de adrenalina me ofuscando a vista. Sorrio como se faz nos filmes, depois de vencer um duelo. Niko me deve o enésimo sorvete. Não há desafio sem sorvete.

— Como é que você consegue? Minhas mãos apertam os freios mesmo contra a minha vontade: é mais forte do que eu.

Lambo meu sorvete de morango e creme.

— O medo é branco. A coragem é vermelha. Quando você vir o branco, tem que se concentrar no vermelho e contar até um...

Niko me olha como a gente olha os doentes mentais que acreditam dizer coisas sensatas.

— Amanhã temos a partida. Precisamos recuperar o primeiro lugar. Basta vencer e torcer para que o time do Vândalo empate.

— O Vândalo... ele vai nos pagar...

Niko me dá um tapa no ombro que me empurra o nariz dentro do sorvete.

— Assim é que eu gosto.

Ele vai saindo, enquanto eu o sigo como um daqueles palhaços de cara branca e nariz vermelho...

Entro com papai no hospital onde Beatriz

está internada. Conferem meu grupo sanguíneo. É o mesmo de Beatriz. Eu tinha certeza, nós temos o mesmo sangue, vivemos do mesmo sangue. Existem coisas que a gente sente. Minha vida está ligada à de Beatriz, no sangue. Perguntam se uso drogas. Respondo que não. E respondo que não porque papai está presente, e me incineraria e proclamaria sua ameaça preferida, “te reduzo ao pó da tua sombra”. Devo admitir que, como frase, não é ruim.

Mas depois, quando estou com a enfermeira, revelo que um mês atrás dei um tapinha. Mas só um, era pra experimentar. Estávamos em grupo. Não quis fazer papel de cagão. Afinal, era só pra experimentar. A enfermeira me tranquiliza. Uma vez só não faz mal. Mas, se eu fosse um consumidor habitual, não poderia doar. Meu sangue não serviria pra nada.

Encerro o capítulo maconha. Se Beatriz precisar de novo, meu sangue tem que estar perfeito, puro, imaculado. Vermelho como o amor que sinto por ela.

Me tiram uma boa quantidade. É muito mais escuro do que eu pensava. É vermelho-violeta e denso, como meu amor por Beatriz. A visão do sangue saindo do meu braço me provoca uma tonteira e, por um instante, acho que vou desmaiar, mas resisto. O sangue, como o amor, faz você perder a cabeça, e ao mesmo tempo te dá forças pra superar seus limites... Me parece ter dado a vida por Beatriz, estou quase morto e pálido como um vampiro ao contrário: para viver, em vez de sugar o sangue, eu o dei.

Papai me leva pra fazer o jejum.

— Você está pálido como a espuma do seu cappuccino. Vou buscar outro croissant. Você quer de quê?

— Que pergunta... de chocolate.

Papai vai até o balcão e pega um croissant pingando Nutella. Senta-se de novo na minha frente e sorri, como sabe fazer só de manhã. À noite está muito cansado, depois do dia de trabalho.

— Está doendo? — pergunta, apontando o braço do qual me tiraram sangue.

— Arde um pouquinho, mas tudo bem.

— Me fale dessa garota, como se chama... Angelica?

Eu sempre disse que na minha família a memória não é exatamente a principal qualidade.

— Beatriz, papai, ela se chama Beatriz, como a de Dante.

— É uma garota especial para você?

Não quero falar com ele sobre Beatriz e desvio a pergunta.

— Pra você, quem é especial?

— Sua mãe.

— Quando você percebeu isso?

— Foi quando a vi pela primeira vez, durante um cruzeiro que meus pais me deram de presente, como prêmio pela conclusão do ensino médio. Ela tinha um jeito de se movimentar, de inclinar a cabeça quando sorria, de ajeitar os cabelos compridos, que lhe cobriam os olhos...

Papai parece sonhar, com o olhar perdido num passado que lhe corre diante de seus olhos como o início de um filme romântico, daqueles que eu não suporto.

— E depois?

— Depois me aproximei e disse: “Também está neste navio, senhorita?”, e só no ponto de interrogação percebi que a frase não fazia o menor sentido, ou melhor, era ridícula, já que eu a estava vendo pela primeira vez.

— E ela?

— Sorriu e respondeu olhando ao redor, fingindo procurar alguém: “Acho que sim...”, e começou a rir.

— E depois, como foram as coisas?

— Depois conversamos, conversamos, conversamos.

— Na sua época, vocês só faziam conversar...

— Veja lá, rapazinho, não falte com o respeito ao seu pai!

— E conversaram sobre o quê?

— Sobre as estrelas.

— Estrelas? E ela te escutou?

— Sim. Eu era apaixonado por estrelas, tinha comprado meu primeiro telescópio durante o liceu e sabia reconhecer as constelações. Então contei as histórias das estrelas, que do convés do navio, naquela noite fresca e límpida, eram visíveis sem o auxílio de nenhum telescópio. E ela, à diferença das outras moças, escutava e fazia perguntas.

Papai se interrompe, como se tivesse acabado o primeiro tempo do seu filme romântico. Então eu o acordo.

— E depois?

Ele respira fundo e responde num só fôlego, esfregando uma bochecha e aproveitando para esconder um pouco o rosto atrás das mãos.

— Depois, dei de presente a ela uma estrela.

— Como assim?

— Isso mesmo, dei a ela uma estrela, a mais luminosa naquela noite sem lua: Sirius, a única estrela visível de qualquer ponto habitado da Terra, e capaz, numa noite sem lua, de projetar as sombras dos corpos. Nos prometemos que a

olharíamos todas as noites, onde quer que estivéssemos, e pensaríamos um no outro.

Começo a rir. Papai dando Sirius de presente à mamãe... dou um tapa no ombro dele.

— Romântico... E ela?

— Ela sorriu.

— E você?

— Eu senti que daria qualquer coisa para que uma mulher assim existisse realmente na minha vida, e não só num navio de cruzeiro.

Papai se cala. Não parece querer acrescentar mais nada. Tenho a impressão de que está prestes a se ruborizar. Então ele limpa a boca dos farelos do brioche para disfarçar, me encara e diz:

— Estou orgulhoso de você, Leo, pelo que você fez.

Meus ouvidos se destampam, como se até aquele momento eu estivesse surdo.

— Acho que hoje você começou a ser homem: fez uma coisa que ninguém tinha lhe sugerido ou decidido em seu lugar. Foi você que a escolheu.

Fico em silêncio e me aproveito da situação:

— Então, posso escolher mais um croissant?

Papai balança a cabeça, em sinal de resignação cúmplice, e me sorri:

— Você é igualzinho ao seu pai...

Fazia um século que eu não passava tanto tempo com meu pai desse jeito. “Estou orgulhoso de você” é o lema de hoje. Quanto ao resto: repouso. Devo recuperar as forças. Estou cansadíssimo, mas igualmente feliz.

Não revi Beatriz. Agora ela não está mais internada no hospital, voltou pra casa. Acabou o primeiro ciclo da quimioterapia. Uma espécie de antibiótico contra o tumor. Tenho certeza de que fará bem a ela. Beatriz é forte: muito jovem e cheia de beleza para não conseguir. Eu queria ir visitá-la, mas Silvia diz que Beatriz não quer ver ninguém. Está muito cansada e maltratada pela doença, e não tem vontade de conversar. Mas eu queria visitá-la. De qualquer modo, agora ela tem o meu sangue, e isso será como lhe fazer companhia mais de perto ainda. De dentro. Unidos. Espero que meu sangue lhe faça bem.

Me sinto feliz e cansado. Assim é o amor.

— Mas o que é que você tem? Vai correr ou não? Não acerta uma...

Estou exausto. Não devia jogar depois de doar sangue. A enfermeira me avisou que eu devia ficar quieto. Não contei que ia jogar, não podia faltar à partida. Agora me sinto sem fôlego, estamos empatados em 2 a 2 com uns merdinhas da quarta ginásial, e pra eles esta é a partida do século. Perdi uma quantidade escandalosa de gols, pior do que Jaquinta* num de seus piores dias.

— Você está branco como a Morta...

A Morta é uma garota super Emo da terceira série do liceu. Uma única mancha de preto sobre uma pele branca, quase transparente. Sinto ânsias de vômito e não consigo respirar. Sou obrigado a parar na beira do campo. A cabeça gira...

Seguro o rosto entre as mãos e me agacho no chão, esperando que um pouco de sangue me volte ao cérebro. Minha pele coça, e eu sinto frio.

— Não estou aguentando, Niko...

Niko me encara, emburrado.

O jogo termina empatado.

Topete, Varapau e Esponja, quando entram no vestiário, estão falando mal de mim.

— O time do Vândalo perdeu. Nós podíamos ultrapassá-los. Agora, ainda estamos atrás de um. E tudo porque você virou um boiolo... não aguenta nem uma partida...

— Hoje eu doei sangue...

— E tinha que fazer isso logo hoje? Hoje, que teríamos esse jogo?

Eu nem respondo.

Saio do vestiário e deixo que o vento na cara enxugue minhas lágrimas de raiva. Quando você faz uma coisa boa, sempre tem que pagá-la neste mundo... as pessoas não sabem porra nenhuma sobre o amor. Só pensam em futebol, e nem te perguntam por que você teve essa ideia de doar sangue...

Nota

* Vincenzo Jaquinta, jogador italiano de futebol. (N. T.)

Beatriz voltou à escola. Está mais magra.

Mais branca. Os cabelos curtos, de um vermelho mais opaco e apagado. Os olhos sempre verdes, só que mais escondidos. Eu queria passar por ela e dizer quem sou, dizer que lhe doeí meu sangue, que estou muito feliz por revê-la, mas depois compreendo que é melhor ficar calado. Me limito a sorrir quando a encontro no intervalo. Ela me olha por um instante, como se me reconhecesse, e retribui. Seu sorriso não é vermelho como sempre, está mais branco. Mas Beatriz é o coração do meu sonho. Meu sonho é vermelho, e eu tenho que substituir esse branco pelo vermelho-violeta que vi sair do meu braço. Não tenho mais dúvidas. Naquele sorriso está o sentido de tudo aquilo que estou procurando.

Não vou deixar que você vá embora. Não vou deixar que esse tumor branco te leve. Eu é que devia ter esse tumor, e não você. Não vou permitir que lhe aconteça nada, porque você é muito mais necessária do que eu nesta Terra. Quero que você saiba. Por isso vou lhe escrever uma carta, para lhe dizer que existo e que, se você precisar de alguma coisa, pode me pedir a qualquer momento. Hoje vou voltar pra casa e escrever a carta. Deverá ser a coisa mais bonita e vermelha que eu tenha feito na vida. Deverá ser perfeita.

É estranho como os sonhos põem a gente em movimento, como uma transfusão de sangue. Como se entrasse em nossas veias o sangue de um super-herói.

Nunca escrevi uma carta, e não posso nem

baixar da Internet. Na Internet as coisas são sempre velhas. Não pode ter ali uma carta de Leo a Beatriz, eu é que devo redigi-la pela primeira vez. Mas isso me agrada, porque vou escrever uma coisa que ninguém nunca escreveu. Estou emocionado. Pego papel e caneta e vamos lá.

Primeiro problema: o papel sem pauta. Então resolvo escrever no computador. Mas, assim que começo, deixo pra lá, porque fica tudo branco como gelo, frio. Aí pego a folha e recomeço a escrever à mão, mas as linhas saem todas tortas, as palavras caem num despenhadeiro. Dá raiva: tudo culpa do branco absoluto. Não posso mandar pra ela uma carta de analfabeto. O que é que eu faço?

Então me ocorre uma ideia. Imprimo uma página em branco, mas com linhas pretas bem grossas, parecendo o pijama do papai. Coloco essa página embaixo da folha branca e uso as linhas como guia escondida. Ótima ideia. Para derrotar o branco que te faz escrever torto, são necessárias linhas pretas escondidas, grossas e fortes. Agora, é só preencher essas linhas. Esta é a parte mais difícil.

Querida Beatriz, como vai?

Um dia destes eu te vi novamente na escola, sorri pra você e você me sorriu, não sei se está lembrada. Bom, aquele sou eu. Aquele com os cabelos de maluco: Leo. Te escrevo porque quero estar contigo neste momento. Não sei bem o que se deve dizer em certas circunstâncias. Não sei se devo fingir não saber que você está doente, se devo fingir não ter te doado meu sangue, se devo fingir que não gosto de você... em suma, não consigo fingir. E, assim, já te disse tudo: você está doente, eu te doei meu sangue e gosto de você. Agora posso falar mais livremente, porque já encerrei com as coisas importantes. Aquelas que a gente deve dizer de qualquer maneira, porque, se não disser, está fingindo, e se está fingindo se sente mal. Em vez disso, quero ser sincero com você, porque você faz parte de um sonho. Como diz o professor Sonhador. Na verdade, o nome dele não é Sonhador, mas é aquele que substitui a Argentieri, e, como fala sempre de sonhos, a gente deu a ele esse apelido. Eu estou procurando o meu sonho. O segredo é fazer as perguntas certas. As perguntas certas às coisas e às pessoas que são importantes pra gente, e ouvir o que o coração responde. E você? Tem um sonho? Já pensou nisso?

Te mando um forte abraço, e espero receber logo suas notícias.

Leo, da primeira D.

Não tenho o endereço de Beatriz. Não tenho

nem envelope... ou melhor: não saberia nem como escrever o endereço, onde colar o selo e tudo o mais. Tenho vergonha de perguntar à mamãe. Então saio. Pego a motoneta. Compro um envelope. Coloco a carta dentro. Escrevo em letras garrafais “Para Beatriz” e depois vou à casa de Silvia para pedir o endereço, assim posso deixar o envelope diretamente na caixa de correspondência.

Minha bat-cinquenta é um tapete voador de felicidade, voa em direção à sua meta. Não posso de jeito nenhum confiar ao correio italiano a carta da minha vida. E então voou rumo ao azul como o mensageiro de uma herança bilionária. Meu coração bate ao ritmo dos giros das rodas da motoneta. Rio, canto, e não escuto nada. Nem mesmo a buzina que, do lado direito, grita que eu devia me lembrar de consertar os freios. E não é um desafio mortal de freadas, não houve nem tempo de sentir medo, nem de contar até um, nem de frear..

Depois, branco.

Quando acordo, estou num leito branco de

hospital. No cérebro, o branco. Não me lembro de nada. Minha cabeça parece estar separada do resto do corpo. Provavelmente fui raptado, sedado e transformado num super-herói. Me pergunto que poderes adquiri: voo, teletransporte, invisibilidade, leitura do pensamento... Experimento o teletransporte, mas me dou conta de que não posso me mover um só centímetro. Resultado de algo rígido que tenho ao redor do pescoço e que me mantém paralisados o tronco e a cabeça. Pela primeira vez, compreendo o que Terminator sente quando o puxo pela guia.

Abro os olhos: ao meu lado está minha mãe. Tem os olhos vermelhos.

— O que aconteceu?

Mamãe me conta que um carro me atropelou. Pelo menos foi o que contou uma testemunha do acidente. Eu não recordo nada ou quase nada, algo confuso. Enfim, seja como for: fissurei uma vértebra e devo ficar imobilizado na cama por pelo menos dez dias. Como se não bastasse, tenho um pulso quebrado, o direito, já engessado: nada de deveres de casa. Mas quem me meteu nesta (quase) encrenca? Minha mãe diz que o atropelador não parou. Fugiu. Um pedestre anotou a placa, papai vai cuidar disso. Agora, o importante é que eu fique bem e me levante logo, mas por este ano posso dar adeus à semana na montanha e ao snowboard... Quando eu sair daqui, já vai ser Natal.

Me sobe uma raiva que eu não conheço. Uma raiva tão grande que eu poderia descarregá-la até em minha mãe, embora ela não tenha nada a ver com o que aconteceu. Agora me lembro. Eu estava levando a carta a Beatriz, tinha acabado de sair da casa de Sílvia com o endereço escrito diretamente no envelope. E, depois, o escuro. Sei lá que fim levou a carta. Estava no meu bolso. Agora estou usando pijama, colar ortopédico e gesso... sei lá onde foi parar a carta.

Merda. Mais uma vez, você tenta fazer uma coisa boa e por algum motivo se vê de bunda no chão. Quem inventou o azar? Por que eu, caralho? Que culpa eu tenho? Não amo mais, e vá todo mundo tomar no cu.

Pelo menos entendi em qual super-herói me transformei: Azarman.

Dormi pelo menos um século, a julgar pela

dor de cabeça que tenho quando abro os olhos e pela luz que me fere as pupilas. Assim que consigo entender quem sou e onde me encontro, vejo dois olhos celestes como o azul do amanhecer, quando demora a ficar intenso. São os olhos de Silvia, azuis como o céu sem nuvens. Silvia é a Fada Azul e eu, o Pinóquio. Ela faz com que eu me sinta normal, mesmo na minha armadura de gesso. Sorrio, apertando os olhos. Silvia corre a fechar as cortinas para a luz não me incomodar.

— Está com sede?

Ela pergunta antes que eu consiga conectar minha boca seca ao cérebro e o cérebro à boca seca, para fazer o pedido. Me dá um copo de suco de abacaxi que comprou especialmente pra mim. O meu preferido. Ainda não tive tempo de expressar um desejo e Silvia já o satisfaz. Se ela não fosse só uma amiga, talvez eu pudesse amá-la.

Mas o amor é outra coisa. O amor não dá paz. O amor é insone. O amor é elevar a uma potência. O amor é veloz. O amor é amanhã. O amor é tsunami.

O amor é vermelho-sangue.

Niko veio me ver. No início, não me encara.

— Desculpe, Leo, por aquele dia, no jogo... imagine se você morresse... me deixava aqui sozinho com aquele bando de fodidos... acabavam os Piratas, acabavam os desafios mortais, acabava a música... Não me pregue mais essas peças...

Sorrio. Estou feliz. Reencontrei Niko. Quase não tínhamos nos falado depois da partida. Nenhum dos dois queria pedir desculpas. Ele é que devia pedir. Eu tinha passado mal e pronto.

— Quanto tempo você vai ficar assim?

— Engessado, mais ou menos um mês. Por sorte foi uma fratura fechada...

— Bom, então só perde uma partida. Espero que a gente consiga se virar sem você.

— Coloque Palito no time. Embora ele não tenha um bom chute, sabe como se manter em campo. E você, faça uns treinos extras. Afinal não é uma partida assim tão difícil, a próxima.

— Mas eu sem você não me divirto, Pirata.

Sorrio.

— Você vai ver, eu me recupero logo e a gente ganha aquela taça. Ninguém pode deter os Piratas, Niko, ninguém... E também temos umas contas a acertar com o Vândalo.

Niko se levanta e assume a postura de hino nacional italiano. Com a mão sobre o coração, canta em voz alta e eu o acompanho. Cantamos aos berros. Quando a enfermeira entra pra ver o que está acontecendo, caímos na gargalhada.

— Se fizerem bagunça, eu tasco uma anestesia geral nos dois! E você, nem doente consegue se comportar?!

Niko a encara, repentinamente sério e extasiado.

— Quer casar comigo?

A enfermeira, pega de surpresa, começa a rir.

Niko se vira pra mim, suspirando.

— Ela aceitou...

O resto da turma veio me visitar. Fiquei contente.

Por que será que, para estar no centro das atenções, é necessário ficar desse jeito, sei lá por quê. Às vezes na vida te bate uma vontade de fazer uma coisa tão estupenda que os outros não possam mais te ignorar: estar nos olhos e na boca de todos. Principalmente naqueles momentos em que você se sente sozinho e quer cuspir sua solidão na cara das pessoas. Então imagina se jogar pela janela, assim todos aqueles pedaços de merda compreendem o que você está passando e o que significa deixar os outros sozinhos. Seja como for, a dor e a desgraça parecem a melhor maneira para o mundo cuidar de você e lhe querer bem.

Trouxeram minhas revistinhas preferidas. Silvia pintou um quadro pra mim. É pequeno. Tem um barco no meio do mar, apontando a proa para o horizonte azul, no qual céu e mar se misturam. É como se tivesse sido pintado de dentro do barco. Eu o penduro diante de mim. O quadro me faz companhia quando fico sozinho neste quarto de hospital. É um quarto para dois pacientes, mas por enquanto só eu estou aqui. Ainda bem. Me daria muita vergonha fazer xixi no patinho diante de outra pessoa, talvez com a enfermeira segurando o recipiente pra mim... Por um instante, sinto inveja de Terminator, que não tem problemas pra fazer xixi diante de hordas de cães e filipinas. Os cachorros não sabem nem ficar ruborizados.

Niko me trouxe um CD. Assim eu o escuto e, quando me levantar, tocaremos alguma coisa. Os outros colegas também me trouxeram alguma coisa. É bom estar no centro das atenções, mesmo que o preço seja algum osso quebrado.

É bom se deixar amar...

De alguns dias pra cá, tenho um companheiro

de quarto. Um senhor corpulento. Imenso. Um elefante urbano. Fraturou duas vértebras. Deve permanecer imóvel e fazer tudo na cama: até as necessidades fisiológicas. Odeio seu cheiro. Ele fica o tempo todo olhando o teto ou a tevê, que está mais ou menos no teto. De vez em quando nos falamos. Ele é simpático. Está arreventado, mas tranquilo. De vez em quando se emputece, quando sente dor ou não consegue dormir. Tem uma mulher que o assiste. A filha e o filho vêm visitá-lo com frequência.

É bom, quando você está mal, ter uma família que te esteja próxima. Como é que você faz se não tem uma família, uma mulher, filhos? Quem te cuida quando você está mal? Graças ao Elefante, vi o que é ter uma família. Não que eu não tenha. Mas vi o que eu não conseguia ver. Porque você não entende ou não consegue ver as coisas enquanto não está dentro delas. E então os pais lhe parecem dois enchedores de saco profissionais, que existem só pra te proibir de fazer o que você gostaria de fazer.

Mas o Elefante, sua mulher e seus filhos me mostraram isso com clareza: quando for adulto, quero ter uma família unida como a deles. Porque, mesmo estando mal, você fica tranquilo, e esse é o sentido de uma vida bem vivida: alguém que te ama, mesmo quando você está mal. Alguém que suporta o teu cheiro. Só quem ama o teu cheiro te ama de verdade. Te dá força, te dá serenidade. E isso me parece um belo modo de barrar as dores que acontecem na vida.

Tenho que me lembrar disso. Tenho que me lembrar sem falta, porque é algo a incluir no meu sonho para quando eu for adulto. Com Beatriz. Eu amo o perfume dela, desde sempre. O perfume irresistível dos sonhos, da vida, do amor.

Entra o Sonhador. Mal posso acreditar.

Um professor que vai ver um aluno no hospital. Ou melhor, um substituto. Me sinto um rei que toca o céu com um dedo, ou algo do gênero. O Sonhador se senta ao lado do leito e me fala da escola. As arguições, os deveres e alguma coisa sobre o programa. Já estamos no finalzinho, as férias de Natal estão prestes a chegar. No quadro já apareceram as guirlandas prateadas, e o Barba, o inspetor da escola que tem a barba tão comprida e espessa que a gente poderia pendurar nela as bolas de Natal e as luzinhas, já montou sua árvore meio ressecada. Fico imaginando e lamentando não estar lá, num daqueles raros momentos em que a escola é divertida.

O Sonhador me conta que, quando tinha a minha idade, também quebrou um braço, jogando futebol. Me mostra a cicatriz que ficou depois da operação. Eu, por sorte, não precisei me operar e estava inconsciente quando colocaram meu osso no lugar. Quanta dor você se poupa enquanto dorme! O problema é quando você acorda.

Seja como for, o Sonhador é realmente divertido, porque te conta as coisas como qualquer um faria. Ou seja, ele é normal. Tem uma vida como a minha. Também me conta uma piada, que não faz rir, mas eu finjo, pra ele não ficar sem graça. Me pergunta como anda o meu sonho e eu explico o ponto a que cheguei. E digo que tudo se despedaçou com o acidente e também não sei se quero continuar, porque sempre que me empenho nisso acontece algo ruim: primeiro Beatriz, agora eu. O Sonhador sorri e diz que isso faz parte dos sonhos verdadeiros.

— Os verdadeiros sonhos se constroem com os obstáculos. Do contrário, não se transformam em projetos, continuam sendo sonhos. A diferença entre um sonho e um projeto é justamente esta: as bordoadas, como na história do meu avô. Os sonhos não são aqui e agora, se revelam aos poucos, às vezes de maneira diferente de como os tínhamos sonhado...

Ou seja, o Sonhador está dizendo que eu sou um felizardo por ficar na cama com as vértebras quebradas! Não acredito, e digo a ele.

— Eu não tinha dúvida.

Rimos. Mas ele me explica que, se estou acamado, é porque estava fazendo algo especial, estava realizando o meu sonho, ao levar a carta. E se um sonho tem tantos obstáculos, significa que é o certo. Os olhos dele brilham. Quando se despede, eu me atrapalho e o chamo Sonhador. Ele ri e acrescenta que já sabia que nós o chamamos assim. Vai embora e eu mordo a língua, porque o Sonhador acha tudo ótimo, até os apelidos. Quem disse que, para ter autoridade, é preciso ser antipático?

A visita do professor me deixou de bom humor: tenho vontade de sair daqui, de jantar com mamãe e papai, levar Terminator pra fazer xixi, tocar com Niko, estudar com Silvia, beijar Beatriz.. Mas no fundo, no fundo, o Sonhador me deixou um pouquinho emputecido porque... me dá raiva admitir... fico querendo ser como um substituto fodido de história e filosofia.

Minha mãe encontrou a carta, suja de sangue e

asfalto. Estava no bolso dos jeans. Os jeans ela jogou fora. Estava rasgado. Mas, antes de jogar fora, remexeu nos bolsos. Dois euros. Um elástico. Uma figurinha de Bart. As borrachas. Uma carta. Tem meu sangue nesta carta. Já coagulado e seco. E emoldura o nome de Beatriz. É a segunda vez que dou meu sangue pra ela. E isso me deixa feliz, como na primeira vez. Releio a carta. É uma boa carta, embora não dê pra ler algumas palavras, sujas de sangue como estão. Preciso encontrar o jeito de entregá-la. Nem que tenha de me levantar sozinho desta cama!

Gandalf também veio me ver. Por essa eu não

esperava. Ele tem vinte mil turmas, pelo menos oito milhões de alunos, além de sua paróquia e de uns cem anos de idade pra arrastar todos os dias com aquele corpo transparente que mais parece o Espírito Santo, no qual ele tanto acredita... e ainda assim vem me visitar. Não que me desagrade, ao contrário, mas me impressiona. Eu não esperava. Ele pede que eu conte o que aconteceu. Conto tudo, inclusive sobre a carta. Me sinto à vontade. Não digo que se trata de Beatriz, fico nas generalidades. Ele diz que eu sou um filho predileto de Deus. Respondo que de Deus não quero nem ouvir falar, porque se existisse não teria deixado Beatriz adoecer.

— Se ele é onipotente e onitudo, por que me fez isso? Por que quis me fazer sofrer, e fazer sofrerem outros como eu, que não fazem mal a ninguém? Filho predileto, coisa nenhuma. Eu realmente não entendo Deus. Que raça de Deus é esse, se o mal existe?

Gandalf diz que eu tenho razão. Tenho razão, como assim? Eu o provooco, e ele me dá razão? Bah... pelo menos os padres deveriam defender suas posições. Gandalf retruca que até Jesus, que era o filho de Deus, se sentiu abandonado pelo pai e lhe gritou isso no momento da morte.

— Se Deus tratou seu filho desse jeito, tratará desse jeito todos aqueles que considera seus filhos prediletos.

Que raio de raciocínio é esse? Mas não tive o que retrucar, porque isso — diz Gandalf — está contado nos evangelhos:

— Se a gente quisesse inventar um Deus forte, faria isso sem problemas, não imaginaria um Deus fraco que, ainda por cima, se sente abandonado pelo pai no momento da morte.

Gandalf vê o sangue na carta que conservo junto de mim, na mesa de cabeceira, e me diz que ela lhe lembra seu crucifixo: uma carta escrita aos homens, assinada com o sangue de Deus, que com esse sangue nos salva. Interrompo Gandalf, senão ele envereda por uma pregação de quinhentas mil horas, e não creio que seja o caso. Mas ele me deixou encucado, e também esta ideia do sangue me agrada. Como eu fiz com Beatriz. Talvez essa seja a única coisa verdadeira de todo o discurso sobre Cristo: o amor é dar o sangue. O amor é vermelho-sangue.

— Leo, não existe uma resposta convincente para a dor. Mas, desde que Cristo morreu na cruz por nós, há um sentido nisso. Há um sentido...

Eu o abraço afetuosamente, como posso. Ele já havia saído quando percebo que deixou seu crucifixo em cima da carta para Beatriz. Atrás daquele pedaço de madeira em forma de T, está escrito “Dar a vida pelos próprios amigos, não

existe amor maior do que esse”. Como frase, não é ruim. Quero me lembrar dela. Guardo o crucifixo dentro do envelope, quando voltar à escola tenho que devolvê-lo a Gandalf, e também sinto vergonha de sair por aí com um crucifixo: dá azar.

Estou cheio de ficar pregado na cama. Cheio

mesmo! Os dias não passam nunca. A posição é incômoda, e muitas vezes o braço engessado coça tanto que eu seria capaz de arrancá-lo. Os minutos não passam nunca. O único jeito de preenchê-los é não pensar. A tevê fica sempre ligada, e essa é a melhor maneira que eu tenho para me distrair. Porque, se me concentro no meu corpo, sinto dor, e, se me concentro nos meus pensamentos, sinto mais dor ainda. Por que a dor resolveu se tornar minha melhor amiga?

Como diz o Sonhador, ela é necessária para que os sonhos se tornem realidade, e então eu a suporto, mas a dispensaria numa boa. Deve haver um modo mais fácil de realizar as coisas... sem cansaço, talvez... eu me canso até de assistir à tevê. Não sei por quê. Afinal, estou parado na cama. Mas é um dado de fato. A tevê me cansa. Tudo igual: uma anestesia geral. Na tevê, a metade das histórias é sobre os segredos das pessoas, e a outra metade sobre o que as pessoas fazem quando seus segredos são descobertos. Eu tenho um segredo, mas vê lá se vou contá-lo na tevê.

Meu segredo é Beatriz.

Silvia veio me ver. Me trouxe um livro.

É um livro de contos.

— Vai te ajudar a passar o tempo.

Silvia é como a ressaca do mar: está sempre ali, mesmo que você não a escute. E, se você a escuta, ela te embala. Se eu amasse Silvia, me casaria logo com ela, mas o amor não é ressaca, o amor é tempestade. Pergunto por Beatriz. Silvia diz que ela está internada de novo. Para o segundo ciclo de quimioterapia.

— Está aqui, no mesmo hospital.

Não posso acreditar. Estou dormindo sob o mesmo teto de Beatriz e não sabia! Isso me deixa maravilhado. Não falo muito do assunto com Silvia porque é um pensamento tão bonito que eu quero saboreá-lo sozinho. Depois quero voltar a esse pensamento, e devo fazer uma coisa. Ou melhor, faço logo.

— Por que você não leva pra ela a minha carta? — peço a Silvia.

Ela diz que não é o caso e baixa os olhos, quase triste. Talvez tenha razão. Beatriz dorme muito durante a quimio, fica esgotada. Beatriz vomita com frequência. Silvia não tem coragem de ir procurá-la para entregar a carta de alguém. Talvez não seja o momento oportuno. Acho que Silvia tem razão.

Falamos da escola. Erika-com-k está namorando Luca. Parecem um casal inseparável. O estranho é que Erika-com-k, que costuma ser boa aluna, já foi apanhada despreparada duas vezes. Na véspera estava com Luca. Luca nunca estudou muito e circula com Erika-com-k a tarde toda. Ficam de bobeira, se beijando sem parar. Erika-com-k diz ter descoberto que no fundo o estudo não é importante. Agora que ama, todo o resto mudou de valor. Porque não existe nada como o amor pra te fazer se sentir bem. Erika-com-k tem razão, concordo com ela. Digo a Silvia que felicidade é ter o coração apaixonado. Silvia me dá razão, mas diz que é estranho uma pessoa mudar de personalidade quando se apaixona. Se Erika sempre estudou, por que parar agora que está apaixonada? Parece ter se tornado uma Erika-com-k qualquer: como se não fosse ela mesma.

Por que Silvia sempre levanta questões sobre assuntos que eu acho tão claros? Me deixou em crise até nesta convicção intocável sobre o que é estar apaixonado. Pergunto se ela já se apaixonou alguma vez. Silvia diz que sim e fita a ponta dos dedos de uma mão.

— Por quem?

— É segredo. Talvez um dia eu te fale disso.

— Ok, Silvia, respeito sua privacidade, mas saiba que pode sempre contar comigo, para qualquer segredo.

Silvia sorri, incerta, e depois me fala da Nicolosi. A Nicolosi é a professora de educação física. Uma mulher em torno dos cinquenta anos que deve ter sido

bonita quando jovem, mas agora não é mais. Tenta de todos os jeitos bancar a jovem, mas fica ridícula. E ninguém tem coragem de lhe dizer isso. Ela não é como a Carnevale. A Carnevale é a professora de biologia. Mesmo já tendo cinquenta anos, ainda é uma bela mulher, mas uma bela mulher de cinquenta anos. A Nicolosi, ao contrário, se veste como uma de vinte, e então fica ridícula. Seja como for, Sílvia me contou que a Nicolosi foi à escola com uma minissaia tão míni que os garotos piraram.

— Não! E eu perdi isso...

Sílvia se interrompe:

— Você é um porco!

— Não, um leão...

Claro que os colegas fotografaram a Nicolosi com seus celulares.

— Você não gosta de ser olhada?

Sílvia hesita por um instante:

— Sim... gosto muito... mas não quero obrigar ninguém a me olhar, e uma mulher sabe como obrigar os homens. Já outras preferem esperar uma pessoa que esteja ali só para elas e queira descobri-las aos poucos, como se faz com um sonho...

Essa é outra coisa sobre a qual devo refletir. Os sonhos são como as estrelas: você as vê brilharem todas, quando as luzes artificiais se apagam, e no entanto já estavam ali antes. Você é que não as via, por causa do excesso das outras luzes. Sílvia me obriga a refletir. Faz de propósito. E eu adormeço quase imediatamente. Não fui feito pra refletir por muito tempo. Adormeço lamentando o que estou perdendo na escola. Embora, antes de eu mergulhar na escuridão, passe pela minha cabeça a ideia de que não estou perdendo nada realmente necessário pra viver...

É oficial: a escola é inútil. Se um dia eu virar ministro da Educação, a primeira coisa que faço é fechar as escolas.

Quando acordo, imediatamente me ocorre

que Beatriz está no meu mesmo hospital, e saboreio essa informação como uma pastilha Mentos. Isso me faz esquecer a dor, o tédio, a televisão. Quando a pessoa mais bonita que você conhece está por perto, tudo se transforma, até as coisas feias. Antes não faziam sentido. Depois se tornam sensatas. Preciso pensar num plano. Quero pelo menos vê-la. Agora já posso me levantar da cama. O braço fica na tipoia e o pescoço está rígido graças ao colar ortopédico, mas a imobilidade não é mais necessária. As radiografias estão boas.

Então me decido. Desço da cama. Empetecado desse jeito, não sou exatamente um prodígio de beleza, não posso nem trocar o pijama por outra roupa. Mas paciência. No hospital você se acostuma a ver as pessoas de pijama. É incrível a rapidez com que você consegue admitir estar de pijama diante de alguém que não conhece. No hospital é assim que acontece. Talvez porque todo mundo esteja igualmente ridículo, diante da dor e do sofrimento. Todos tão iguais que o pijama é o uniforme certo para anular as diferenças. E, afinal, estou usando um pijama elegantíssimo de papai. Mamãe trouxe ele para mim porque é de tamanho maior e não atrapalha o gesso. E também sinto o cheiro do meu pai, o que me dá a sensação de estar em casa.

Assim elegante, eu me aventuro pelos corredores do setor feminino. Não tenho coragem de perguntar por Beatriz diretamente às enfermeiras, e circulo como se estivesse dando um passeio. Espio os quartos do setor de oncologia. Sílvia me disse que esse é o nome do setor dos tumores. Não sei bem a razão, mas esse “onco” deve ser alguma coisa de grego que tem a ver com os tumores, porque a parte “logia” da palavra tem sempre outro termo grego junto. Preciso procurá-lo no dicionário Rocci quando voltar pra casa. O Rocci, uma bênção para os oculistas! Não me faz falta nenhuma. Vou espiando os quartos. Como no meu setor, a maioria é de pacientes idosos. Velhos. Eu sou uma espécie de mascote. O Elefante tem setenta e cinco anos... O hospital é uma galeria de velhos brancos. Os jovens, se estão no hospital, é porque deram azar. Já os velhos, porque são velhos.

Mas, quando vejo uma cabeça com poucos cabelos vermelhos, acomodada sobre um travesseiro branco, como se fosse uma rosa apoiada sobre a neve ou o sol na Via Láctea, é a de Beatriz dormindo. Sim, é Beatriz dormindo. Entro. Sua companheira de quarto é uma idosa, cheia de rugas que parecem esculpidas, de tantas que são. A velha me sorri como uma folha de papel-alumínio amassado.

— A menina está muito cansada.

Retribuo o sorriso. Me aproximo, rígido como uma múmia, do leito de Beatriz. Fico apavorado. Porque acima dela tem um frasco de soro, e uma

cânula termina diretamente dentro do seu pulso. Entra em suas veias, e a agulha que fere a pele de Beatriz deixa entrever seu sangue vermelho. Nessas veias ainda corre o meu sangue. Os meus glóbulos mais vermelhos, que nunca devoram os brancos dela para torná-los vermelhos também. Sinto a dor de Beatriz em mim e queria que essa dor fosse minha e ela estivesse bem. Até porque, de qualquer modo, tenho que estar aqui no hospital.

Beatriz dorme. Está diferente de como eu me recordava dela. Indefesa. Pálida, uma estranha cor azul-marinho lhe circunda os olhos, e eu sei que não é maquiagem. Dorme. Seus braços, cobertos por um leve pijama azul-claro, estão abandonados ao longo do tronco. As mãos são delicadas e magras. Eu nunca a tinha visto tão de perto. Parece uma fada. Está sozinha. Dorme. Eu me detenho ali, olhando-a, durante pelo menos meia hora. E ela dorme. Não nos dizemos nada, mas não é necessário. Observo bem o seu rosto pra me lembrar de cada traço. Ela tem uma covinha na bochecha direita, que a faz parecer sorridente mesmo enquanto dorme. Não faz ruído. Não se escuta sua respiração. Está silenciosa. Mas luminosa como sempre, como uma estrela na noite. Depois entra uma enfermeira que vem fazer uns controles e me manda sair. Me levanto meio desajeitado, com meu pijama de cerimônia.

— Conhece essa garota, frajola?

A pergunta é da enfermeira gorda como a carne enlatada Simmenthal comprimida em gelatina, toda tremulante pela piadinha que acaba de fazer. Fico um instante em silêncio e respondo com um sorriso infinito:

— Sim, é minha namorada. Pra ficar perto dela, tive que quebrar um braço...

A enfermeira Simmenthal retém algo mais que um sorriso que não sei definir... Antes de sair, faço uma carícia em Beatriz. Mas sem acordá-la. Só quero que, ao despertar, ela encontre minha carícia, bem ali na sua face.

Fique boa, Beatriz. Eu tenho um sonho. E nele, preciso ter você comigo.

Não deixei a carta para Beatriz, me esqueci,

culpa da enfermeira-Simmenthal, que me distraiu. De qualquer modo, não era o momento. Abro a carta para relê-la. Como se estivesse lendo pra ela em voz alta. O crucifixo de Gandalf cai no chão. Tinha ficado dentro do envelope. Se mete no cantinho mais difícil de alcançar, como só as coisas de que você precisa sabem fazer. Quase tenho que arrancar meu braço são para recuperá-lo. Aperto o crucifixo na mão. Puto da vida. Olho pra ele. Também dorme. Tem a mesma expressão de Beatriz adormecida. E compreendo que ele também compreende o que Beatriz está sentindo, porque parece ter passado por isso.

Por que as pessoas boas, admitindo-se que você exista, devem sofrer? Não adianta, você não responde. Não sei se você existe. Mas, se existe e faz milagres, faça um pra mim: faça Beatriz ficar boa. Se fizer, vou começar a acreditar em você. O que acha?

Passei o dia inteiro sentado na cama, examinando

no microscópio da minha memória o rosto adormecido de Beatriz. Me aninhei na covinha de sua bochecha direita e fiquei ali durante horas, como um recém-nascido no berço, ou como, quando criança, eu enchia de cores aqueles álbuns insuportáveis em preto e branco. E dali se via melhor o mundo, me parecia poder escutar o silêncio sem ter medo dele, poder tocar a escuridão. Era como se meus sentidos crispados se espreguiçassem depois de um longo sono. Assim se passaram as horas, sem que eu me desse conta. Mas não como acontece com a tevê. Porque agora não estou cansado, poderia recomeçar.

Já é noite. Lá fora está escuro. Quero proteger Beatriz da noite. Desço do leito e me encaminho para seu setor. Não sinto mais o cheiro do hospital, agora só sinto o cheiro dos doentes e tenho menos medo dele. Recuo. Não posso ir de mãos vazias. Entro num quarto onde há umas flores numa jarra. Duas senhoras assistem à tevê. Deve ser um daqueles filmes chatíssimos da Retequattro. Mas elas parecem ter caído num silêncio hipnótico de Retequattro. Os velhos... Me aproximo da jarra. Pego uma margarida. Branca. Uma das duas mulheres se vira para mim. Sorrio.

— É pra uma amiga.

O rosto, que parece saído de uma caverna pré-histórica, assente, aprofundando as rugas como rios.

— Boa-noite.

— Boa-noite.

Ela me diz isso docemente, relaxando os rios de suas rugas num mar de paz. Saio feliz, com minha flor na mão. É linda, esta margarida. Simples, exatamente como uma margarida deve ser. É como se a semente tivesse sido plantada sei lá por quem, à espera deste momento. Aquele jardineiro não sabia, mas fez isso para mim. Seu trabalho tinha sentido para este momento. Num corredor de hospital, no silêncio branco da noite, eu levo uma margarida para Beatriz, quarto 234 do setor de oncologia. Quando entro, o quarto está em semiescuridão. Só distingo as silhuetas de Beatriz e da senhora das rugas. Já estão dormindo. São tão parecidas, na penumbra! Ambas estão esgotadas pelo seu mal. Tão próximas, e no entanto tão diferentes... Não é justo que um jovem se torne velho assim às pressas. Beatriz dorme. Só entrevejo seu perfil, que me parece conter todos os perfis mais bonitos que conheço, sob a coberta marrom do hospital. Me aproximo e deixo minha margarida ao lado dela, na mesa de cabeceira. Sussurro uma canção, sem nenhuma vergonha, sem me ruborizar.

*“Buonanotte, buonanotte, fiorellino, buonanotte fra le stelle e la stanza. Per sognarti, devo avverti vicino, e vicino non è ancora abbastanza...”**

Me afasto em silêncio. Fiz o que devia fazer: minha primeira serenata. De pijama, mas fiz.

Nota

* “Boa-noite, boa-noite, florzinha, boa-noite entre as estrelas e o quarto. Pra sonhar contigo, devo ter-te perto, e perto ainda não é o bastante...”. Trecho da valsinha *Buonanotte, fiorellino*, de Francesco De Gregori. (N. T.)

Volto pro meu leito e não consigo pegar no sono.

Quando olho para Beatriz, um tijolo se planta no meu estômago. É diferente daquela sensação que você tem quando vê uma garota que te atrai. Existem garotas que te viram a cabeça por sua beleza. Beatriz me planta um tijolo no estômago, um peso que devo carregar, um peso doce... dever ser esse o sinal do verdadeiro amor. Não simplesmente o amor que faz a cabeça da gente girar como numa vertigem, mas o amor que te planta no solo, como a gravidade. Acabei adormecendo com a luz acesa, olhando o quadro que Silvia me deu. Fiquei me imaginando no timão daquele barco, com Beatriz ao meu lado, nós dois nos dirigindo à ilha onde todos os nossos sonhos se tornariam realidade. Uma margarida entre seus cabelos afoqueados pelo sol, como se fossem feitos da superfície do mar.

Como diriam Aldo, Giovanni e Giacomo:* me pergunte se sou feliz. Sim, pelo menos nos sonhos.

Nota

* Popular trio cômico italiano de atores e diretores de teatro, tevê e cinema. (N. T.)

Finalmente vou voltar pra casa. Amanhã é

Natal, e me deram alta. Que alegria... Por enquanto, a única coisa embalada é o meu braço: com uma tonelada de gesso! Mas antes devo deixar a carta para Beatriz. Assim, quando ela também sair do hospital, nos veremos novamente. Tudo se resolverá e viveremos felizes e contentes. Espero o favorecimento da noite, quando o hospital é uma roncaria descomedia que brota dos quartos como o grunhido de um javali. O cheiro das doenças parece se aquietar durante o sono, como a dor. Tenho a minha carta, num envelope novo que pedi a Silvia pra comprar. Fechado. Me encaminho em passos suaves para o setor de Beatriz. A cada passo, sinto minha alma se dilatar, e meu coração se transforma numa casa que Beatriz já começou a decorar a seu gosto, deslocando coisas, sentimentos, sonhos, projetos. Repito de cor as palavras da carta, como se se destacassem do papel e ganhassem vida.

A porta do quarto está fechada. Abro com toda a delicadeza que consigo. Me aproximo do leito de Beatriz quase sem respirar, para escutar todos os seus sussurros, sentir todos os seus perfumes.

O leito está vazio. Os lençóis, intactos, brancos, sem uma prega.

Me sento no leito. Aperto a carta nas mãos até amarrotá-la. Meu sonho é como aquelas pipas que eu construía com papai quando era pequeno. Meses de preparação, e depois elas não voavam nunca. Somente uma vez uma pipa vermelha e branca tomou impulso, mas o vento soprava tão forte que o fio me cortou a mão, e eu a deixei fugir por causa da dor.

Beatriz está voando pra longe assim, levada pelo vento. Tento retê-la, mas a dor do laço que a liga ao meu coração é cada vez mais forte... Me encolho todo, como Terminator faz quando dorme, e a dor se aplaca lentamente ao contato com o leito que abraçou Beatriz. Esta noite durmo em sua companhia, ainda que ela tenha voado pra longe daqui.

— O que você está fazendo aqui?

Essas palavras interrompem meu devaneio num imenso leito branco sem margens. Se a enfermeira gorda não me conhecesse, eu estaria em maus lençóis.

— Vim ver Beatriz...

Respondo com uma sinceridade que deixa sem saída o coração mole de todas as enfermeiras gordas, capazes de amar o cheiro dos doentes.

— Foi embora ontem.

Ela fica em silêncio, séria.

Desço do leito carregando a saudade de quem passou uma noite abraçado com Beatriz. Saio do quarto de cabeça baixa, arrastando os pés. Quando passo diante da enfermeira, ela me desarruma os cabelos com sua mão molenga.

— Cuide dela. Em meu nome também.

Eu a fito e sinto que o calor daquela mão me dá a coragem que me falta.

— Pode deixar...

Mais tarde, mamãe chega. Arruma todas as minhas coisas numa sacola e, me segurando por um braço, embora não seja necessário, me ajuda a chegar até o carro. Finjo me sentir pior do que estou, para que ela sinta o meu peso. Seu abraço é capaz de me fazer esquecer a dor, que é a coisa mais invisível e pesada que conheço.

Meu quarto continua igual. Sei lá que mudanças eu esperava... Já não durmo sob o mesmo teto de Beatriz, nem posso ir vê-la. Minha bat-cinquenta teve o fim que podia ter sido o meu. E, de qualquer modo, eu não poderia andar nela.

É Natal e eu tenho que ficar encerrado em casa, com o braço na tipóia por mais quinze dias. *Aproveite estas férias para recuperar a matéria e se adiantar*, disse mamãe. Que férias ótimas, estudando o dobro do costumeiro... Mas o dobro de zero dá zero, pelo menos isso eu sei. Quando tento encarar os livros, os ponteiros do relógio parecem se grudar ao mostrador e não se mexer mais, prisioneiros de uma bolha espaço-temporal.

Começo a flutuar nessa bolha branca, que me leva para o alto, bem distante, entre as nuvens, onde ninguém pode mais me ouvir, e depois até o silêncio sideral: sozinho como um balão de aniversário que voou longe.

Quando tudo fica branco, meu coração se encolhe como uma lentilha e, mesmo que ele grite, ninguém consegue escutá-lo.

A única pessoa que pode me salvar é Silvia.

Silvia não está, foi pra casa de praia da avó

por alguns dias. Melhor: assim, posso adiar mais um pouco esta maldita recuperação das matérias. No entanto, estou mortalmente enfasiado, me sinto culpado pelo tempo que se evapora, mas não tenho a menor vontade de encarar o saco de todas aquelas páginas a estudar. O Sonhador diz que, quando a gente se entedia, é porque não está vivendo o suficiente. Que frase é essa? Uma de suas frases filosóficas. É uma coisa maior do que eu. Talvez por isso me agrade. Talvez porque diz a verdade: eu não vivo o suficiente. Mas o que significa “não vivo o suficiente”? Tenho que perguntar a ele.

Niko me liga. Na semana passada ganhamos a partida contra os Desesperados, de nome e de fato. Estamos no páreo, e daqui a um mês vai haver a outra partida. Será que vou conseguir estar em campo? Neste ano, todos os meus sonhos se depositaram no campeonato de futebol. Quero levantar a taça para Beatriz, espero que diante dela!

Quando a gente se entedia, é porque a própria vida é tediosa.

Chega o dia em que você se olha no espelho e

está diferente do que esperava. Sim, porque o espelho é a forma mais cruel de verdade. Você não aparece como realmente é. Você gostaria que sua imagem correspondesse à sua pessoa como é por dentro, e que os outros, ao te ver, pudessem reconhecer logo se você é um cara sincero, generoso, simpático... mas são sempre necessários os fatos ou as palavras. É preciso demonstrar quem você é. Seria ótimo se limitar a mostrar, não ter que demonstrar. Seria tudo mais simples.

Imagino pra mim um belo físico malhado, um piercing, uma tatuagem de um leão no biceps (que não tenho)... não sei, preciso pensar nisso. Mas são coisas que, assim que as olha, você saca quem está na sua frente.

Erika-com-k tem um piercing no nariz e você percebe que ela é uma pessoa aberta, com quem dá pra conversar. Susy tem uma tatuagem abaixo do umbigo, que converge exatamente praquela lugar. Também nesse caso, você saca com quem está lidando. É uma espécie de sinalização de alguém que quer dar pra você. Em suma: preciso me tornar mais evidente, assim os outros me verão mais. Estou de saco cheio de ser anônimo.

Beatriz não precisa de nada disso, tem os cabelos vermelhos e os olhos verdes. Isso basta para deixar claro o quanto ela sabe amar e o quanto é pura: vermelha como a estrela mais luminosa, cândida como a areia mais havaiana que existe.

Estou de volta à escola. Todos me sacaneiam

e me chamam de C3PO, o robô dourado de *Guerra nas estrelas*. Ainda tenho o braço na tipóia, mas daqui a poucos dias finalmente vão me tirar o gesso. Parece que até Giacomo não é o mais azarado da turma desde que retornei, porque eu me revelo mais azarado do que ele. Mas, em compensação, todos assinam meu braço engessado. O gesso está completamente coberto pelas assinaturas dos meus colegas e amigos. Meu braço está de todas as cores. Um braço famoso. Meu braço me quer bem, porque agora eu levo comigo aqueles que me querem bem. “Os Piratas aguardam seu capitão! Niko”, “Sua reencarnação será um monumento ao azar... Erika”, “Melhor ter acontecido com você do que comigo! Giak”, “Você fica bonito mesmo assim! Silvia”. Só falta uma assinatura. A de Beatriz. Mas eu não preciso, porque a assinatura de Beatriz eu levo no coração.

Existem assinaturas e assinaturas. Se você compra um Fred Perry, um Dockers, um Nike... são apenas grifes que você carrega em cima das coisas e, mais cedo ou mais tarde, troca, joga fora, perde... Claro, te fazem se sentir melhor, mas passam. E depois existem outras assinaturas. Aquelas que você leva no coração. Essas te dizem quem você realmente é e *para quem* realmente é. No meu coração, tenho tatuada a assinatura de Beatriz. Ela é o meu sonho e eu existo para ela.

Mas Beatriz não está vindo à escola: novo ciclo de quimio. Vai acabar perdendo o ano se continuar assim.

Quando chego em casa, tem uma carta toda amassada em cima da escrivadinha. Um post-it da mamãe diz tinha ficado no fundo da sacola do hospital. A carta para Beatriz! Como posso ter esquecido?! Tenho que levar a carta, nem que seja a última coisa que faço, porque “o que te define é o que você faz, e não o que você é”. Batman tem sempre razão.

Finalmente, forçado pelo transcorrer implacável

dos dias, estou sentado diante dos livros. Resolvi recuperar o estudo atrasado. Na verdade, diante de mim está Silvia, porque sozinho eu jamais conseguiria. Já chegamos à fase thriller do quadrimestre, entre arguições e provas. E eu tenho um monte de matérias atrasadas.

Silvia fica ali e me conta as aulas do Sonhador (principalmente aquelas fora do programa, que são as minhas preferidas), me resume a sintaxe dos casos, me explica um canto de *A divina comédia*. Aquele de Ulisses convencendo seus companheiros a enfrentar as ondas para ir em busca de “virtude e conhecimento” (sinto nos ouvidos a voz áspera e metálica da professora), acho, e depois ferra todos eles, porque morrem no fundo do abismo marinho.

Enquanto Silvia explica, eu me perco. Pensando bem, é sempre a mesma história. Uns têm um sonho, ou acreditam ter, e obrigam outros a acreditar naquilo, mas depois o tempo e a morte varrem tudo pra longe. Todos viveram na miragem daquele sonho. A adrenalina te explode nas veias simplesmente porque alguém acreditou no sonho por você, mas era uma ilusão. Até o meu sonho é uma ilusão. A doença quer tirá-lo de mim. Sem Beatriz eu não existo.

Silvia me olha bem nos olhos, em silêncio, porque percebeu que eu me perdi. Depois me faz um carinho e o vento sopra de novo sobre o barco do quadro, de velas abertas rumo a um porto que não conheço mas sei que existe, tão verdadeiro quanto essa mão que me acariciou. Silvia sabe fazer tudo isso com uma carícia. Como consegue?

Obrigado, Silvia. Obrigado, Silvia, por existir. Obrigado, Silvia, por ser a âncora que me permite não ir à deriva e também a vela que me permite atravessar a canseira do mar.

— Obrigado, Silvia. Gosto de você.

— Eu também.

Em certas tardes, o meu quarto, que é melhor

do que a Eurodisney e o Gardaland* juntos, me parece um sótão cheio de coisas velhas. Que merda você faz da vida se depois vem a morte? E o que existe depois da morte me dá medo. E me dá ainda mais medo se depois não houver nada. E Deus, que é onipotente, me dá medo. E me dão medo o mal e a dor. E me dá medo a doença de Beatriz. E ficar sozinho me dá medo. E todo este branco de merda...

Então telefono para Niko, mas Niko está jogando futebol e eu não posso ir. Então telefono para Silvia, mas Silvia não está em casa. Ligo para o celular: desligado. Envio uma mensagem: “Me ligue quando puder”.

Silvia, você pode me fazer um carinho como daquela vez? Estou com medo, Silvia. Um medo fodido de tudo. Tenho medo de não conseguir realizar nada de bom na minha vida. Tenho medo de que Beatriz morra. Tenho medo de não ter ninguém pra quem telefonar. Tenho medo de que você me deixe.

Estou no meu quarto e aqui dentro só vejo coisas mudas. Ninguém com quem conversar. Os livros são mudos, até porque não tem nenhum Sonhador para explicá-los ou me iludir de que eles poderiam me agradar. As revistinhas são mudas, apesar de suas cores. O aparelho de som é mudo, porque não estou com vontade de ligá-lo. O PC é mudo, porque a tela do monitor, tão profunda que nela cabe o mundo inteiro, se você a olhar de perfil não passa de uma tela plana. E você se pergunta como é que ela consegue conter todo aquele mundo, todo aquele mar, se é tão plana. No meu quarto, tudo está mudo hoje. Mas eu não quero fugir. Quero resistir. Hoje a tristeza está entrando em ondas no meu quarto. Tento represá-la com uma esponja. Estou ridículo. Resisto alguns minutos, depois o medo sobe, e sou um náufrago no meio de um oceano de solidão.

Flutuo num deserto todo branco: um enorme, ilimitado aposento branco à prova de som, no qual não se distinguem sequer as quinas das paredes. Você não sabe onde é o lado de cima, o de baixo, a direita, a esquerda... Grito, mas todo som é engolido. Da minha boca saem palavras já abafadas.

Silvia, me ligue, por favor.

Nota

* Maior parque de diversões da Itália, próximo ao lago de Garda, no nordeste do país. (N. T.)

Quando acordo, são quatro horas e o medo

ficou mais distante, simplesmente porque estou completamente leso. Aprovei a uma ilha desconhecida. Procuro algo que me ajude a sobreviver. Os pôsteres do meu quarto me encaram. Depois vejo a carta. Devo levar a carta para Beatriz. Tenho dois problemas. A carta está muito arruinada, parece o rascunho do rascunho das minhas redações, portanto devo reescrevê-la, mas com a mão esquerda não consigo.

O segundo problema é que não sei se Beatriz está em casa ou no hospital. O primeiro problema só tem uma solução: Silvia. Eu dito a carta e ela escreve pra mim. Sei, não é a mesma coisa, não é a minha letra, mas Silvia tem uma letra bonita, melhor do que a minha. Quanto ao segundo... a solução é clara: Silvia!

Será que não estou exagerando? Silvia telefona a Beatriz para saber onde ela está, assim eu levo a carta e até lhe falo. Sim, falo com ela, porque preciso. Preciso lhe falar do sonho, e, quando ela entender que o sonho é necessário, que o sonho é nosso destino, vai sarar, porque os sonhos curam qualquer mal, qualquer dor. Os sonhos colorem qualquer branco.

Vou à casa de Silvia.

A mãe de Silvia é uma senhora que se mostra

como é. Gosto disso. Sílvia puxou mais a ela do que ao pai, que é um homem silencioso e, sob certos aspectos, enigmático. A mãe de Sílvia tem uma grande qualidade: sabe se interessar verdadeiramente por mim. Percebo isso pelas suas perguntas.

— Você vai voltar logo a tocar?

— Não vejo a hora...

Ela faz perguntas sobre detalhes. Só quem faz perguntas sobre detalhes procurou sentir o que o coração da gente sente. Os detalhes. Os detalhes: um modo de amar pra valer. Gosto da mãe de Sílvia. Se eu pudesse escolher minha mãe, depois da que tenho, escolheria a mãe de Sílvia.

O quarto de Sílvia tem perfume de lavanda. Assim se chamam as florzinhas esfareladas numa tigela em cima da mesinha baixa, no centro do aposento. Nas paredes não há pôsteres, como no meu quarto, mas fotografias. Fotografias de Sílvia quando criança, com os pais, com seu irmão mais novo, no primário durante um teatrinho, vestida de Fada Azul. Eu já disse que ela é a Fada Azul e eu, Pinóquio. Talvez Sílvia tenha saído daquele livro.

Em cada parede, domina um quadro dela: um barco a vela suspenso num céu claríssimo, quase branco, que se confunde com um mar leitoso; uma floresta de árvores filiformes, que, segundo ela, se chamam bétulas, e essa é uma imagem que lhe ficou de uma viagem à Suécia; um campo de tulipas vermelhas num céu azul, quase violeta, inspirado numa paisagem holandesa. Gosto dos quadros de Sílvia. Você pode descansar dentro deles. Pode viajar dentro deles.

— Preciso de sua ajuda pra escrever, Sílvia.

— Só se você tocar uma canção pra mim quando ficar bom da fratura.

Pisco o olho pra ela, acompanhando o gesto com um estalo da língua contra o palato, uma especialidade minha.

— Qual?

— A minha preferida.

— E qual é?

— *Aria*, de Gianna Nannini.

— Não conheço...

Sílvia parece espantada, e demonstra isso como só ela sabe fazer: coloca as mãos diante dos olhos e balança a cabeça exageradamente.

— Tem que aprender.

— Você não poderia se contentar com *Talk*, dos Coldplay?

— Ou *Aria* ou nada — responde ela se fingindo ofendida. Depois sorri com os olhos e continua:

— O que eu devo escrever: a redação sobre Dante ou a pesquisa sobre a célula?

— Uma carta...

— Uma carta? Não temos esse tipo de dever de casa...

— ... para Beatriz.

Silvia fica calada. Meio debruçada, abre uma gaveta em busca de alguma coisa e os cabelos cobrem seu rosto. Demora um pouco a encontrar papel e caneta. Depois se ajeita.

— Desculpe... pronto, vamos lá...

Silvia escreve a carta enquanto eu dito. Não estou satisfeito com a que fiz antes, quero mudá-la. O tempo passou e as palavras da primeira carta não são mais adequadas. Silvia se prepara, me olha nos olhos e eu tento me concentrar nas palavras. Mas elas não vêm. Não me ocorrem palavras para Beatriz. Se acabarem minhas palavras para Beatriz, também estarei acabado.

Até agora, as únicas palavras que escrevi livremente, já que as que escrevi para os exercícios da escola eu não considero palavras verdadeiras, foram as da carta para Beatriz. Aquela foi — agora que penso nisso — a primeira vez que escrevi, a primeira vez que as palavras escreviam, preto sobre branco, o que ia na minha alma. Sim, porque a alma é branca e, para se mostrar, precisa ficar negra como tinta. E, quando você a vê ali, negra, então a reconhece, lê, olha para ela, como quando se olha no espelho, e depois... depois a dá de presente.

*Querida Beatriz,
te escrevo esta carta...*

Minha alma começa a aparecer e Silvia a transforma em preto sobre branco, dá a ela a sua letra, e minha alma, saída de suas mãos, parece mais elegante, mais sutil, mais doce e ordenada...

... para que minhas palavras possam te fazer companhia. Queria muito te falar pessoalmente, mas tenho medo de te cansar, tenho medo de ter medo de te ver sofrer. Por isso te escrevo. Esta é a segunda carta que te escrevo, a primeira ficou no meu bolso. Sim, porque sofri um acidente e estive internado no hospital. Então, agora que me recuperei, embora ainda tenha um braço engessado e o pescoço de um robô, resolvi te escrever de novo. Beatriz, como você está? Está cansada? Imagino que sim. Eu doe meu sangue pra você. Sei que você precisava e acredito que vai sarar, porque meu sangue vai te curar. Tenho certeza disso. Gandalf garante que o sangue doado cura. Ele diz que Cristo curou do pecado original as

peessoas de todos os tempos dando seu sangue. Mas essa é uma história estranha, porque afinal aquele sangue nunca entrou nas minhas veias. Seja como for, gosto dessa ideia do sangue que cura e espero que o meu te faça sarar. Tendo o meu sangue, você vai descobrir uma coisa importante. Quando ele passar pelo seu coração, você vai sentir que ele o acariciará e lhe contará meu sonho. O sonho que eu tenho. Os sonhos transformam as pessoas naquilo que são. Fazem com que elas cresçam.

Silvia se detém e me pergunta se toda essa história do sangue não vai magoar Beatriz, que deve estar cansada de agulhas, hospitais e transfusões. Silvia tem sempre razão. Como consegue compreender minhas dúvidas, antes de mim e melhor do que eu? Quase parece ver o mundo com os meus olhos. Bom, então cortamos a parte do sangue.

Beatriz, eu faria qualquer coisa pra você ficar boa. Doeí meu sangue pra você. Espero que sirva. Beatriz, eu tenho um sonho, e nesse sonho você está e eu estou. Por isso você vai sarar, porque os sonhos, quando você realmente acredita, eles se concretizam. Sei que agora você está cansada e magrinha, e talvez se envergonhe de ser vista pelos outros, mas saiba que pra mim tudo bem. Você é linda do mesmo jeito. Tenho certeza de que você vai melhorar e, se você quiser, vou te visitar logo e a gente conversa. Tenho um milhão de coisas pra te dizer e te contar, embora ache que você já conhece todas. Seja como for, se você estiver cansada e não quiser conversar, podemos ficar em silêncio, e tudo bem do mesmo jeito. Pra mim, basta estar perto de você.

Me interrompo porque minha voz ficou embargada, porque em um instante a imagem de Beatriz não aguentando a barra varre todas aquelas palavras, a imagem de Beatriz, que em silêncio fecha os olhos e não aguenta. E não volta a abri-los. E então o mundo todo ao meu redor fica escuro. A luz se apaga. A lâmpada queima. Se os olhos de Beatriz não olharem as coisas, as coisas se apagam. Sempre tive medo de escuro e ainda tenho, mas não conto a ninguém, tenho vergonha. Silvia me encara, sem falar nada. Aproxima o indicador do meu olho e recolhe a lágrima que eu tentei conter.

— Silvia, eu ainda tenho medo de escuro.

Não sei como me veio a ideia de dizer uma besteira dessas, que faria rir até uma cabeça de pedra da Ilha de Páscoa... Silvia não diz nada. Me faz um carinho. E eu nela. E a sua pele não é só pele: é Silvia. Depois, escreve na carta

para Beatriz: “Teu, Leo”.

E esse “Leo” está escrito como eu nunca consegui escrever. E está escrito como se fosse eu. Sem Silvia, eu não seria ninguém e minha alma continuaria branca. E o branco é o tumor no sangue da vida.

Silvia me dita o endereço do hospital onde Beatriz se encontra. É diferente daquele da primeira vez, porque agora parece que a quimioterapia é diferente, mais demorada ou algo assim. Ou talvez nesse hospital devam prepará-la para uma intervenção cirúrgica.

Estou em casa. Tomo uma chuveirada extraordinária. Pulverizo com hectolitros de desodorante cada centímetro quadrado da minha pele. Me olho no espelho por três quartos de hora, mas fico satisfeito com meu aspecto. Para Beatriz, devo estar absolutamente evidente. Ela terá que me ver e compreender quem sou. Então, experimento todas as combinações de cores e de roupas, mas nunca tenho certeza. Alguma coisa não combina.

Mamãe me grita pra sair do banheiro e parar de fazer bagunça. Por que os adultos nunca entendem porra nenhuma? O que sabem do que te passa pela cabeça? Cismaram que na nossa cabeça estão somente as coisas que eles não podem mais fazer. Depois reclamam se a gente não pede conselho. *Você está sempre trancado no seu quarto, não te reconheço mais, você era um menino tão doce...* Não dá, a gente já sabe a resposta, *não se preocupe, depois isso passa.* Fechado no banheiro, experimento várias vezes. Com o braço direito ainda imobilizado, me vestir é uma trabalhadeira, mas pelo menos não preciso morrer de vergonha enquanto mamãe me abotoa a camisa e aproveita pra me dar um beijo e dizer que estou muito bonito... Talvez uma camisa. Talvez uma polo com um agasalho de veludo. Talvez... Ligo pra Niko.

— Vista uma camisa, vai arrasar.

Obrigado, Niko, tem razão, você me salvou. Niko sempre tem as soluções certas, as receitas certas, mesmo que não conheça as situações. Me pergunto como é que consegue. Eu queria ser como ele e ter pontos de referência claros sobre o que vestir em cada situação.

Mas Niko nem me perguntou de que garota estávamos falando...

Estou pronto. Na rua já escureceu, mas a luz

eu levo dentro de mim. Tenho a carta escrita por Silvia. Não espero falar diretamente com Beatriz, e também por isso me vesti melhor, porque minha imagem deve ser suficiente pra ela entender o quanto a amo. E depois, basta deixar a carta.

Quando entro no hospital, uma enfermeira pergunta aonde estou indo, e respondo que vou ver uma amiga.

— Qual é o nome? — ela quer saber, fazendo a cara típica de enfermeira desconfiada.

— Beatriz — digo, encarando-a com olhos de desafio. A enfermeira supermagra, tipo espantinho e antipática, não sabe do que eu sou capaz. Viro-lhe as costas sem falar mais nada. Babaca. Procuo Beatriz. E não a encontro. Não, não encontro mesmo. Uma hora depois, ainda estou rodando e não a encontro.

Vi de tudo. Visitei o museu do sofrimento, com aquele cheiro de álcool típico dos hospitais e a cor verde-vômito das paredes. Alguém sorri quando entro em seu quarto por engano. Um velhinho se emputece. Me manda para aquele lugar e eu devolvo o xingamento. Saio do quarto e encontro a enfermeira-espantinho, que me olha de viés. Baixo o olhar.

— Quarto 405 — diz ela, com voz satisfeita e bonachona, cruzando os braços como se se tratasse de uma repreensão.

— Como a senhora soube? — respondo, ainda de olhos baixos.

— É a única Beatriz que aparece no computador.

Finalmente olho pra ela e sorrio. Jogo-lhe um beijo com a mão e pisco o olho.

— Do outro lado — me grita a enfermeira, balançando a cabeça —, no quarto andar.

Subo as escadas correndo. Subo e sinto que Beatriz está mais próxima. Subo porque Beatriz está ali e eu quero alcançá-la, e cada degrau que subo é um degrau em direção ao paraíso, como para Dante em *A divina comédia*. A porta está fechada, ou melhor, encostada. Abro bem devagar.

Há um só leito na penumbra do quarto e, naquele retângulo imenso e branco, uma silhueta miúda e encolhida. Me aproximo de mansinho. Não é Beatriz. Aquela idiota da enfermeira errou de número, sei lá pra onde me mandou. Antes de sair, observo a figura encolhida no leito. É uma menina, ao passo que no início tinha me parecido um menino. Tem o rosto muito magro e encovado. A pele é incolor, de uma palidez quase transparente. O braço está arroxeadado perto da agulha que lhe entra no pulso. Mas ela dorme tranquila. Não tem cabelos. Parece uma pequena marciana, encolhida como um feto na barriga

da mãe. Parece sorrir enquanto dorme.

Na mesa de cabeceira vejo um livro, uma garrafa d'água, uma pulseira de contas azuis e laranja, uma concha daquelas que escondem o rumor do mar, uma foto. Uma foto de uma menina com a mãe que a abraça. Na foto está escrito “Estou sempre com você, não tenha medo, minha Beatrizinha”. A menina da foto tem os cabelos vermelhos.

A menina do leito é Beatriz.

Silêncio.

É meia-noite. Estou sentado no lugar onde me sento quando o mundo precisa voltar a girar no sentido certo. Um daqueles lugares que têm uma tecla incorporada, daquelas teclas pra voltar à canção anterior. Você aperta a tecla e o mundo se rearruma. Você aperta e o problema não só desaparece, como também nunca existiu. Em resumo: aqueles lugares que não existem. Este lugar é um banco vermelho na beira do rio. Um lugar que só eu conheço. E Silvia.

Tenho a cabeça entre as mãos, na medida do possível, com meu braço engessado... e não parei de chorar, desde o momento em que fugi. Sim, porque eu fugi diante do meu sonho. Meu sonho triturado. Aperto entre as mãos a carta para Beatriz escrita por Silvia, ensopada com minhas lágrimas. Rasgo-a em mil pedaços com os dentes e a mão sã. Jogo os fragmentos na corrente. Neles está minha alma negra. Minha alma escrita.

E agora todos os pedaços da minha alma se afogam na corrente e vão embora, cada um pro seu lado, e ninguém poderá recolhê-los nunca: ninguém. Eu também me afogo em cada um daqueles pedacinhos de papel. Me afogo um milhão de vezes. Agora minha alma não existe mais, a corrente a levou. Quero ficar sozinho. Em silêncio. O celular desligado. Quero que o mundo inteiro sofra, porque não sei onde fui parar. Quero que o mundo inteiro se sinta sozinho e abandonado como eu estou agora. Sem Beatriz que está morrendo, sem seus cabelos. Sem Beatriz que não está aguentando. Nem sequer reconheci a outra metade do meu sonho. Fugi da garota que eu queria proteger por toda a vida. Sou um frouxo.

Eu não existo.

Deus não existe.

Acordo de repente. Feliz. Era só um sonho.

Beatriz está bem. Tem os cabelos vermelhos. E é meu verdadeiro sonho. E Deus ainda existe, embora eu não acredite nele, até porque isso não muda nada. Depois escuto a voz de alguém me chamando:

— Leo?

Me sacudo e não reconheço esse rosto. Não estou na minha cama. Jack Sparrow não me encara da parede com seus olhos alucinados, e estou morrendo de frio. Estou no meu banco do parque e, diante de mim, Silvia com um policial. Fito o vazio.

— Você está bem? — pergunta Silvia, com as pálpebras inchadas de sono e talvez de lágrimas. Olho para ela e não compreendo.

— Não.

O tira fala dentro de alguma coisa que, no escuro, eu não distingo.

— Encontrado.

Silvia se senta ao meu lado, coloca um braço no meu ombro e, me apertando com doçura, diz:

— Vamos pra casa.

Olho a água negra do rio, na qual as luzes dos postes se refletem como peixes prisioneiros. Minha alma está assim, agora. Muitos peixes de papel que foram embora. Prisioneiros da água. Não voltarão mais. E a palavra “casa” é igual a todas as outras, digo, pior ainda: porque sei lá o que me espera... Apoio a cabeça no ombro de Silvia e começo a chorar, porque sou mau.

Não quero tocar. Não quero comer. Não

quero falar. Estou de castigo pelo que aconteceu. É justo, eu mereço. Papai e mamãe estavam desesperados quando voltei pra casa: os olhos pisados, o rosto transtornado. Eu nunca os tinha visto assim. Por minha causa. Eram quatro da manhã. Mas consegui o que queria. Finalmente encontrei o jeito de me defender deste escorpião venenoso que é a realidade. Odiar é o único jeito de ser mais venenoso do que o escorpião. Um ódio veloz como o fogo que devora o papel e a palha, um ódio que incinera tudo aquilo que ele toca, e quanto mais toca mais se exalta. Ser mau. Ser sozinho. Ser fogo. Ser ferro.

Esta é a solução. Destruir e resistir.

Cinco horas de aula. Cinco horas de guerra.

Mandei praquela lugar a professora de grego, a Massaroni-pele-de-cão, quando ela me perguntou o que eu estava fazendo com o celular. Anotação na caderneta. Também fiquei fora por todo o horário de inglês e ninguém percebeu. Bati o novo recorde do *Snake* durante o horário de filosofia, enquanto o Sonhador falava de um tal Epicuro, que dizia que a morte não existe, porque, enquanto estamos vivos, ela não está presente, e, quando ela está, nós já morremos, não existimos mais.

Me pareceu uma besteira colossal, pra variar. Beatriz estava viva antes, mas agora está morrendo. Como dizia aquele poeta, Ungaretti, “a morte desconta-se vivendo”, como se a pagássemos em prestações. Eu havia considerado esse verso um daqueles disparates dos poetas, mas, infelizmente, é verdade. Beatriz ficou irreconhecível, ou melhor, eu não a reconheci. A morte envenena todas as coisas da vida. A filosofia é inútil. O T9 não tem a palavra “Deus”, o que demonstra que Deus não existe. *Snake* é a única possibilidade que me resta para não pensar nisso.

Depois o Sonhador abriu sua bolsa costumeira, da qual ele pode extrair qualquer livro, como da tanga de Esquálidus.* E, de fato, em certos momentos ele também parece um alienígena. Às vezes nem usa um desses livros; deixa-os ali em cima da mesa. Diz que para ele os livros são como a parte de uma casa: onde estiverem ele se sente em casa. Livros... que babaquice! Todas aquelas linhas cheias de histórias e de sonhos não valem o número do quarto de hospital com Beatriz transformada numa menina que retorna ao ventre da terra: engolida.

O Sonhador lê umas cartas escritas por membros da Resistência, condenados à morte, pouco antes de serem executados. Uma de suas aulas fora do programa. Não sei como consegue, mas o Sonhador sempre tem algo a dizer diante de quem não pode tampar os ouvidos. Por que não me deixa em paz? Escuto só porque não posso evitar, já que a gente não pode fechar os ouvidos como fecha os olhos, mas não acredito numa só palavra. Ora, que vá pro inferno! Lá vem ele, lendo:

“4 de agosto de 1944 — Papai e mamãe, morro arrebatado pelo tenebroso torvelinho do ódio, eu que só quis viver pelo amor. Deus é amor e Deus não morre. O Amor não morre...”

O Sonhador faz uma pausa.

— Tudo besteira!

Me levanto como uma labareda, queimando os sonhos de papel e as palavras de palha. Minha exclamação se choca violenta contra o rosto do professor, como um soco-inglês de selvagens da noite. Todos se voltam para mim com olhos inúteis, em vez de ficarem de boca aberta diante da primeira

declaração de verdade já pronunciada na escola. Eu incineraria todo mundo, menos Silvia. O Sonhador também me olha, certo de não ter compreendido.

— Tudo besteira! — repito, desafiando-o.

Vamos ver agora o que você faz, ‘fessor, quando alguém tem a coragem de dizer como são as coisas e de destruir seu castelo de cartas literárias. Ele continua calado por um minuto. Parece à procura de algo que não consegue encontrar dentro de si. Depois, com voz absolutamente calma, pergunta:

— Quem é você para julgar a vida deste homem?

Respondo numa rajada, ele jogou gasolina no meu fogo:

— É tudo ilusão. A vida é uma caixa vazia que a gente enche de besteiras pra deixá-la agradável, mas depois basta um nadinha e pufff... — pausa de silêncio no meu gesto superteatral das mãos que imitam uma bolha de sabão explodindo. — Você se vê sem nada. Esse homem se iludiu achando que morrer por uma causa que ele considerava justa deu sentido à sua vida. Ótimo pra ele. Mas é só uma cobertura pra tornar a pílula menos amarga. A caixa continua vazia.

O Sonhador me encara de novo e fica em silêncio. Depois emerge desse silêncio com um lapidar e tranquilíssimo:

— Tudo besteira!

As dele contra as minhas. De qualquer modo, sempre se trata de besteiras. Mas a coisa me fez mal. Pego a mochila e saio, sem dar tempo ao Sonhador pra dizer mais nada. O fogo arde e continua a destruir. Não volta atrás, para dar explicações. Podem me suspender, podem até me fazer perder o ano, não estou nem aí. Ninguém sabe justificar o que está acontecendo e, se as coisas são assim, por que eu deveria me empenhar e fazer alguma coisa? Estou sozinho e me sinto forte pela primeira vez. Sou fogo e vou incendiar o mundo inteiro. Não telefono para Niko, ele não entenderia porra nenhuma. Não telefono para Silvia, porque agora não preciso mais dela.

E a imagem da menina sem cabelos, a pálida sombra de Beatriz, me dá vontade de xingar. Xingo várias vezes, repetidamente, com força. Agora me sinto melhor. E compreendo que Deus existe, do contrário eu não me sentiria melhor. Brigar com Papai Noel não faz a gente melhorar. Mas brigar com Deus, sim.

Nota

* Personagem da Disney que usa uma tanga da qual pode sair qualquer coisa, de qualquer tamanho. (N. T.)

Quando o incêndio se aplaca, estou sem forças.

Esvaziado. Ao meu redor, poeira, cinzas, escuridão. Me perco na Internet: a solução para todos os problemas. Tem as versões, tem as dissertações, tem os filmes, tem as canções, tem os calendários das boazidas. E então escrevo duas palavras no Google: morte e Deus. Juntas. Não separadas. Juntas. Me aparece a página de um filósofo chamado Nietzsche, que disse que Deus morreu. Isso a gente já sabia: na cruz. A segunda página diz o contrário: Deus ressuscitou, vencendo a morte e liberando os homens da morte. Isso também é insatisfatório, porque é conversa-fiada.

Beatriz está morrendo e não se pode fazer nada. Dessa vez, a Internet errou feio. Quem liga se Beatriz vai ressuscitar? Eu a quero aqui e agora, quero viver com ela por todos os dias da minha vida, acariciar seus cabelos vermelhos e seu rosto, olhar seus olhos, rir com ela e fazê-la rir, e falar, falar, falar sem dizer nada mas dizendo tudo. A morte é um problema que já não me diz respeito. Agora devo me ocupar só da vida, e, como esta é pouca e frágil, devo torná-la muita e forte, plena e indestrutível. Dura como ferro.

Mensagem de Silvia: “Vamos estudar juntos?”. Eu não estudo mais. Não tem utilidade. Respondo: “Não, desculpe...”. Silvia me responde logo: “Medo de q?”. Medo de quê???! De onde ela tirou isso? Até Silvia diz coisas sem sentido. Depois me vem uma suspeita. Confiro a mensagem que lhe mandei: “Não, medo...”. Sempre o T9. Sem perceber, escrevi “medo” em vez de “desculpe”. Não conferi e enviei, no piloto automático. “Não, medo...”. Infelizmente, o T9 tem razão. Respondo a ela dizendo a verdade: “De tudo”.

Silêncio. Um silêncio de enlouquecer, um silêncio de você arrancar as roupas e gritar nu, na sacada, que está de saco cheio de tudo. Não sou ferro, não sou fogo, não sou ninguém.

Mensagem de Silvia: “A gente se vê no parque, daqui a meia hora”. Respondo sim com um toque. Mas não vou, deixo Silvia lá, sozinha, como eu estou. Sou um frouxo e tenho o rosto inundado pelas lágrimas mais amargas que conheço, aquelas em que o sal da solidão corresponde a pelo menos noventa por cento, e a água só a dez.

Esta dor é tão espessa que você pode boiar nela sem precisar nadar.

Noite.

Negro lá fora, branco aqui dentro. Eu me sinto culpado. Descontei em cima da única pessoa que não tem nada a ver com tudo isso e quer me ajudar. Silvia não se manifesta. E eu a imagino lá no banco sozinha, abandonada, com seu olhar azul voltado para o chão, e se levantando pra olhar qualquer pessoa que se aproxime. Agora, estou pior ainda. Escrevo outra mensagem: “Desculpe. A gente se vê amanhã”. Silêncio branco. Mas por que eu procuro a solidão e depois, quando afundo no seu branco sem pontos de apoio, me apavoro? Por que quero que alguém me lance um salva-vidas, mas depois não faço nada para agarrá-lo? Talvez eu venha a compreender minhas capacidades, meus sonhos, mas será que vou realmente saber fazer alguma coisa, afora o papel de náufrago que não se deixa ajudar? Vou levar Terminator pra fazer xixi.

Hoje, pra ficar calado, até ele é boa companhia.

Passei a noite inteira pensando no que dizer a

Silvia pra pedir desculpas. Minha couraça de ferro amoleceu até se tornar de creme, no decorrer de poucas horas. Eu não valho nada.

Seja como for, entro na escola e procuro Silvia com o olhar. Só por um instante, os olhos dela se encontram com os meus, que revistam a multidão: são olhos de vidro, nos quais só consigo ver a mim mesmo, e não a ela, que dirige a mirada para outro lado, como se eu fosse um qualquer. Esse olhar desviado me lança em meio ao tumulto geral e eu volto a cair no branco, no vazio dos que não são ninguém.

Vou atrás de Silvia. Agarro seu braço com mais força do que gostaria. Eu nunca a toquei assim, nem por brincadeira. Silvia se solta de mim, com o rosto contraído pela decepção:

— Eu pensei que tivesse um amigo. Me deixe em paz, você só sabe pedir ajuda, mas com os outros não se importa nem um pouco.

Não tenho nem tempo de abrir a boca e já a vejo se afastar, como se um redemoinho a sugasse. Saio atrás dela, na floresta de calças de cintura baixa, tropeçando em dois ou três energúmenos da terceira série que me tacam um chute no traseiro.

— Vão tomar no cu.

Vejo Silvia enveredar pelo corredor dos toaletes e, sem me dar conta, entro no banheiro cheio de garotas, que se maquilam, fumam e comparam a marca dos jeans. Elas me olham, espantadíssimas, enquanto Silvia se fecha num reservado.

— Mas que merda você está fazendo aqui?

Quem pergunta é uma morena com duas fissuras negras no lugar dos olhos, imersos numa mancha roxa de maquiagem.

— Eu... eu preciso falar com uma garota — respondo, como se isso fosse a coisa mais normal do mundo.

— Espere lá fora. Aliás, esqueça, ela é bonita demais pra um fodido como você.

As outras riem. Essas palavras me empurram pra fora do banheiro das garotas como se fossem a baba nos dentes arreganhados de um cão raivoso. Recuo, tentando mantê-lo sob vigilância, e despenco num despenhadeiro escondido. Não existe paraquedas no poço sem fundo do abandono.

— O que você veio fazer aqui?

Naturalmente, esta é a voz do diretor, que, aos gritos, me manda acompanhá-lo à sua sala. Primeiro a fuga diante de Beatriz, depois o bolo em Silvia, e agora passo até por voyeur. Em quarenta e oito horas, descobri a

existência das gradações do negro. Acabo de atravessar pelo menos três delas, rumo à escuridão absoluta... pena que isso não seja o final de um filme trágico, mas só o começo.

Meus pais, convocados pelo diretor por causa

do meu comportamento inadequado, se convenceram de que eu não consigo segurar os impulsos hormonais da adolescência e invado violentamente os toaletes femininos. Papai diz baixinho:

— Pode considerar seus ossos reduzidos ao pó da sua sombra.

Enfim, a escola me suspende por um dia e ameaça me tascar um belo cinco em comportamento, o que significa perder o ano. Nem ligo para a punição recebida dos meus pais: sequestro imediato do Playstation até o final do ano letivo e cancelamento da mesada. Isso não é nada diante do fato de que, no dia seguinte à suspensão, todas as garotas me olham e riem pelas minhas costas:

— Olha lá o porco!

— Safado!

E isso também não é nada em comparação com os xingamentos dos caras:

— Veadinho, não esqueça que teu banheiro é aquele sem a saia desenhada em cima do homenzinho em preto, talvez a gente até acrescente um pauzinho, assim você se lembra do que tem no meio das pernas!

Alguém pode me dizer se é possível desembarcar deste carrissel do horror? Ou pelo menos se existe um livrinho de instruções pra gente se tornar o homem invisível?

Um dia inteiro olhando para as mãos do

guitarrista do Green Day no pôster pendurado à porta do quarto. Começo a lançar contra ele uma bola de tênis, até fazer um buraco no pôster e aleijar o guitarrista.

Espero duas coisas:

Que alguém me salve ou simplesmente que o mundo acabe neste exato momento.

A segunda é mais fácil do que a primeira.

Telefone: é Niko.

— Ganhamos, Pirata! A próxima partida é decisiva para a final... o Vândalo está se cagando todo!

Desligo e espero que a cama me engula sem ter me mastigado antes.

Interfone. O interfone toca. É pra mim. Quem

pode ser, às nove da noite? Silvia. Certamente Silvia cedeu às vinte e três mensagens que lhe mandei hoje, a cada vez me arrependendo da anterior...

— Desça.

É ela.

— Mamãe, vou descer um instantinho. É Silvia.

Desço, mas não vejo nenhuma Silvia me esperando. Eu tinha imaginado sua voz, tão convencido estava de que era ela. É o Sonhador. Merda. Só me faltava esta. Seguramente, veio me dizer, ele também, *você é um descarado sem remédio*.

— Olá, ‘fessor, o que foi que eu fiz? — pergunto, olhando um ponto impreciso por cima de seu ombro direito.

Ele sorri.

— Decidi vir procurá-lo, talvez você queira concluir aquela conversa.

Pronto, eu sabia. Os professores são professores até a morte, têm que te dar aula até na tua casa.

— ‘Fessor, deixe pra lá a conversa daquele dia.

Não sei por onde começar e queria que tudo isso acabasse logo, como sempre me acontece quando alguma coisa não me agrada. Você muda de canal e aquela cena não existe mais. Desaparecida, cancelada, fim.

— Vamos tomar um sorvete.

Ele me sorri. Sim, ele disse isto mesmo: *um sor-ve-te*. Os professores tomam sorvete. Sim, os professores tomam sorvete e sujam a boca, como todo mundo. Essas duas descobertas não podem ser esquecidas, talvez um dia eu as escreva. A propósito:

— O blog do senhor é legal, às vezes exageradamente filosófico, mas quando posso eu o leio.

O professor agradece, continuando a lamber seu sorvete de pistache e café — os mesmos gostos sem graça de professor —, e me lembra Terminator lambendo meus tênis.

— Mas e então, o que lhe aconteceu naquele dia?

Eu sabia que ele não largava a presa. Os professores são como as jiboias, se enrolam no teu corpo quando te veem distraído, esperam que você solte o ar e apertam, e a cada expiração apertam mais, até que você não consegue mais expandir a caixa torácica e morre por asfixia.

— E o que lhe importa, ‘fessor?

O Sonhador me encara bem nos olhos, e quase não consigo sustentar seu olhar.

— Talvez você precisasse de uma mãozinha, um conselho...

Fico em silêncio. Com os olhos baixos. Olho a rua como se de repente cada centímetro de asfalto tivesse se tornado interessante. Dentro de mim tem alguém que não espera outra coisa, alguém que quer sair, mas fica ali entocado, se defende e tem medo de se mostrar do jeito como é, porque pra sair envolveria este outro, de cabelos desgrenhados e olhar de espertinho, e o envolveria numa boa quantidade de água e sal sob a forma de lágrimas. Então, continuo a olhar o chão por medo de que esse alguém esguiche como pasta de dentes: demais, e tudo de uma vez.

O Sonhador espera calado. Não tem pressa, como todos aqueles que te deixam em crise. E eu retribuo na mesma moeda.

— O que o senhor faria, ‘fessor, se sua namorada morresse?

Dessa vez olho diretamente nos olhos. O Sonhador me analisa e continua calado. Para de tomar o sorvete. Talvez nunca tenha pensado nisso. Talvez esteja encabulado. Ótimo, assim começa a compreender alguma coisa e deixa pra lá suas teorias. Afinal, responde que não sabe e que provavelmente não seria capaz de aguentar o peso de um acontecimento desses.

Não sabe. É a primeira vez que o Sonhador não sabe alguma coisa. A primeira vez que não está seguro de si e brilhante como as vitrines do centro no Natal. Não sabe...

— Pois é, ‘fessor, eu estou passando por isso, e pra mim todo o resto virou besteira.

O Sonhador começa a olhar o céu.

— Beatriz.

Ele continua em silêncio. Depois me pergunta se é a garota de quem estão falando na escola: a garota doente de leucemia. Baixo a cabeça, quase ferido por essas palavras, que infelizmente são a verdade: a garota doente de leucemia... Silêncio. O silêncio dos adultos é uma das maiores vitórias que a gente pode imaginar. Então, sou eu que falo.

— Não é propriamente minha namorada, mas é como se fosse. Quando eu lhe falava do meu sonho, ‘fessor, estava falando de Beatriz. Sei que, seja qual for o meu caminho, ela será minha companheira nesse caminho. E eu, se ela não estiver no meu caminho, não sei mais pra onde ir.

O Sonhador permanece calado. Coloca a mão no meu ombro e não diz nada.

— Ela agora está pálida. Perdeu seus cabelos vermelhos, os cabelos que fizeram eu me apaixonar. E eu não tive nem a coragem de lhe falar, de ajudá-la,

de lhe perguntar como está. Quando a vi assim, fugi. Fugi como um cão. Estava convencido de que a amava, estava convencido de ir até o fim do mundo com ela, estava disposto a fazer qualquer coisa, até doer sangue, e depois, quando a vi na minha frente, saí correndo. Fugi como um covarde. Isso não é amor. Quem foge não ama de verdade. Ela estava pequenininha, indefesa, pálida, e eu fugi. Sou um merda.

As últimas palavras rompem uma parede de concreto que havia subido devagarinho de minha barriga até a garganta e desaba em escombros à altura dos olhos, transformando-se em lágrimas dolorosas e pesadas como pedras. Choro desconsoladamente com toda a dor que posso, porque me faz bem, quase como quando doer sangue. Posso chorar e não sei quando isso vai acontecer de novo, embora me sinta um idiota de proporções globais.

O Sonhador fica em silêncio ao meu lado, com sua mão forte no meu ombro. Me sinto um cretino. Sou um macho de dezesseis anos e estou chorando. Estou chorando diante do meu professor de história e filosofia, com a boca ainda suja de sorvete. Paciência, agora já saiu. O dique se rompeu e, nesse momento, um milhão de metros cúbicos de dor está se derramando sobre o mundo por minha causa, mas pelo menos já não está somente dentro de mim.

Depois de me deixar extravasar por pelo

menos um quarto de hora (atrás do fogo da raiva se esconde pelo menos o dobro de água salgada...), o Sonhador rompe o silêncio que se segue a um pranto, como o silêncio da areia depois de um temporal violento.

— Vou te contar uma história.

Ele diz isso e ao mesmo tempo me oferece um lenço de papel (com perfume de baunilha...).

— Um amigo meu brigou com o pai. Queria muito bem a ele, mas daquela vez perdeu a paciência e o mandou pros infernos. À noite, estavam os dois sentados à mesa e o pai tentou conversar, mas ele se levantou e foi embora, sem uma palavra. Não queria nem escutar. Meu amigo se sentiu forte. Sentia que havia vencido, que tinha razão. No dia seguinte, o lugar do seu pai à mesa estava vazio. O pai tinha tido um infarto. E a despedida havia sido aquela. Sem uma palavra. Mas como ele poderia saber? Desde aquele dia, meu amigo não se dá paz, por causa daquele erro, se envergonha como o pior dos assassinos. E sabe qual era o motivo pelo qual esse rapaz nunca se perdoará por ter recusado o adeus ao seu pai?

Balanço a cabeça, fungando.

— Porque, num momento de irritação, o pai tinha dito que o filho era um morto de fome, havia escolhido um trabalho de morto de fome, embora ele, o pai, tivesse um escritório montado, do qual o filho poderia tranquilamente tomar posse. Agora me diga, não é uma coisa pra ficar envergonhado e fugir?

Levo um tempinho pra romper o silêncio que se segue à sua pergunta.

— E o que seu amigo fez pra superar aquele momento, ‘fessor?

O Sonhador chuta com raiva uma latinha abandonada na calçada.

— Convivendo com ele. Consciente de que esse erro aconteceu, mas prometendo a si mesmo nunca mais perder nenhuma oportunidade de consertar qualquer relação que se deteriorou por motivos menos ou mais importantes. Sempre se pode fazer alguma coisa.

Já estou melhor. Eu, que diante de um erro gostaria que a vida tivesse a tecla rewind. Só que a vida não tem essa tecla. A vida segue do mesmo jeito, continua tocando, quer você queira ou não, e você só pode aumentar ou baixar o volume. E tem que dançar. O melhor que puder. Mas, de algum modo, agora sinto menos medo dela. Meus pensamentos são interrompidos pelo Sonhador.

— Todos nós temos algo de que nos envergonhar. Todos nós já fugimos, Leo. Mas isso nos torna homens. Somente quando temos tatuada na cara alguma coisa da qual nos envergonhamos é que começamos a ter uma cara real...

— O senhor chora, ‘fessor?

O Sonhador fica em silêncio um instantinho.

— Sempre que descasco cebola.

Solto uma gargalhada, embora a tirada seja fraca. Fungo de novo e consigo conter as lágrimas que restavam para chorar.

— Ter medo é normal. Assim como é normal chorar. Não significa ser frouxo. Ser frouxo é fingir que não está nem aí, se voltar para o outro lado. Não dar bola. Acredito que você fugiu. Acredito que você ficou putto — *ele disse ficou putto!* — com todo mundo e consigo mesmo. Mas ficar putto — *segunda vez...* — não resolve nada. Você pode ficar putto — *terceira!* — ao máximo, mas isso não cura Beatriz. Uma vez eu li num livro que o amor não existe para nos fazer felizes, mas para demonstrar o quanto é grande a nossa capacidade de suportar a dor.

Pausa de silêncio.

— Mas eu fugi! Eu, que deveria ser capaz de morrer por ela, desde que a fizesse sarar!

O Sonhador me encara.

— Engana-se, Leo. A maturidade não se revela em querer morrer por uma causa nobre, mas em querer viver humildemente por ela. Faça-a feliz.

Continuo em silêncio. Alguém dentro de mim está saindo da caverna. Alguém que permanecia ali escondido, ferido e necessitado de ajuda, talvez esteja finalmente se decidindo a enfrentar os dinossauros. Neste momento, estou passando da idade da pedra à do metal. Não é um grande passo, mas pelo menos sinto que tenho algumas armas afiadas contra os dinossauros da vida. A sensação é mais forte do que a couraça de ferro e fogo que eu acreditava ter construído com minha raiva. É uma força diferente, este novo alguém adere à minha pele e a torna transparente, forte, elástica.

— Já é tarde — diz o Sonhador, enquanto eu dou um salto evolutivo de pelo menos dois mil anos.

Me encara diretamente nos olhos.

— Obrigado pela companhia, Leo. E sobretudo obrigado pelo que você me presenteou esta noite.

Não compreendo.

— Presentear a própria dor aos outros é o mais belo ato de confiança que se pode realizar. Obrigado pela aula de hoje, Leo. Hoje, o ‘fessor foi você.

Ele se volta e me deixa ali, como um idiota embaçado. Já o vejo de costas. Tem ombros magros, mas fortes. Ombros de um pai. Eu queria ir atrás

dele e perguntar quem é o tal seu amigo, mas depois me dou conta de que certas coisas, é melhor que permaneçam na incerteza... Meus olhos estão vermelhos de pranto, estou sem forças, esvaziado, mas sou o garoto de dezesseis anos mais feliz da Terra, porque tenho uma esperança. Posso fazer alguma coisa para recuperar tudo: Beatriz, Silvia, amigos, escola... Às vezes, para te devolver ao mundo, basta a palavra de alguém que acredita em você. Canto em voz alta, não sei bem o quê. As pessoas com quem cruzo me tomam por maluco, mas eu não ligo e canto ainda mais alto quando alguém passa ao meu lado, para obrigá-lo a se alegrar comigo.

Quando entro em casa cantando e com a cara transtornada pelo pranto, minha mãe olha intrigada para meu pai, que balança a cabeça e suspira. Por que os pais sempre pensam que estamos bem só quando parecemos normais?

Primeiro: Silvia. Desta vez vou encontrá-la

ao vivo, sem SMS imbecil, vou pessoalmente, só a minha cara com a frase, ou melhor, a tatuagem “Sou um miserável, me perdoe”.

Faço uma coisa que nunca fiz: compro um buquê de flores pra ela. Me envergonho por todo o tempo que permaneço embaixo do toldo do quiosque pra escolher, não entendo nada de flores. Por fim, vou de rosas. Em número ímpar, pelo menos isso eu aprendi numa revista da mamãe. Compro três rosas brancas (é a única exceção ao medo que tenho do branco) e vou até o prédio de Silvia. Interfono. Sua mãe, provavelmente ignorando tudo, abre pra mim. Alguma coisa está indo certo. Subo.

Entro no quarto de Silvia, ela está escutando música com fones de ouvido e não percebeu minha chegada. Levanta o olhar e topa com três olhos brancos que a fitam e pedem desculpas. Fica perplexa. Tira os fones e me encara com dureza, depois cheira as rosas. Quando reergue o olhar, suas íris azuis estão sorrindo. Me abraça e me dá um beijo na bochecha. Não um beijo qualquer, mas um beijo daqueles que nos lábios de quem os dá têm algo mais do que um simples cumprimento. E você sente esse calor a mais, ele fica grudado na bochecha. Percebi isso pelo jeito como Silvia demorou um instante antes de afastar os lábios. Ela não disse uma palavra. Eu digo apenas: “Desculpe”. E digo ao vivo, sem o risco de o T9 transformar a palavra em “medo”, embora um pouco de medo eu tenha, sim. Mas Silvia me quer bem, e, quando alguém te quer bem, “desculpe” nunca é “medo”.

Estou feliz, tão feliz que as rosas brancas me parecem quase tingidas de vermelho, como as de *Alice no país das maravilhas*. “De vermelho as tingiremos, de vermelho as tingiremos...”, cantarolo dentro de mim, como um menino que mergulha numa piscina de Nutella.

O gesso no braço eu já tirei faz um tempinho,

mas, ao que parece, meu cérebro continuou engessado... não se move. Por isso, estudo junto com Silvia. Só ela pode me ajudar a recuperar os dias perdidos de estudo, não quero arruinar meu verão com dependências. Ao lado de Silvia, sou forte. Sou feliz. Mas, quando penso em Beatriz, continuo me perdendo. Depois da enésima vez em que teve que me trazer de volta à Terra, de uma das minhas viagens à Lua, Silvia se levanta e pega alguma coisa num caderno que ela tem no quarto, um daqueles diários nos quais as garotas anotam seus pensamentos.

Nisso, as garotas são melhores do que nós, pelo menos Silvia é seguramente melhor do que eu, porque as garotas escrevem nos seus diários as coisas importantes. Sempre que descobrem uma coisa importante, elas a escrevem, assim podem relê-la e recordá-la a qualquer momento.

Já eu tenho um monte de coisas importantes que gostaria de recordar, mas não as escrevo nunca, porque sou preguiçoso. Então as esqueço e cometo sempre os mesmos erros, eu sei, mas não quero me prender nisso, não quero plantar a bunda numa cadeira, colar a bunda numa cadeira. É isso que significa ter as capacidades mas não as utilizar. Ter um assento e nunca ficar instalado em cima dele, o que afinal é o sentido do assento... Se eu tivesse escrito tudo o que descobri, sabe lá quantas coisas não precisaria aprender a cada vez... Acho que, mais do que um diário, sairia um romance. Creio que eu poderia gostar de ser escritor, mas não sei bem como se começa e também me desanimo logo, porque, quando tento pensar nisso, as histórias nunca me ocorrem. Bom, seja como for, Silvia tem um desses diários que servem pra lembrar as coisas. E numa página desse diário tem uma folha solta.

— Toma, é o rascunho da carta que escrevemos para Beatriz.

Nesse momento, minha alma se recompõe. Como por uma espécie de milagre, todos os pedaços de papel que o rio havia engolido com minha raiva e covardia estão ali na minha frente, recompostos por um milagre de Silvia, que conservou aquelas palavras.

— Por que você guardou?

Silvia não responde logo, brinca com a margem do papel, quase acariciando-o. Depois, sem me olhar, sussurra que gostava daquelas palavras, de relê-las, e adoraria que um dia seu namorado lhe dedicasse palavras tão bonitas. Silvia investiga meus olhos, e pela primeira vez eu também a olho nos olhos.

Existem duas maneiras de observar o rosto de uma pessoa. Uma é ver os olhos como parte do rosto. A outra é fitar os olhos e só, como se fossem o rosto. É uma daquelas coisas que dão medo, quando você as faz. Porque os olhos são a vida em miniatura. Brancos ao redor, como o nada em que a vida flutua, e íris

colorida, como a variedade imprevisível que a caracteriza, até mergulhar no negro da pupila que engole tudo, como um poço escuro sem cor e sem fundo. E é ali que eu mergulho, fitando Silvia desse jeito, no oceano profundo de sua vida, entrando ali e deixando-a entrar na minha: os olhos. Mas não sustentei a o olhar. Silvia, sim:

— Se você quiser, a gente a reescreve e você a leva para Beatriz. Podemos inclusive ir juntos.

Silvia conseguiu ler meus pensamentos.

— É o único jeito de eu conseguir levar — respondo, com um sorriso tão amplo que os cantos da minha boca tocam os olhos.

Depois começamos a estudar, e quando Silvia me explica as coisas tudo fica mais fácil: a vida se torna mais compreensível.

O Sonhador me interroga. Me preparei para

a arguição com Sílvia. Todos esperam um duelo mortal, depois da escaramuça que tivemos naquele dia, mas ninguém, exceto Sílvia, sabe que no intervalo houve um sorvete e um milhão de metros cúbicos de lágrimas. Tudo vai correr bem. Agora, o Sonhador é meu amigo. No entanto, me faz umas perguntas difíceis. Planto os olhos nele e digo:

— Mas isso não está no livro.

Sem se alterar, ele responde:

— E daí?

Fico em silêncio. Ele me encara, sério, e diz que me imaginava mais inteligente, mas que eu não passo de um aluno comum, que repete as coisas de cor e, na primeira pergunta um pouco diferente, se perde.

— As respostas importantes estão escritas nas entrelinhas dos livros, e você deve ser capaz de lê-las!

Sonhador, quem é você, caralho, pra me arruinar a vida, achando que sabe tudo e pensando que eu ligo pra sua maneira de ver as coisas? Você é quem as vê desse jeito, e só você. Portanto, pare de me encher o saco com suas lorotas espaciais e me faça uma arguição igual às outras. Estou prestes a mandá-lo praquele lugar e dar o fora dali quando ele me diz:

— Vai escapulir?

Então me lembro de Beatriz e da minha fuga do hospital. Dentro de mim acontece alguma coisa, pula fora da caverna o homem para o qual evolui, noites atrás. Então respondo. Não com os palavrões dos meninos caprichosos. Respondo como um homem. Ganho nove, pela primeira vez na vida. E essa nota não tem a ver com a matéria escolar de história. Essa nota tem a ver com a *minha* história, a minha vida.

Beatriz voltou para casa. O transplante de

medula não deu certo. O tumor não sara e o sangue dela, vermelho, continua se transformando: branco dentro de suas veias. É uma das serpentes mais venenosas do mundo, que pode te levar à morte entre sofrimentos atrozes, com seu veneno. Um veneno capaz de dissolver os tecidos das veias. Você começa a perder sangue pelo nariz e pelos ouvidos, todas as veias se liquefazem até te consumir.

É o que está acontecendo com Beatriz. Beatriz, a criatura mais maravilhosa que existe sobre a face da Terra. Beatriz, que tem só dezessete anos e os cabelos vermelhos mais lindos que a história recorda. Beatriz, as duas janelas verdes mais bonitas da galáxia. Beatriz, uma criatura que existe por sua beleza, para circular com ela pelo mundo e melhorá-lo com sua simples presença.

Beatriz está envenenada por esta maldita serpente branca que quer levá-la embora. Por que toda essa beleza desperdiçada? Para nos fazer sofrer mais. Beatriz, por favor, fique. Deus, por favor, me deixe Beatriz. Senão, o mundo inteiro se torna branco.

E eu fico sem sonhos.

Hoje vou rever Niko. Me lembrei do desafio

dos hambúrgueres que fizemos certa vez: quem comia mais hambúrgueres do McDonald's. Niko venceu, por treze a doze. Ambos vomitamos por três horas seguidas, depois. Nunca me senti tão mal na vida. Sempre que nos lembramos, temos convulsões de tanto rir. Por isso, agora só pedimos no McDonald's uns croquetinhos de frango.

Niko.

Me lembrei disso porque Niko me fez o desafio dos gols: ganha quem marcar mais gols na partida de hoje contra o pessoal da segunda C, um time que se chama Vitamina C, da qual está realmente precisado... Bastará vencer essa partida para recuperarmos o primeiro lugar e velejarmos tranquilamente rumo à final do campeonato. Só tem um pequeno problema, insignificante: eu ainda não deveria jogar futebol...

Nesses casos, só existe uma solução. Virar o homem invisível. Rádio ligado, porta fechada, passo macio e fuga silenciosa rumo ao campo de futebol-soçaite. Se meus pais me flagrarem, estou frito. Dessa vez eles mesmos me quebram um braço e até uma perna... mas pelo menos eu jogo a partida, e, se marcar um bom número de gols, volto ao normal para a classificação de artilheiros. Preciso pelo menos acabar acima do Vândalo.

E então aqui estou, com minhas chuteiras flamejantes, que acariciam a grama de terceira geração como se ela fosse o rosto de uma garota. De novo em campo com Niko. Ele não sabe tudo o que me aconteceu nas últimas semanas, não lhe conto tudo, como a Silvia. Não há necessidade. Ou talvez eu me envergonhe. Mas, em campo, somos sempre os melhores. Ambos, desde pequenos, queríamos ser como os gêmeos Tachibana, aqueles da catapulta infernal de “Super Campeões”, mas nenhum dos dois tinha um irmão gêmeo. Então, quando nos conhecemos no liceu, compreendemos que cada um era o gêmeo que o outro estava esperando. Nunca aprendemos a fazer a catapulta infernal, mas certa vez tentamos: eu arrumei uma mancha roxa apocalíptica, e Niko bateu a cara na trave...

Mas, na hora do aperto, somos capazes de triangular como nem mesmo Pitágoras com seu teorema poderia imaginar. Ganhamos geral. Eu marco cinco gols. Temos os mesmos pontos que o time do Vândalo e eu estou só um gol atrás dele na classificação de artilheiros. Não poderia ser melhor. Troco de roupa às pressas, quero voltar pra casa sem que meus pais me vejam. Niko me detém.

— Estou namorando.

Diz isso assim, do nada, tirando a camiseta dos Piratas, e a notícia se mistura ao fedor do seu suor.

— Chama-se Alice, é da quarta ginásial, turma H.

Mentalizo para visualizar as garotas da quarta, mas não me lembro de nenhuma Alice.

— Você não conhece. Os pais dela são amigos dos meus e eu não sabia. Uma noite destas, encontrei com ela lá em casa, no jantar.

Fiquei curioso por saber como é a garota.

— A maior gata. Alta, cabelos pretos, compridos, olhos negros. Também faz atletismo, competições de velocidade. Você devia ver. Quando saio com ela, todo mundo se volta pra nos olhar.

Fico mudo. Não consigo me alegrar com essa notícia. Niko está ocupado demais pensando em passar pela rua com esse mulherão ao lado, e empolgado demais com a vitória pra perceber que eu finjo estar curioso e contente. Me sinto catapultado até o quarto de hospital onde a garota mais bonita do mundo está encolhida como uma menina ferida, com toda a sua beleza sugada pelo veneno de uma serpente, e aquela beleza não só não será minha como não será, e ponto.

— Estou feliz por você.

Niko quer me apresentar a namorada o quanto antes. Respondo mecanicamente que sim, mas na realidade espero não ver nunca essa Alice.

— Já viu o novo Fifa? Temos que craqueá-lo sem falta.

Concordo com um sorriso forçado, enquanto vejo Niko engolido pela idade da pedra no país das maravilhas de Alice.

— Claro, sem falta...

É a única coisa que consigo dizer. E a única “fifa” que tenho presente é a *fifa** negra de perder Beatriz. Nunca fiquei tão sozinho depois de uma vitória com meu time dos Piratas.

— ... é questão de vida ou morte...

— Ora, Leo, não exagere, afinal é só um videogame! Vou me mandar, Alice está me esperando. Até amanhã.

— Até amanhã.

Meto a chave na fechadura como um ladrão.

A porta se abre devagar. Ninguém à vista. Escuto a música altíssima do rádio. Reconheço a voz de Vasco, que repete: “*Voglio una vita spericolata, voglio una vita come quelle dei film*”,** e aquilo me parece uma brincadeira de mau gosto. Fecho a porta. Mamãe não escutou eu entrar, mas a esta altura Terminator começa a ganir como um louco, pressionado pela sua bexiga, que começa a se contrair sempre que ele me vê abrir ou fechar uma porta. Minha mãe aparece,

atraída pela barulheira, e cá estou eu, de roupa de ginástica e mochila, e Terminator gira ao meu redor com seus sobressaltos desengonçados e ladrantes.

— O que você está fazendo aí? Não estava no quarto, estudando?

Leo, respire fundo: se não você arrisca tudo.

— Sim, mas tirei um intervalo, levei Terminator pra fazer xixi...

A única desculpa que pode me salvar...

Mamãe me encara como um policial no interrogatório de um filme americano.

— E por que está fedendo assim?

— Aproveitei pra dar uma corrida. Não consigo mais ficar só estudando... desculpe, mamãe, eu devia te avisar antes, mas Terminator estava em crise... você sabe como ele é!

Minha mãe relaxa a expressão. E eu saio voando em direção ao meu quarto, onde Vasco está berrando: “*Che se ne frega di tutto siii*”, antes que minha cara entregue a mentira e Terminator demonstre, com os fatos, que ninguém levou sua bexiga incontinente pra passear...

Notas

* Jogo de palavras intraduzível. *Fifa* é uma gíria para “medo”, “cagaço”. (N. T.)

** “Quero uma vida cheia de aventura, quero uma vida como as dos filmes.”

Adiante: “Que está se lixando pra tudo, siiim...”. O artista citado é Vasco Rossi.

(N. T.)

Segunda-feira. São cinco pras oito.

Me esperam cinco horas na escola, com o dever de inglês pela metade. Uma espécie de gigantesco cheeseburger com uma fatia de mármore no meio. Ao longe avisto Niko com Alice, que de fato não passa despercebida. Não me viram. Não vou aguentar encontrá-los, estão felizes demais.

Saio de fininho e me escondo atrás de um grupo da segunda série que, com o jornal na mão, confere a pontuação dos jogadores para calcular os resultados do Fantacalcio. Ultimamente tenho acompanhado pouco o futebol. Estou tomado por todas estas coisas que vêm me acontecendo, não tenho tempo de assistir a nenhuma transmissão possível e imaginável, nem a nenhuma partida de nenhum campeonato já inventado sobre a face de um retângulo de grama verde.

Seja como for, a imagem de Niko e Alice tão felizes é forte demais para mim nesta manhã, e cinco horas de tortura agravariam a situação. Volto à rua e enveredo por uma via lateral pouco frequentada, assim me arrisco menos a encontros imediatos de qualquer tipo, do primeiro ao terceiro grau e além. Mas, sei lá por que, quando você resolve não entrar na escola, inevitavelmente topa com pessoas que não via há séculos, especialmente as amigas da mamãe, com as quais, por acaso, ela vai tomar um chá naquela tarde.

Mas como seu filho cresceu, virou mesmo um belo rapaz... me encontrei com ele no parque hoje de manhã, ali pelo meio-dia...

À parte que, para as amigas das mães, todos se tornam *belos rapazes*, seja como for, a mãe não passa recibo, minimiza, finge se orgulhar daquele tratante que ao meio-dia deveria estar com o traseiro grudado numa cadeira verde, na escola, e não, é claro, refestelado no banco vermelho de um parque...

Chega de punhetas mentais: a sorte está lançada e daí a César o que é de César, como disse César, pelo menos é o que acho. Escuto ao longe a campanha que toca como os sinos de um enterro. E eu não quero morrer. Cada passo que me distancia da escola abre uma voragem de medo e transgressão que obriga o asfalto a me engolir. Mas por que é tão difícil ir à escola? Por que devemos fazer certas coisas quando estamos empenhados em resolver outras, vitais? E por que vem ao meu encontro a professora de inglês, justamente nesta rua, a menos frequentada do bairro da escola?

Mal tenho tempo de me debruçar para meus tênis, fingindo amarrá-los atrás de um utilitário que me oferece proteção suficiente; com o rabo do olho, vejo a professora se apressar porque também está atrasada, e parece tão ocupada em procurar alguma coisa na bolsa que não faz caso da minha presença e me ultrapassa. Pronto, já foi! Respiro de alívio, e um instante depois percebo que fiz a ceninha de amarrar os tênis justamente em cima do cocô matinal e fumegante

de um Terminator qualquer...

Dia de sorte!

Quando mata aula, você se sente um ladrão.

E onde os ladrões vão se refugiar, depois de um furto? Em seu covil. Meu covil é o banco vermelho, perdido no parque ao lado do rio — aquele da minha primeira noite de sem-teto —, embaixo de uma imensa árvore de ramos baixos e retorcidos, que parece uma sombrinha com milhões de varetas.

Naquele banco, protegido por aquela sombrinha, conquistei milhões de garotas estupendas, resolvi os problemas mais espinhosos da humanidade, virei um super-herói mascarado e devorei porções tamanho família de batatas fritas sabor churrasco, que são as minhas preferidas. O tempo ali embaixo corre muito rápido, ultrapassando a água plácida do rio. Naquele banco se esconde o segredo do tempo e todos os sonhos podem se tornar realidade.

Então, hoje é o dia certo para me empenhar (de vez em quando eu me empenho, mas do meu jeito...), instalado no meu banco de madeira, sob a proteção da árvore-sombrinha. Coloco a mochila num canto e me acomodo com as pernas dobradas. O céu, atravessado por nuvens branquíssimas, está azul só em alguns pontos. Não são nuvens de chuva, mas nuvens frescas de mar. Isso deixa o azul ainda mais intenso. Meu olhar desliza por entre os ramos da sombrinha e, misturado à cor das folhas ovais, alcança o céu e nesse céu vejo impressa a imagem da minha felicidade: Beatriz. Ninguém presta atenção no céu, até se apaixonar. As nuvens ficam vermelhas e são os cabelos dela que fluem por milhares de quilômetros, cobrindo o mundo com um manto delicado, macio e fresco.

Tenho que salvar Beatriz, nem que seja a última coisa que faço, e estou no lugar certo. Somente neste banco os sonhos se concretizam, e assim adormeço no silêncio do parque, como o último mendigo feliz depois de um porre de vinho tinto. Se tivéssemos tempo e o banco certo, a felicidade estaria garantida. Mas, infelizmente, alguém inventou o ensino obrigatório.

Alguma coisa me roça a perna e me desperta

do torpor. Dou um salto, pensando que é algum gafanhoto nojento, caído de um galho. Na realidade, é só o celular. Mensagem: “A professora de inglês disse que te viu hoje de manhã, e você não está na aula. Acho que você está na merda. Giak”. E ainda me goza, o filho da puta. Estou realmente na merda! Será possível que é tão difícil ficar feliz, e na hora em que você procura resolver definitivamente o problema alguém te impede? Por que Sílvia não me mandou uma mensagem? Agora já era.

Escrevo um SMS pra ninguém, só pra esclarecer as ideias. Costumo escrever milhões de SMS que não envio, eles me ajudam a refletir. “Estou no meu sonho.” Mais uma vez, o T9 me surpreende. A palavra que aparece no display quando insiro o primeiro “o” de “sonho” é “fogueira”. “Estou na minha fogueira.”

De uma hora para outra, meu banco poderia se transformar numa fogueira, ateadada por todas as pessoas enojadas pelas minhas heresias sobre a vida, como se fazia na Idade Média. Eu seria amarrado à madeira do banco e me tocariam fogo sob este céu maravilhoso, me acusando de ser um frouxo, um medroso, um fugitivo, um desocupado, *um malandro*. E meu sonho se evaporaria em fumaça. Mas, justamente por isso, devo protegê-lo. Devo protegê-lo da fogueira dos meus pais e dos professores, dos invejosos, dos inimigos. Hoje a madeira deste banco vale muito mais do que a da minha carteira escolar toda rabiscada.

Não faltei às aulas por ser *malandro*, mas porque, antes, devo resolver um problema mais importante, o da felicidade. O próprio Sonhador disse: “O amor não existe para nos fazer felizes, mas para demonstrar o quanto é grande a nossa capacidade de suportar a dor”.

Pois é, vou dizer assim mesmo aos meus velhos, quando eles me colocarem na fogueira do castigo merecido. Eu só queria amar. Apenas isso. Quero me curar de qualquer droga: preguiça, PlayStation, Youtube, os Simpson... Vocês conseguem entender?

Puxo meu canivete e começo a gravar alguma coisa no tronco da árvore vizinha. Enquanto faço isso mecanicamente, penso na minha próxima iniciativa, a iniciativa para dar xeque-mate no destino, a iniciativa pra ser feliz. De vez em quando olho o céu e meus dedos se apoiam nas rugas seculares desta árvore que é forte, que é sólida, que é feliz no coração do parque. É uma árvore, e vive como árvore: afunda suas raízes na água do rio vizinho e cresce. Segue sua natureza. Este é o segredo da felicidade: ser você mesmo e pronto. Ser aquilo que você foi chamado a ser. Eu queria ter a força desta árvore, áspera e dura por fora, viva e tenra por dentro, onde corre a linfa. Não tenho coragem de ir ver

Beatriz. Tenho medo. Tenho vergonha. Tenho a mim mesmo, e não basta, nunca basta. Continuo a gravar na casca, sem pensar...

— O que você está fazendo?

Nem olho o rosto da guarda e respondo:

— Uma pesquisa de ciências...

— Mas se você nunca estudou ciências!

Não é a voz de uma guarda. Me volto:

— Silvia?

Ela me encara com olhos que não conheço. Silvia é competentíssima na escola, nunca está despreparada, nunca faltou um dia sequer, a não ser por doença grave como escorbuto ou hanseníase, e não por uma indisposição boba revelada pelo termômetro aquecido sob o abajur, como eu faço. Silvia está ali, diante de mim. Silvia está matando aula comigo, e por minha causa. Silvia seria capaz de ir me buscar no inferno, só pra me deixar feliz. Silvia é um anjo azul. Eu sabia. Ou talvez seja um anjo com a aparência de Silvia que me punirá com sua espada de fogo porque fiz gazeta.

— E então? Nós dois tínhamos um pacto. Iríamos ver Beatriz juntos. Quando o vi fugir hoje cedo, compreendi que você vinha pra cá.

Abro espaço para ela no banco onde os sonhos se concretizam.

— Até você? Hoje todo mundo me viu, por acaso me botaram num “Big Brother” e eu não estou sabendo?

Silvia sorri. Depois olha a casca da árvore: o tronco está ferido pelo meu canivete com uma fórmula matemática: $F = B + L$. Fica séria, por um instante contrai o rosto, numa careta de dor. Que logo desaparece, no entanto, e ela diz:

— E então, vamos resolver a equação da felicidade?

Silvia é a linfa da minha coragem, escondida, mas viva, me dá forças para superar meus limites. Pego sua mão.

— Vamos. Hoje não vai ter nenhuma fogueira. Apenas sonhos.

Silvia me olha, com uma cara de ponto de interrogação.

— Nada, nada. Prodígios do T9...

Em frente ao prédio de Beatriz, sou invadido

pela síndrome dos gafanhotos: como em *Os irmãos cara de pau*, qualquer desculpa serve para escapular. Mas Silvia é inflexível. Aperta minha mão com força e subimos. Abriram a porta e estamos na sala, sentados diante da senhora de cabelos vermelhos que eu tinha visto pela primeira vez no hospital e depois na foto: a mãe de Beatriz. Ela conhece Silvia, mas não a mim. Por sorte. Diz que Beatriz está dormindo. Muito cansada. Ultimamente, suas forças diminuíram.

Eu lhe conto sobre a doação de sangue, o acidente e tudo o mais. É uma senhora de voz calma, seu rosto está cansado e envelhecido em relação à última vez em que a vi, e a juventude da foto parece ter ficado só no papel fotográfico. Pergunta se queremos beber alguma coisa. Eu, como sempre nesses casos, não sei o que fazer e aceito. Enquanto conversamos, tenho a impressão de ver Beatriz quando for adulta. Beatriz vai ser ainda mais bonita do que a mãe, que é uma mulher maravilhosa.

Enquanto ela vai buscar alguma coisa de beber, procuro memorizar todos os objetos da casa. Todas as coisas que Beatriz vê e toca diariamente. Uma jarra em forma de copo, uma fileira de elefantinhos de pedra, um quadro de uma marina cintilante, uma mesinha de vidro tendo em cima um vaso bojudo cheio de pedras ovais coloridas e iridescentes. Pego uma: tem todas as nuances do azul, da alvorada à noite fechada. Guardo-a no bolso, convencido de que ela deve ter tocado essa pedra. Silvia me fulmina com o raio azul de seus olhos. A mãe de Beatriz volta.

— E então? Não foram à escola hoje?

Silvia permanece calada. Quem responde sou eu:

— A felicidade.

A senhora me olha, sem entender.

— Beatriz é o paraíso, para Dante. Então, a gente veio encontrá-la.

Silvia explode numa risada. Eu continuo sério e fico vermelho, quase roxo. Mas, quando vejo a mãe de Beatriz rir, começo a rir também. Nunca me senti tão ridículo e contente ao mesmo tempo. A senhora sorri com uma doçura que eu raramente vi no rosto de um adulto: só mamãe sorri assim. Também sorriem os cabelos cor de cobre, às vezes luminosos, às vezes apagados, da mãe de Beatriz. Ela se levanta.

— Vou chamar Beatriz, vejamos se ela pode atender vocês.

Continuo parado, petrificado pelo terror. Agora compreendo o que estamos fazendo efetivamente. Estou na casa de Beatriz, e prestes a falar com ela frente a frente pela primeira vez. Minhas pernas não tremem apenas: ondulam como uma bandeira, e a saliva se retirou toda para algum lugar, me deixando na boca

um Saara em miniatura. Tomo um gole de Coca, mas a língua continua seca como a lenha da lareira.

— Venham.

E eu não estou nem um pouco pronto. Me vesti de qualquer jeito. Tenho apenas a mim mesmo, e não acho que seja suficiente. Eu nunca sou suficiente. Mas Silvia está aqui.

Dou de cara com o sorriso de Beatriz.

É um sorriso cansado, mas verdadeiro. A mãe saiu, fechando a porta atrás de si. Eu me sento em frente à cama, Silvia na beirada. Beatriz tem uma camada fininha de cabelos vermelhos que a deixam parecida com um militar, mas continua sendo uma perfeita mistura de Nicole Kidman com Liv Tyler. Seus olhos verdes estão verdes. O rosto, emagrecido, mas delicado e cheio de paz, com os zigomas suaves e o desenho élfico dos olhos. Toda a sua figura é uma promessa de felicidade.

— Oi, Silvia, oi, Leo.

Beatriz sabe meu nome! A mãe deve ter dito, ou então ela reconheceu em mim o autor das mensagens no celular. Deve estar pensando que a persigo, que sou aquele imbecil que tentava se aproximar com os SMS. Seja como for, pronunciou meu nome, e esse “Leo” saído dos lábios de Beatriz parece se tornar repentinamente real. Silvia segura a mão dela e fica em silêncio. Depois diz:

— Ele queria te conhecer, é um amigo meu.

Quase chorei de felicidade. Meus lábios se moviam por conta própria, mesmo não sabendo o que deviam dizer.

— Oi, Beatriz, como vai?

Que pergunta de merda! Como você quer que ela esteja, retardado?!

— Bem. Só um pouquinho cansada. Sabe como é, o tratamento é pesado e me deixa sem forças, mas estou bem. Queria lhe agradecer por ter me doado sangue. Minha mãe me contou.

Então é verdade que meu sangue nutre os cabelos vermelhos de Beatriz. Estou feliz. Estou felicíssimo. Os ralos cabelos vermelhos que estão voltando a crescer nela são mérito do meu sangue. Meu amor vermelho-sangue. Penso tanto nisso que deixo escapar um disparate:

— Estou feliz que meu sangue possa correr nas suas veias.

Beatriz se entrega a um sorriso capaz de descongelar em instantes um milhão de croquetes Findus e meu coração duplica o número de batidas, a tal ponto que minhas orelhas ficam quentes e, acho, também vermelhas. Peço desculpas imediatamente. Disse uma frase absurda e sem o menor tato. Que idiota! Quero desaparecer na penumbra daquele quarto, do qual ainda não focalizei nada, tão concentrado estou no rosto de Beatriz: o centro da circunferência da minha vida.

— Não se preocupe. Estou contente por ter seu sangue no meu coração. Quer dizer que vocês hoje faltaram à aula pra vir me ver... obrigada. Não vou à escola há tanto tempo que tudo me parece tão distante...

Tem razão. Em comparação com o que ela está passando, a escola é um

passeio. Será possível que aos dezesseis anos alguém acredite que a vida é a escola, e a escola a vida? Que o inferno são os professores, e o paraíso as férias? Que as notas são o juízo final? Será possível que, aos dezesseis anos, alguém acha que o mundo tem o diâmetro do pátio da escola?

Os olhos verdes de Beatriz cintilam em seu rosto de pérola como fogos dentro da noite, traíndo uma vida borbulhante dentro dela, como se fosse uma fonte de montanha, escondida, silenciosa e cheia de paz.

— Eu queria fazer um monte de coisas, mas não posso. Estou muito fraca, me canso logo. Eu sonhava aprender línguas novas, viajar, tocar um instrumento... Nada. Tudo se despedaçou. E também, os meus cabelos... tenho vergonha de me mostrar assim. Mamãe precisou me convencer a deixar vocês entrarem. Perdi até os cabelos, a coisa mais bonita que eu tinha. Perdi todos os meus sonhos, como os meus cabelos.

Olho para ela e não sei o que dizer, diante dela me tornei uma gota d'água que se evapora ao sol de agosto e minhas palavras inúteis são apenas um sopro que se perde no ar. E de fato, pontual e inoportuno como a campainha da escola, digo:

— Vão crescer de novo, e seus sonhos também. Um a um.

Ela sorri cansada, mas seus lábios tremem.

— Assim espero, espero com todo o coração, mas parece que meu sangue não quer saber de sarar. Fica sempre apodrecendo.

Uma pérola em forma de lágrima brota do olho esquerdo de Beatriz. Nessa hora Silvia lhe faz um carinho no rosto e recolhe a lágrima como se fosse sua irmã. E, um instante depois, sai do quarto. Fico sozinho com Beatriz, que cerra os olhos, cansada e preocupada com a reação de Silvia.

— Desculpem. Às vezes eu uso palavras fortes demais.

Beatriz se preocupa conosco, quando deveria ser o contrário. Estou sozinho com ela, e agora devo lhe confidenciar o segredo de sua cura. Eu sou sua cura, Beatriz, e você a minha. Somente quando nós dois soubermos disso e concordarmos é que tudo será possível, para sempre. Me concentro para dizer a ela que a amo, tomo impulso a partir de dentro, como se meu corpo fosse uma pista de atletismo, mas me sinto paralisado. Te amo, te amo, te amo. São apenas duas mais três letras, posso conseguir. Beatriz me vê indeciso.

— Não convém ter medo das palavras. Foi isso que eu aprendi com a doença. A gente tem que chamar as coisas pelo nome, sem medo.

Por isso eu quero te dizer, por isso estou para te dizer... por isso estou para gritar que te amo.

— Mesmo que a palavra seja morte. Eu não tenho mais medo das palavras, porque não tenho mais medo da verdade. Quando sua vida está em jogo, você não suporta evasivas.

É por isso que devo dizer a ela toda a verdade, agora mesmo. A verdade que lhe dará forças para sarar:

— Tem uma coisa que eu queria te dizer.

Sinto essas palavras saírem da minha boca e não sei de onde tirei essa frase, ou quem teve a coragem de pronunciá-la. Não sei quantos “Leo” existem dentro de mim, mais cedo ou mais tarde terei que escolher um. Ou talvez faça Beatriz escolher o que lhe agrada mais.

— Então diga.

Fico em silêncio por um minuto. O Leo que teve a coragem de pronunciar a primeira frase se escondeu logo. Agora, deveria dizer “te amo”. Eu o encontro escondido num cantinho escuro, com as mãos na frente do rosto, como se algo monstruoso estivesse prestes a agredi-lo, e o convenço a falar. Vamos, Leo, saia daí, como o leão que sai da floresta. Solte seu rugido!

Silêncio.

Beatriz espera. Me sorri, para me encorajar, e apoia a mão no meu braço:

— O que houve?

O toque dela se transforma num jorro de sangue e palavras:

— Beatriz... eu... Beatriz... eu te amo.

No meu rosto se pinta a típica expressão de arguição de matemática, na qual você vai fazendo tentativas e espera que a professora, com um aceno, dê a entender se sua resposta está certa ou errada, e aí você pode voltar atrás como se não tivesse dito nada. A mão de Beatriz, frágil e pálida como a neve, está pousada sobre a minha como uma borboleta. Ela mantém os olhos fechados por alguns instantes, depois respira profundamente, abre-os e diz:

— É bonito você dizer isso, Leo, mas não sei se entendeu: eu estou morrendo.

Esse amontoado de sílabas, aguçado como um furacão de espadas, me deixa nu diante de Beatriz, nu, ferido e sem defesas.

— Não é justo.

Digo isso como quem está despertando de uma longa noite no meio de um sonho, quando ainda é incapaz de distinguir realidade e fantasia. Na verdade, sussurrei, mas Beatriz ouviu.

— Não é uma questão de justiça, Leo. Infelizmente é um fato, e este fato

aconteceu comigo. A questão é se eu estou pronta ou não. Antes, não estava. Agora, talvez esteja.

Não a acompanho mais, não compreendo suas palavras, dentro de mim alguma coisa se rebela e não quero escutar. Meu sonho me devolve à realidade? Decididamente, o mundo virou de pernas pro ar. Desde quando os sonhos fazem a gente ver a realidade? Algo invisível está me espancando e eu continuo sem defesas.

— Todo o amor que senti ao meu redor nestes meses me modificou, me fez tocar Deus. Aos poucos, estou parando de ter medo, de chorar, porque creio que vou fechar os olhos e acordar junto dele. E não vou sofrer mais.

Não a compreendo. Ou melhor, fico até com raiva. Eu escalo montanhas, atravesso mares, mergulho no branco até o pescoço e ela me recusa assim. Fiz de tudo para tê-la e, quando a vejo ao alcance da mão, descubro que ela está muito longe. Meus dedos se contraem, a mão se fecha, as cordas vocais se tensionam para gritar.

Beatriz se aproxima e segura minhas mãos contraídas, que se abrem, enquanto as cordas vocais se relaxam. As mãos dela são quentes, e eu sinto a vida me sair pelos dedos quando acariciam as suas, como se através das mãos pudessemos trocar as almas, ou as almas não encontrassem mais os limites que as contêm. Depois Beatriz solta as minhas mãos delicadamente, dando à alma o tempo para voltar ao seu invólucro, e eu a sinto zarpar de novo, para longe de mim, em direção a um porto que não conheço.

— Obrigada pela visita, Leo. Agora você deve ir. Lamento, mas estou muito cansada. Mas gostaria que você voltasse pra me ver. Vou lhe dar o número do meu celular, assim você me avisa, se vier. Obrigada.

Estou tão confuso e gelado que ajo sem pensar. Finjo que tudo bem, embora, na verdade, eu já tenha esse número. Mas, quando ela me dita, percebo que é diferente do que Silvia me deu, tempos atrás. Não posso fazer perguntas, mas agora se explicam todas as mensagens sem resposta. Então, Beatriz não me acha um babaca, e seu silêncio não era proposital! Ainda tenho esperanças. Talvez Silvia tenha se enganado, talvez também tivesse o número errado, ou então eu mesmo o anotei mal. Minha memória pra números é pior do que a de minha avó de noventa anos. Me inclino e beijo a testa de Beatriz. Sua pele delicada tem um perfume de sabonete simples, sem *dolce&gabbanas* ou *calvinkleins*. É o seu perfume, e pronto. Beatriz, e pronto. Sem disfarces.

— Eu é que agradeço.

Com um sorriso, ela se afasta, e quando me volto para a porta sinto às

minhas costas uma vertigem branca que quer me mastigar e me engolir.

A mãe de Beatriz me agradece e diz que

Silvia está me esperando lá embaixo. Eu me esforço por parecer sereno.

— Obrigado, senhora. Se me der permissão, eu gostaria de voltar para visitar Beatriz. E, se precisar de alguma coisa, estou à sua disposição, não deixe de me chamar... até mesmo de manhã.

Ela ri abertamente:

— Você é um cara esperto, Leo. Pode deixar, eu chamo.

Quando saio pelo portão, Silvia está me esperando, encostada num poste como se quisesse fazer parte dele. Me olha fixo nos olhos, que a veem com dificuldade, porque estão boiando em lágrimas. Ela segura minha mão e, frágeis como folhas, caminhamos em silêncio por todas as horas que restam daquele dia, mão na mão, cada um encorajado não pela própria força, mas pela força a dar ao outro.

Quando entro em casa, minha mãe está sentada

na sala, com meu pai sentado em frente. Parecem duas estátuas.

— Sente-se.

Coloco a mochila entre as pernas para me defender da fúria que certamente vai cair em cima de mim daqui a pouco. É minha mãe quem toma a palavra.

— Telefonaram da escola. Você corre o risco de perder o ano. De hoje até o fim das aulas, não sai mais de casa.

Encaro meu pai para tentar entender se é a cena costumeira da mamãe, que depois abre uma série de ajustes até se limitar à suspensão da mesada ou a uma proibição de saída por um sábado. Mas papai está mortalmente sério. Conversa encerrada. Não abro a boca. Pego a mochila e subo para o quarto. O que me importa uma punição dessas? Se for preciso, eu fujo, imagine se eles conseguem me segurar em casa. E, também, o que vão fazer se eu fugir? Me dar um castigo de um ano? Pois então eu fujo de novo, até que me deixem de castigo pela vida toda, e nesse caso é inútil, porque toda a vida já é uma punição, e portanto não faria sentido sobrepor duas. Me deito na cama. E olho fixamente o teto, no qual, como um afresco, aparece o rosto de Beatriz.

“Não sei se você entendeu: eu estou morrendo.”

Suas palavras me perfuram as veias, como mil agulhas. Não entendi nada da vida, da dor, da morte, do amor. Eu achava que o amor vencia tudo. Iludido. Como todos: repetimos o mesmo roteiro nesta comédia, para sermos massacrados no final. Não é uma comédia, é um filme de terror. Enquanto me petrifico na cama, percebo que meu pai entrou no quarto. Está olhando para fora, pela janela.

— Sabe, Leo, eu também matei aula uma vez. O irmão de um colega meu de turma tinha acabado de ganhar um Spider conversível, e naquela manhã eles iam até o mar para experimentar o carro. Ainda me lembro do vento que cobria nossas conversas aos gritos e daquela agulha motorizada que cortava o ar como uma flecha. E depois o mar. E toda aquela liberdade do mar, que parecia nossa. Os outros trancados dentro das quatro paredes da escola e nós ali, velozes e livres. Ainda recordo aquele horizonte amplo e sem pontos de referência, no qual apenas o sol servia de limite ao infinito. Naquele momento, compreendi que o que importa diante da liberdade do mar não é ter um navio, mas um lugar aonde ir, um porto, um sonho, que valha toda aquela água a atravessar.

Meu pai se interrompe, como se visse pela janela aquele horizonte e as luzes de um porto distante, como num sonho.

— Se naquele dia eu tivesse ido à escola, Leo, hoje não seria o homem que sou. E as respostas de que precisava me vieram de um dia no qual não fui à

escola. Um dia no qual, pela primeira vez, procurei por mim mesmo aquilo que queria, ao preço de ser punido...

Não sei se meu pai virou Alvo Dumbledore ou o doutor House, mas o fato é que compreendeu perfeitamente como estou. Quase não consigo acreditar... Realmente, eu tinha que aprontar muito para descobrir quem é meu pai... É a primeira vez que ele me conta algo do seu passado. No fundo, eu o conheço há mais ou menos dezesseis anos e não sei muito sobre ele, quase nada do que realmente importa. Estou prestes a dizer alguma coisa, mas seria algo tão bobo que me dá nojo, e por sorte papai continua.

— Não sei por que você não foi à escola hoje, e por isso merece punição, que faz parte do jogo de assumir as próprias responsabilidades. Não sei e não quero saber. Confio em você.

O mundo está mudando. É de se esperar que de uma hora pra outra comece a girar ao contrário, que Homer Simpson se torne um marido-modelo e que o Inter vença a Liga dos Campeões. Meu pai está dizendo coisas incríveis. Parece filme. Exatamente as palavras de que preciso. Me pergunto por que ele não fez isso antes. E a resposta chega pontualmente, sem que eu tenha formulado a pergunta.

— Agora compreendo que você está disposto a arriscar um ano por aquilo que lhe importa, e tenho certeza de que não é uma besteira qualquer.

Permaneço em silêncio, me perguntando como é possível que baste não ir à escola por um dia para que a vida da gente passe do preto-e-branco ao colorido. Primeiro Beatriz, agora papai. A única coisa que consigo dizer é:

— Que punição te deram daquela vez?

Meu pai se volta para mim com um sorriso irônico:

— Conversaremos também sobre isso. Tenho dois ou três truques para te ensinar, para você evitar certos erros de principiante.

Sorriso de volta. E esse sorriso entre mim e papai é o sorriso de um homem para outro homem. Ele está para sair do quarto e a porta já vai se fechar quando crio coragem:

— Papai?

Ele adianta a cabeça, estilo caramujo.

— Eu queria apenas poder sair para ir ver Beatriz. Hoje eu estava na casa dela.

Papai fica sério por um instante e eu me preparo para o seu *nem pense nisso*. Ele baixa o olhar para o chão e depois o levanta.

— Permissão concedida, mas só por esse motivo. Senão...

Interrompo:

— ... Você me reduz ao pó da minha sombra, já sei, já sei.

Sorriso um sorriso quase perfeito:

— E a mamãe?

— Eu falo com sua mãe.

A porta já se fechou quando ele diz isso.

— Obrigado, papai.

Repito duas vezes. As palavras rolam sobre o piso, enquanto, deitado na cama, observo o teto branco se transformar num céu estrelado. O sangue bombeia rapidamente nas veias e as inflama. Pela primeira vez depois de um castigo, não odeio meus pais nem a mim mesmo. E o pó da minha sombra é poeira de estrelas.

Não podendo mais sair de casa até o final do

ano letivo, me esperam mais dois meses de reclusão, exceto as visitas a Beatriz, que mamãe ratificou como cláusula do nosso armistício. Apesar do castigo, estou feliz, porque minha única razão verdadeiramente importante para sair foi reconhecida. Para o campeonato de futebol, posso inventar alguma coisa... E o bom é que, com essa punição, provavelmente vou passar de ano. Sem distrações e impossibilitado de sair, minhas ocupações têm sido: estudar (na maioria das vezes, com Silvia, que se empenha e eu não); ficar no computador (mas também com horários fixados a partir do pacto de vinte e um de março, ou seja, o dia da visita a Beatriz e da consequente punição); ler livros, isto é: ler um livro, o enésimo que Silvia me empresta, chamado *Alguém para correr comigo*, e pelo menos o título não é ruim, embora nele se fale de um cão para sair por aí (... isso é perseguição!); tocar guitarra (de vez em quando Niko vem aqui e a gente toca umas canções juntos. Enquanto isso, ele deixou Alice, ou melhor, Alice o deixou por outro); e, inacreditável, olhar as estrelas.

Sim, olhar as estrelas, pelo simples motivo de que papai me contagiou com sua paixão pela astronomia. Conhece todos os nomes das constelações e é capaz de reconhecer as estrelas, criando com a ponta do indicador umas teias invisíveis de prata que as unem como no jogo dos pontinhos da revista *Settimana Enigmistica*.

Um dia talvez isso me seja útil com Beatriz. Quero lhe mostrar todas as estrelas e inventar para ela uma constelação com seu nome. Que forma terá? Qual é a forma de um sonho?

Entro no quarto de Beatriz com minha

guitarra a tiracolo. Me sinto um daqueles instrumentistas ambulantes que circulam pelos vagões do metrô, e que no final esmolam um pouco de felicidade.

Beatriz sorri: eu mantive a promessa; está deitada na cama, de barriga para cima, e lendo, enquanto o som estéreo faz ricochetear nas paredes do quarto a voz de Elisa, que procura uma via de fuga pela fresta da janela semicerrada.

— Então, hoje vamos começar! — diz Beatriz, envolvendo no sorriso também o verde dos seus olhos, como se estivessemos para iniciar algo destinado a não acabar nunca.

— Quero aprender a tocar esta canção — continua, indicando o equipamento de som com a cabeça.

*Ho aspettato a lungo
qualcosa che non c'è,
invece di guardare
il sole sorgere...**

— Com um professor como eu, não há problema... Claro, vou ter que vir todos os dias...

Beatriz ri com o coração nos olhos, jogando a cabeça para trás e cobrindo a boca com a mão, como se quisesse limitar um gesto muito exagerado em relação àquilo que ela pode se permitir, ela que poderia se permitir qualquer coisa.

— Eu gostaria, Leo, mas você sabe que não consigo...

Tiro a guitarra do estojo como se fosse The Edge.

Me sento na beira da cama, junto de Beatriz, que se soergue. Eu queria aprisionar o perfume dos seus movimentos num gravador de odores, se por acaso existisse um. Ajeito a guitarra sobre as pernas dela e lhe mostro como segurar o instrumento, que parece muito incômodo sobre seu corpo débil. Meu braço a conduz por trás, para ajudá-la a obter a empunhadura correta, e por um instante minha boca chega tão perto de seu pescoço que se pergunta o que o cérebro está esperando para dar a ordem de beijá-lo.

A canção de Elisa termina.

— Pronto, agora você deve manter a corda comprimida sobre o braço da guitarra, fazendo pressão com o polegar, por trás, e dedilhá-la com a mão direita.

Beatriz aperta os lábios no esforço de produzir um som que permanece surdo no quarto agora silencioso, e é o som surdo feito pelo seu corpo sem forças. Seu corpo que deveria encher o mundo com uma harmonia jamais ouvida, de uma sinfonia sem limites, só consegue produzir uma nota desajeitada. Eu apoio

minha mão na dela e faço pressão com o dedo, delicadamente. As mãos se sobrepõem como quando eu rezava, na infância.

— É assim.

E a corda começa a vibrar.

Com meu corpo, eu possibilito que o de Beatriz toque.

Beatriz me fita e sorri como se eu tivesse lhe mostrado um tesouro escondido há milênios, e em vez disso simplesmente a ensinei a dedilhar uma corda.

Impaciente, ela me passa a guitarra.

— Me mostre como é que se faz, assim eu aprendo mais depressa.

Pego a guitarra, enquanto ela se senta um pouco afastada, encolhendo-se e abraçando os joelhos.

Começo a beliscar os acordes da canção de Elisa. Beatriz a reconhece e fecha os olhos, em busca de alguma coisa perdida.

— Por que você não canta? — pede.

— Porque não sei a letra — me apresso a responder, mas a verdade é que me envergonho de cantar, por medo de desafinar.

Com os olhos fechados, Beatriz descerra os lábios, levemente, e uma voz frágil brota de suas cordas vocais, como uma fonte que acaba de emergir.

*E miracolosamente
non riesco a non sperare.
E se c'è un segreto
è fare tutto come se
vedessi solo il sole...*

Meus dedos se tornam parte de sua voz, que os percorre como se eles tivessem se transformado no leito do rio para aquele curso d'água vocal. Sua voz preenche cada cantinho do aposento, até aqueles onde a luz não chega nunca, e se alastra para fora da janela, indo circular pela cidade adormecida, cega no seu cinzento e repetitivo vaivém, suavizando os ângulos retos da vida cotidiana e os maxilares contraídos pela dor e pela fadiga.

*Un segreto è
fare tutto come se,
fare tutto come se
vedessi solo il sole,
vedessi solo il sole,*

vedessi solo il sole...

E non qualcosa che non c'è...

Acompanho as últimas palavras com um acorde de encerramento.

Permanecemos em silêncio, no silêncio nascido do final da canção: um silêncio duplo, ao quadrado, no qual o eco das palavras ressoa como uma canção de ninar que fez adormecerem as preocupações inúteis e acordou aquilo que importa.

Beatriz abre os olhos e sorri: o verde dos seus olhos, o vermelho dos seus cabelos e o ouro de seu sorriso são as cores com as quais o mundo foi pintado.

Depois Beatriz chora, com um sorriso mesclado às lágrimas.

Com o olhar fixo, imóvel, atento a ela, eu me pergunto por que a dor e a alegria choram do mesmo modo.

Nota

* “Esperei por muito tempo/ algo que não existe/ em vez de olhar/ o sol nascer...”.
Adiante: “E miraculosamente/ não consigo não ter esperança./ E se existe um segredo/ é fazer tudo como se/ eu visse apenas o sol...”. E também: “Um segredo é/ fazer tudo como se./ fazer tudo como se/ eu visse apenas o sol./ eu visse apenas o sol./ eu visse apenas o sol.../ E não algo que não existe...” (N. T.)

As tardes de estudo com Silvia, em certos

momentos, são o único antídoto contra o veneno da tristeza. Estudamos, e às vezes um verso de Dante ou a frase de um filósofo nos levam longe. Eu conto a ela minhas visitas a Beatriz. Repito tudo o que falamos e me sinto melhor: os encontros com Beatriz permanecem dentro de mim como uma pedra a digerir. Mas digerir pedras é impossível. De certa forma, as conversas com Silvia são a enzima para digerir essas rochas. Silvia me escuta com atenção, não comenta. Até seu silêncio me basta. Uma vez, no entanto, me perguntou:

— Quer que a gente reze por ela?

Eu confio em Silvia, e, se ela acha que alguma coisa é boa, eu faço. Então, às vezes dizemos uma prece. Não que eu acredite, mas Silvia acredita. E assim dizemos esta prece pela cura de Beatriz:

“Deus (*se é que você existe* — isso sou eu que eu acrescento, em segredo), cure Beatriz.”

Como prece, não é grande coisa, mas a essência é tudo. E, se Deus é Deus, não precisa de muitas palavras. Se Deus não existe, essas palavras são inúteis; mas, se existe, talvez acorde do seu sono milenar para se ocupar de uma vez por todas com algo que valha a pena. Isso eu nunca disse a Silvia, para não ofendê-la, mas é o que penso.

Beatriz. Vou visitá-la todas as semanas.

O dia muda sempre, depende de suas condições, porque em certas tardes ela está muito cansada. Não houve melhoras depois das últimas transfusões, a situação estacionou. Ela ou a mãe me enviam uma mensagem quando ela está um pouquinho mais animada e eu vou logo para sua casa, de ônibus (depois do acidente, minha motoneta virou defunta e não creio que vá reencarnar em mais nada, e também, embora o dano seja coberto pelo seguro, o pacto de vinte e um de março prevê uma eventual discussão sobre a possível compra de novo meio de transporte, mas só se eu passar de ano).

A cada vez, levo alguma coisa que possa servir para distrair Beatriz. Quando entro no seu quarto, meu objetivo é dar a ela um pedaço de paraíso (em sentido metafórico, porque não acredito no paraíso), mas depois eu encontro o paraíso ali, porque ela está (então, talvez o paraíso exista, porque coisas tão bonitas assim não podem acabar). Uma vez levei um CD e botei pra tocar a canção que prefiro.

— Dança comigo?

Ela pediu com um fio de voz. Mal posso acreditar. Sustento o corpo muito frágil de Beatriz na luz do seu quarto e a faço flutuar lentamente como uma bolha, que de um momento para outro pode se perder no ar. Os cabelos cresceram o suficiente para que eu sinta seu perfume. Seguro sua mão e sua cintura: um copo de cristal que pode se despedaçar de uma hora para outra, até por culpa do líquido vermelho que eu quero derramar ali dentro.

Todo o ímpeto de levá-la para a cama, que antigamente me vinha quando eu pensava nela, está longe: mas isso não me transformou num veado. Seu corpo, atrás das roupas delicadas, parece ser uma parte de mim, como se nossa pele já não soubesse quais ossos e quais músculos cobrir. Seu rosto, apoiado na curva do meu pescoço, é a peça que falta ao quebra-cabeças desconexo da minha vida, a chave de tudo, o centro da circunferência. Suas pernas acompanham meus passos, que inventam uma coreografia desenhada desde a primeira dança entre um homem e uma mulher. Meu coração parece bater no corpo todo, do dedão do pé ao extremo norte dos meus cabelos, e a força que encontro dentro de mim bastaria para criar o mundo inteiro neste quarto.

Mas Beatriz só consegue dar uns poucos passos; depois se abandona entre meus braços. Levíssima, como um floco branco de neve. Eu a ajudo a voltar para a cama. Desligo o som. Ela me fita com gratidão, um instante antes de fechar os olhos na prostração do sono, e num só olhar que se apaga eu compreendo que tenho tudo o que ela está perdendo: os cabelos, a escola, o baile, a amizade, a família, o amor, as esperanças, o futuro, a vida... mas não sei o que

estou fazendo com todas essas coisas.

Não consigo estudar, e amanhã tenho prova de

matemática. Continuo a rever o olhar de Beatriz, que se apaga, derrotado.

Eu o vejo atrás das linhas,
entre as linhas,
no branco das linhas.

É como se meus sentidos tivessem se retirado e desenvolvido outra forma de percepção: tudo aquilo que Beatriz está perdendo eu devo viver não só por mim, mas também por ela. Devo viver tudo duas vezes. Beatriz gosta de matemática. Então, eu agora quero estudar matemática, e bem, porque Beatriz lamenta abandonar até esta misteriosa chatice...

Na casa de Beatriz, me transformo em

personagens sempre novos: primeiro o professor de guitarra, agora o professor de geografia. Quem diria, eu que nunca estudei geografia e me limitava a pregar nos nomes das nações a indústria metalúrgica e a siderúrgica, entre as quais, aliás, nunca entendi a diferença, para não falar dos cultivos de beterraba-branca, que eu imagino cheios de plantas com envelopinhos de açúcar de bar pendurados.

Toda vez que venho ver Beatriz a levo para uma cidade diferente. Beatriz sonha viajar, e quando sarar quer correr o mundo, conhecer as línguas, descobrir os segredos delas. Já sabe inglês e francês, quer aprender português, espanhol e russo. Não sei por que o russo, com aquelas letras incompreensíveis... não lhe basta o grego?!

Ela diz que conhecer as línguas dos outros ajuda a ver melhor o mundo. Cada língua tem um ponto de vista diferente. Os esquimós, por exemplo, têm quinze palavras para dizer “neve”, com base em temperatura, cor, consistência, enquanto pra mim neve é neve e pronto, depois a gente acrescenta um adjetivo pra saber se pode andar de snowboard nela. Os esquimós veem quinze tipos diferentes de branco no branco que eu vejo, a coisa me aterroriza...

Coleta material estudando usos e costumes de uma cidade ou nação, baixo da Internet as imagens dos lugares mais bonitos a visitar, dos monumentos imperdíveis, talvez ligados a histórias interessantes. Preparo um Power Point e depois nós dois vemos tudo no computador, enquanto finjo levar Beatriz por aquelas ruas, como se eu fosse um guia turístico experiente.

Assim foi que visitamos o Anel de Ouro na Rússia, cobertos por mil camadas de lã para nos proteger do frio, descansamos à sombra gigantesca do Cristo Redentor que se eleva sobre o Rio de Janeiro, paramos em silêncio diante do Taj Mahal na Índia, um edifício extraordinariamente branco pousado sobre areia vermelha, que um rei hindu mandou construir por amor à sua mulher, mergulhamos nas águas da Grande Barreira de Coral depois de passarmos pelo teatro da Ópera de Sidney, participamos da cerimônia do chá, talvez o primeiro que bebo na vida, num cantinho inesquecível de Tóquio.

Ainda queremos navegar pelo Danúbio e observar um gêiser islandês, comer um *cannolo* siciliano à beira-mar, bater uma foto em preto e branco do rio Sena, passear olhando todos os artistas ao longo das Ramblas, abraçar a Pequena Sereia, roubar a poeira da Acrópole, comprar roupas na Big Apple e usá-las em seguida no Central Park, rodar de bicicleta entre os canais de Amsterdã, procurando nos equilibrar para não cair na água, atirar longe pelo

menos uma pedrinha de Stonehenge, dar dois saltinhos na orla de um fiorde norueguês, correndo o risco de sair voando, e nos deitar num imenso prado irlandês, pensando que no mundo só existem duas cores: o verde e o azul... Temos o mundo inteiro para descobrir e explorar, e o quarto de Beatriz se transforma em todos os lugares graças às nossas excursões super-low-cost.

— Beatriz, pra onde você quer ir no verão, depois de concluir o ensino médio?

Beatriz fica em silêncio e ergue o olhar, colocando um dedo em cima do nariz e da boca, como quem procura uma solução difícil.

— Eu queria ir à Lua.

— À Lua? Um monte de poeira branca sem gravidade, imersa no silêncio mais escuro que existe...

— Sim, mas lá estão conservadas todas as coisas que se perdem na Terra.

— De que você está falando?

— Não conhece a história de Astolfo no *Orlando Furioso*? É um cavaleiro que vai recuperar o juízo de Orlando, que enlouqueceu por amor, para que ele possa voltar a combater.

Balanço a cabeça e me imagino como um Leo furioso, que perdeu a cabeça por amor.

— Você ainda vai estudá-la. Mas é só uma fantasia... — acrescenta Beatriz, quase triste.

— O que você iria recuperar?

— E você? — devolve Beatriz.

— Não sei, talvez minha primeira guitarra, que esqueci num hotel de montanha e nunca mais achei. Era importante pra mim, foi nela que aprendi a tocar... Ou talvez minha motoneta velha... não sei... E você?

— O tempo.

— O tempo?

— O tempo que desperdicei...

— Desperdiçou como?

— Com coisas inúteis... o tempo que não usei para os outros: eu poderia ter feito muito mais pela minha mãe, pelos meus amigos...

— Mas você ainda tem a vida inteira pela frente, Beatriz.

— Não é verdade, Leo, minha vida já ficou para trás.

— Não diga isso, você não sabe, ainda pode se curar!

— Leo, a operação não deu resultado.

Fico mudo. Não consigo imaginar o mundo sem Beatriz. Não consigo suportar o silêncio que haveria. Todas as cidades a visitar desapareceriam imediatamente, belezas inúteis, se eu estivesse sozinho. Tudo perderia o sentido, ficaria branco como a Lua. Só o amor dá sentido às coisas.

Beatriz, se, como os esquimós para a neve, tivéssemos quinze maneiras de dizer te amo, eu usaria todas para você.

Fora da casa de Beatriz, a luz de maio me

respinga como a ducha após as partidas com Niko. E, quando fecho a torneira, já estou no prédio de Silvia para a temível e infinita recapitulação de italiano antes da arguição sobre todo o programa do segundo quadrimestre.

Ficamos estudando até tarde. Já são onze quando a mãe dela entra timidamente no quarto e nos pergunta se queremos beber alguma coisa. Assim, enquanto bebericamos uns golinhos de Coca que nos despertam um pouco, Silvia me propõe irmos à sacada para tomar ar. A Via Láctea parece ter se iluminado para esta ocasião. Começo a mostrar a Silvia umas constelações. Repito para ela o que papai me ensinou, acrescentando até uns detalhes inventados... Aponto com o indicador as estrelas quase invisíveis em meio aos reflexos da cidade, as quais formam as minhas constelações preferidas: Perseu, Andrômeda e Pégaso.

Conto a Silvia, que desloca lentamente a vista, do meu dedo para o céu, como se eu mesmo o estivesse desenhando, a história de Perseu que derrota a Medusa, aquela do olhar que petrifica, e de cujo sangue se eleva, branco como a espuma do mar, o cavalo alado: Pégaso, que ainda flutua livre pela Via Láctea. Perseu que se depara com Andrômeda, prisioneira num rochedo, à espera de que um monstro marinho que a quer devorar, a liberta do monstro.

— Meu pai me fez descobrir que o céu não é uma tela. Eu o via como um televisor, com pontos coloridos espalhados aqui e ali, aleatoriamente, na superfície. Mas, se você o olhar bem, o céu é como o mar: é profundo, você quase consegue perceber as distâncias entre as estrelas e tem medo da sua própria pequenez. E aquela profundidade do céu, cheia de medos, você a preenche com histórias. Sabe, Silvia, eu não acreditava, mas o céu é cheio de histórias. Eu antes não as via, e agora as leio como num livro. Meu pai me ensinou a ver as histórias, do contrário elas fogem, se escondem, se estendem como fios invisíveis de uma trama entre uma estrela e outra...

Silvia me escuta, fitando os pontos luminescentes sobre o fundo uniforme. O odor da cidade se aquieta junto dela e até as ruas parecem perfumadas. Silvia tem a paz no coração. Silvia sorri:

— As pessoas são um pouco semelhantes às estrelas: talvez brilhem distantes, mas brilham, e têm sempre algo de interessante a contar... mas é necessário ter tempo, às vezes muito tempo, para que as histórias cheguem ao nosso coração, como a luz aos olhos. E também é preciso saber contar as histórias. Você sabe fazer isso bem, Leo, infunde paixão na gente. Talvez um dia se torne um astrofísico ou um escritor...

— Um *astro* o quê? Não, não fui feito pra prever o futuro...

— O que você entendeu, seu bobão? Astrofísico é quem estuda o céu, as

estrelas, as órbitas celestes.

— Pode ser... eu gostaria. Mas acho que é matemática demais pra estudar. Embora a Via Láctea seja uma das poucas coisas brancas que não me aterrorizam.

— Como assim?

— Deve ser porque, na realidade, esse branco é feito de muitos pontinhos luminosos, ligados entre si... e cada uma das ligações esconde uma história a recordar...

— Pois é... só as histórias bonitas merecem as constelações...

— Tem razão. Veja como Perseu liberta Andrômeda, e Pégaso esvoaçando branco e livre...

— É preciso ter um pouco de fantasia, mas...

Interrompo as palavras de Silvia, que flutuam no ar límpido e alcançam as estrelas, parece até que podemos ouvi-las:

— Eu queria libertar Beatriz daquele monstro, como Perseu. E escapular num cavalo alado...

— Seria bonito...

— Você acha que eu poderia ser até um escritor?

— Me conte uma história...

Permaneço em silêncio. Fito uma estrela mais vermelha do que as outras, cintilante.

— Era uma vez uma estrela, uma estrela jovem. Como todas as estrelas jovens, era pequena e branca como o leite. Parecia quase frágil, mas isso era só o efeito da luz que ela liberava, e que a tornava quase transparente, toda luz. Era chamada de Anã, porque era pequena. Branca, porque era luminosa como o leite: Anã Branca, Anã para simplificar. Ela adorava girar pelo céu e conhecer outras estrelas. Com o passar do tempo, Anã cresceu e se tornou Vermelha e grande. Não era mais Anã, mas Gigante, Gigante Vermelha. Todas as estrelas a invejavam por sua beleza e seus raios vermelhos, como cabelos infinitos. Mas o segredo da Gigante Vermelha era continuar Anã dentro de si. Simples, luminosa e pura como Anã, embora parecesse gigante e vermelha. Por isso Anã Vermelha continua a cintilar no céu, do branco ao vermelho e vice-versa, porque é as duas coisas simultaneamente. E não existe beleza mais bela do que ela no Céu. E na Terra.

Fico mudo. Minha história não é uma história. Não há nenhuma história, mas foi isso o que uma estrela luminosa me sugeriu. Aponto a estrela.

— Quero dedicar aquela estrela a você, Silvia.

Um sorriso branco e vermelho ilumina a face de Silvia, como se seu rosto fosse um espelho capaz de refletir, a milhões ou talvez bilhões de anos-luz, os lampejos de sua estrela.

Silvia apoia a cabeça no meu ombro e fecha os olhos. E eu, em silêncio, fito Perseu, Andrômeda, Pégaso. O céu se transformou numa enorme tela cinematográfica escura, pronta para projetar todos os filmes que desejarmos, enquanto, sem rumor, algo de pequeno e luminoso se aninha num cantinho do meu coração, como o grão de areia que se esconde na ostra para se transformar em pérola.

“Gosto de você”, dizem os olhos de Silvia.

“Eu também”, respondem os meus.

A professora de italiano me argui e me

pergunta por que só agora comecei a estudar. Olho para Silvia, que balança ligeiramente a cabeça, e engulo as palavras que estou prestes a dizer, mas sei a quem devo agradecer. Só fui mal na arguição em uma coisa: nos subjuntivos.

— Por que você erra todos os subjuntivos, Leo? Parece que faz de propósito. Erra até os mais simples...

Também desta vez, permaneço em silêncio e maldigo aquele dia em que, para ser aceito pelo grupinho que eu frequentava no terceiro ginásio, decidi abandonar o subjuntivo porque ninguém ali o usava. Para ficar no grupo, você pode renunciar ao subjuntivo, mas, para falar italiano, não. E, assim, ganho sete em vez de oito.

De amanhã em diante, vou passar a repetir frases com subjuntivo, quer me agrade ou não. Pronto. Acabei de fazer isso. Eu gosto, embora vá ter que corrigi-lo em todas as coisas que escrever. Se quero me tornar escritor, devo aprender a usar o subjuntivo. Claro, o subjuntivo não é necessário pra viver, mas graças a ele se vive melhor: a vida se enche de nuances e possibilidades. E vida, eu só tenho esta.

Vou encontrar Beatriz, que está escrevendo

no diário. Ela também, como Silvia. Me acolhe com um sorriso e me pede para ajudá-la a escrever. Ninguém lê seu diário, mas a mim ela daria permissão, se eu escrevesse em seu lugar.

— Se você me ajudar a escrever, eu te deixo ler — me diz, e tenho a sensação de entrar no aposento que encerra todos os segredos do mundo.

O diário tem capa vermelha e as páginas são brancas. Brancas sem linhas. A pior coisa que podia me acontecer...

— Beatriz, não sei escrever em páginas brancas. Posso arruinar tudo...

Digo isso observando a ordem perfeita da escrita de Beatriz. No alto, à direita, a data, e em seguida pensamentos expressados com uma grafia delicada, elegante, discreta. Parece um vestido branco num dia de vento primaveril. Leio o parágrafo que ela está escrevendo: “Querido Deus...”. Como assim, “Querido Deus”?! Sim: “Querido Deus...”. Beatriz escreve cartas a Deus. Todo o seu diário é composto de breves cartas a Deus, nas quais ela conta seus dias e confidencia medos, alegrias, tristezas, esperanças. Releio em voz alta a última parte da carta daquele dia, porque ela me pede, para poder recomeçar a partir de onde interrompeu.

“... Hoje estou realmente cansada. Tenho muita dificuldade de te escrever. No entanto, teria muitas coisas a dizer, mas me consola o fato de que você já sabe de todas. Apesar disso, gosto de te falar delas, isso me ajuda a compreendê-las melhor. Me pergunto se no céu poderei ter novamente os meus cabelos vermelhos... se você os fez vermelhos, é porque gostava deles assim, cheios de vida. Então, talvez eu os tenha de volta.”

Enquanto leio, minha voz ameaça se embargar, mas consigo me conter.

— Agora, continue você mesmo a escrever: “... Hoje eu realmente estava me cansando muito, minha mão ficou doendo. Por sorte, você me mandou Leo, um dos seus anjos da guarda...”

Nunca pensei em mim como anjo da guarda, e muito menos como anjo, mas isso não me desagrada nem um pouco. Leo, o anjo da guarda. Soa bem. Enquanto isso, Beatriz parou para pensar. Dirige para o vazio seus olhos verdes como profundezas esquecidas, das quais um tesouro antigo está prestes a emergir de um momento para outro. Interrompo esse olhar:

— Beatriz, você é feliz?

Ela continua fitando o vazio e, depois de uma pausa, diz:

— Sou, sim.

Quando levanto os olhos do diário, ela caiu no sono. Eu lhe faço um carinho e tenho a impressão de acariciar sua fraqueza. Não me escuta. Está dormindo.

Fico olhando-a por meia hora sem dizer nada. Olhando-a, vejo adiante, percebo algo que me amedronta, porque não consigo lhe dar um nome. Releio o que escrevemos. Dessa vez, fui eu que tornei visível a alma de alguém. A alma de Beatriz, com minha letra torta e em descida... escrevi todas as linhas em descida. Só agora me dou conta. Não sei escrever sobre o branco. Parece que todas as palavras deslizam por uma ladeira até se espatifar..

Depois a mãe dela entrou e eu saí. A mãe de Beatriz me beija a testa e eu, que não sei o que fazer, lhe dou um abraço. Do jeito que ela me agradece, compreendo que fiz a coisa certa. Desde quando comecei a tentar viver também por Beatriz, invento um monte de coisas certas. Isso também é amor, creio, porque depois fico feliz: o segredo da felicidade é um coração apaixonado. Hoje vou levar Terminator pra fazer xixi: poderia fazer isso até por toda a vida. Beatriz não pode, eu sim. Isso também é vida.

Se Beatriz escreve a Deus, seguramente ele existe.

Perco tempo escrevendo minhas MNE

(mensagens nunca enviadas...) no celular. E a verdade é que o T9 é mais inteligente do que eu. O T9 pode pensar setenta e cinco mil palavras, e eu, só mil. É verdade. Quantas palavras eu não sei, não me ocorrem, palavras que não conheço, e que o T9 me sugere! Não sei o plural de “míssil”, e o T9 sabe. Não sei se “consciência” é com “sc” e o T9 sabe. Não sei se “decepção” tem “i” depois do “p”. E, quando quero xingar alguém de “safado”, na quarta letra aparece “anjo”, e aí sou obrigado a encontrar um sinônimo menos ofensivo e me saio com “sacana”...

Quem será que inventou o T9? Deve ter faturado muita grana. Eu também quero inventar alguma coisa que me faça ganhar muita grana. Se me empenhasse mais, talvez conseguisse. Ou talvez não. E, se escrever um romance, vou escrever com o T9. Ora, por que me perco imaginando essas babaquices?

Seja como for, vejo que escrevi — nem sei como — “Prezado Fin...”, porque o T9 não tem a palavra “Dio”, Deus. E, para Deus, “Fin” não me parece um apelido ruim. O nome Deus me dá medo. Continuo escrevendo, exatamente como fiz com Beatriz, mas, pelo menos, no celular as linhas saem retas: “... você diz que é nosso pai, mas parece estar tranquilo demais aí no céu. Não sei o seu nome e, sem querer ofender, vou chamar você de Fin, porque é assim que o T9 te chama. Não posso aceitar sua vontade, porque o que você está fazendo com Beatriz não tem sentido. Se é onipotente: salve-a. Se é misericordioso: cure-a. Você colocou um sonho no meu coração: agora, não me tire esse sonho. Se gosta de mim: demonstre. Ou será que é fraco demais para tudo isso? Você diz ser a vida, mas toma a vida das pessoas. Diz ser o amor, mas torna impossível viver o amor. Diz ser a verdade, mas a verdade é que não se importa comigo e não pode mudar as coisas. Não é de espantar que depois ninguém lhe dê crédito. Talvez eu esteja sendo presunçoso, mas, no seu lugar, a primeira coisa que faria — não é preciso ser Fin pra entender — era curar Beatriz. Amém”.

Enquanto escrevo, uma mensagem me interrompe e eu a leio em voz alta:

“Lembre sempre que eu existo. Te quero bem, ainda que você não mereça... ;-) S.”

Silvia é um anjo e está em contato direto com Deus, talvez eu devesse perguntar se ela tem o número do celular de Fin, assim poderia enviar a mensagem pra ele. Fin, tenho certeza de que você vai curar Beatriz! No seu lugar, eu faria isso, espero que você seja melhor do que eu...

Voltei à casa de Beatriz. Estava quase me

preocupando, mas depois sua mãe me enviou uma mensagem. Encontro Beatriz adormecida, ainda mais magra, opaca. Um tubo de soro acompanha gota a gota os segundos que correm. Ela abre os olhos e seu sorriso parece vir de longe, como sorriem os velhinhos, com melancolia.

— Estou muito cansada, mas contente porque você veio. Queria escrever no meu diário, mas não consigo segurar a caneta. Me sinto uma idiota.

Puxo do bolso uma folha de papel e a coloco disfarçadamente atrás da página onde vou escrever: a folha com as linhas pretas para escrever reto na folha branca. Quando quero, eu me empenho, e como! Escrevo o que Beatriz me dita, às vezes ela se interrompe, fica sem voz, com a respiração ofegante. Depois cochila. Eu espero e a vejo deslizar como um barco sem motor, sem vela, sem remos, levado pela corrente. Ela abre os olhos de novo.

— Estou exausta... me conte alguma coisa, Leo.

Não sei do que falar. Não quero cansá-la com minhas bobagens. Falo da escola e das minhas dificuldades, do que aconteceu este ano, do Sonhador, de Gandalf, de Niko e do campeonato de futebol que nós Piratas estamos para vencer... Falo de Silvia, das vezes em que ela me salvou das enrascadas, da vez em que matou aula comigo e depois me animou a vir até aqui... Beatriz me interrompe de repente.

— Seus olhos brilham quando você fala de Silvia, parecem estrelas...

Beatriz sabe dizer frases incríveis com a simplicidade de uma criança que pede o enésimo biscoito. Fico em silêncio, como quem sofreu uma grande injustiça mas não pode fazer nada pra se defender. Não posso amar Silvia, posso e quero amar somente Beatriz: e é justamente ela a me dizer que meus olhos brilham como estrelas quando eu falo de Silvia.

— Você já se apaixonou, Beatriz?

Ela responde que sim, com um leve suspiro, e se cala. Percebo que não é o caso de perguntar mais nada, mas também sei que só ela tem as respostas certas.

— E como era?

— Era como uma casa para onde eu podia voltar quando queria. Como quando você faz mergulho. Lá embaixo, tudo é parado e imóvel. Há um silêncio absoluto. Há paz. Mesmo que, ao emergir, você encontre a superfície do mar agitada.

Escuto em silêncio e desconfio que as palavras que usei na minha vida têm que ser revistas no verbete “amor”, embora, nas atuais circunstâncias, se eu procurar essa palavra, a única coisa que encontro escrita é “ver no verbete Beatriz”. Enquanto sou tomado por esses pensamentos inúteis, Beatriz cai num

torpor surpreendente, como se tivesse apagado de repente. Ou talvez tenha apenas os olhos fechados, mas compreendo que devo ir embora.

Silvia é azul, não é vermelha. No entanto, meus olhos brilham no azul.

Quando você não sabe responder a uma

pergunta, só existe uma solução: Wikipédia. Mas na Wikipédia não está escrito se é possível que Silvia seja, para mim, mais do que uma amiga; a pergunta me atormenta como as cigarras no verão, e não consigo afastá-la. Experimento dividir a pergunta em duas. Silvia me ama? Eu amo Silvia? Faço pelo menos onze testes no Facebook pra descobrir se uma pessoa ama a gente. Resultado unívoco: Silvia faz tudo o que caracteriza uma pessoa apaixonada, mas que não tem coragem de se declarar. Agora é a minha vez. Mas não quero descobrir isso com um teste. É importante demais. Preciso verificar pessoalmente.

— Silvia, vamos estudar juntos? Preciso de uma mãozinha com os poetas gregos.

Decididamente, a poesia não serve pra nada. É só uma desculpa pra se apaixonar.

Enquanto Silvia repete a tradução de uns

versos difíceis de Safo — “Afrodite imortal, do trono multicolor...” —, eu a fito sem escutar as palavras, apenas acompanhando o movimento dos lábios.

— “E tu, bem-aventurada, me perguntaste o que mais uma vez eu sentia e por que mais uma vez te chamava, e sobretudo o que minha alma louca desejava...”

Sigo as ondas dos seus cabelos negros, que se agitam com as palavras que ela pronuncia. Asas de uma gaivota que se abandona ao vento, sem esforço.

— “Vem novamente a mim, livra-me das penosas inquietações, e realiza tudo o que meu coração anseia...”

Fito seus olhos azuis, cheios de vida e de atenção comigo. Pela segunda vez, não a fito nos olhos, mas *dentro* dos olhos. Um mergulho num mar azul, calmo e fresco.

— O que você tem, Leo?

Eu me agito no sonho no qual afundei sem perceber e do qual não queria acordar.

— Parece distraído. Seus olhos brilham. Está pensando em Beatriz...? Vamos parar um pouquinho...

Desperto de um sonho.

— Não, não, continue. Estou ouvindo.

Silvia sorri, compreensiva:

— Tudo bem, agora vem o trecho de que eu mais gosto, aquele da maçã vermelha. Concentre-se: “Como a doce maçã que se avermelha na extremidade do ramo, alta no ramo mais alto, e que os colhedores de maçãs esqueceram; ou melhor, não: não a esqueceram, mas não conseguiram alcançá-la”.

Enquanto Silvia repete e segue com o dedo as palavras em grego, pela primeira vez acredito compreender aquela língua de mortos.

Decorei esses versos e os repeti até o alvorecer, que eu ainda não conhecia, e me surpreendeu enamorado, totalmente vermelho. Mas como posso trair Beatriz? Como posso alcançar Silvia, tão perfeita? No entanto, foi Beatriz que me abriu os olhos, foi ela que me fez ver o que eu não via. Silvia é casa. Silvia é paz. Silvia é porto. Será que um dia vou conseguir te alcançar, Silvia?

O ruim da vida é que ela não tem manual de

instrução. Em geral você segue as regras, e, se o celular não funciona, existe a garantia. Você o devolve e te dão um novo. Com a vida, não. Se ela não funciona, não te dão uma nova, você deve manter aquela que já tem, usada, suja e funcionando mal. E, quando ela não funciona, a gente perde o apetite.

— Leo, você quase não comeu, está se sentindo mal? — pergunta mamãe, de quem não se pode esconder nada.

— Não sei, estou sem fome — respondo secamente.

— Então, está apaixonado.

— Não sei.

— Como assim, “não sei”? Ou está ou não está...

— Estou confuso, é como se eu tivesse um quebra-cabeças de um milhão de peças sem a imagem completa como ponto de partida. Tenho que fazer tudo sozinho.

— Leo, mas a vida é assim. O caminho, você constrói ao longo do trajeto, com suas escolhas.

— E se a gente não souber escolher?

— Tente descobrir a verdade e escolha.

— E qual é a verdade sobre o amor?

Mamãe fica em silêncio. Eu sabia: não existe resposta, nada de instruções.

— Você tem que procurá-la no seu coração. As verdades mais importantes estão escondidas, mas isso não significa que não existem. Apenas são mais difíceis de encontrar.

— E você, o que descobriu nestes anos todos, mamãe?

— Que o amor não quer ter, o amor só quer amar.

Não respondo. Volto a comer, enquanto minha mãe lava os pratos, em silêncio.

O celular está em cima da mesa, ao lado do meu copo. Resolvo enviar uma mensagem para Silvia:

“Amanhã, isto é, hoje, às cinco, no banco do parque. Quero falar com você! Questão de vida ou morte.”

Chego com meia hora de antecedência, para

repetir de cor o discurso que quero fazer a ela. Um mendigo se aproxima pra me pedir alguma coisa e eu, que estou generoso com o mundo porque daqui a pouco vou me declarar a Silvia, lhe dou um euro, ou melhor, dois. Ele me diz:

— Deus te abençoe.

Assim que a vejo se aproximar, me pergunto como pude ser tão cego durante tanto tempo. Ela me confessa que este é um lugar maravilhoso e que todo mundo devia ter um lugar assim para projetar os próprios sonhos e declarar os próprios segredos. Com as atenções que dedicaria a uma rainha, convido Silvia a se sentar e, enquanto torço as mãos procurando as palavras, ela me detém, muito séria:

— Antes, eu é que preciso lhe dizer uma coisa, Leo.

Espero vivamente que seja a mesma, assim vamos logo ao ponto e nos abraçamos.

— Não quero mais manter este segredo, que faz meu coração explodir.

Pronto. Mais uma vez, Silvia me salva na hora agá.

— Beatriz nunca respondeu às suas mensagens porque eu não te dei o número certo dela.

Encaro Silvia como alguém que acabou de aterrissar, vindo de Marte, e vê pela primeira vez um ser humano. De repente, toda a beleza dos seus traços me parece rígida, de papel machê, como uma máscara vazia.

— Eu sei, Leo, lamento muito. Foi culpa minha.

Não compreendo.

— Naquela vez em que você me pediu o telefone dela, eu apenas fingi dar.

Me lembro de ter notado, quando Beatriz me ditou seu número, que este não coincidia com o que eu tinha. As palavras de amor que eu havia preparado desaparecem como os “eu te amo” escritos na areia junto ao mar. Meu tom de voz se endurece como gelo.

— Por que você fez isso?

Silvia permanece em silêncio.

— Por que fez isso, Silvia?

Silvia responde misturando lágrimas e palavras.

— Estava com ciúme. Queria que você enviasse aquelas mensagens para mim. Mas nunca tive coragem de lhe dizer. Durante meses, conservei sua carta para Beatriz imaginando que fosse para mim. Tinha pavor de te perder. Me perdoe.

Fico num silêncio branco, semelhante àquele que há na Lua. Ela fita a

corrente do rio e não tem coragem de erguer o olhar. Eu me levanto e vou embora, deixando-a ali, como uma perfeita estranha. Silvia não é mais ninguém para mim. O amor não pode nascer de uma traição.

— Quero te esquecer o quanto antes.

Repito isso entre lágrimas. E aquele sentimento que, algumas noites antes, havia se aninhado num cantinho do meu coração se petrifica e se transforma num grão de sal, que sai misturado com as lágrimas, dissolvido, perdido, para sempre.

Estou cansado de ser traído.

É tão grande a dor encerrada no meu peito que

eu poderia incendiar o mundo. Ficar fechado em casa me alimenta o fogo, não aguento mais. Vou ao escritório do meu pai e digo, curto e grosso:

— Chega, papai! Já entendi. Caralho! Mas agora chega.

Ele me olha sem falar nada. Permanece em silêncio. Eu o provoquei, disse um palavrão, e ele não responde. Que merda de maneira é essa de reagir às provocações?

Bato a porta e volto para o quarto. Aumento o som até fazer as janelas tremerem, para que todo mundo me ouça e ninguém possa me falar. Quero me trancar numa casa de máquinas bem barulhenta, porque, hoje, esta onde vivo não é minha casa. Terminator começa a uivar, como costuma fazer nesses casos. Sempre uiva quando escuta a música dos Linkin Park a todo o volume e quando minha mãe cozinha frango com pimentão. Parece que despertam dentro dele instintos primitivos, ou então lembranças ruins da infância canina. Terminator é mesmo um cachorro estranho. Se eu tiver que reencarnar, espero que minha destinação não seja Terminator. Sabe lá quem foi Terminator na vida passada...

Aumento ainda mais a música e as palavras de *Numb* estão prestes a espatifar as vidraças, para que todos me escutem. A certa altura, mamãe berra:

— Leo, abaixe isso daí, não consigo falar no telefone!

É justamente o que eu quero, mamãe, mas você não saca e acha que eu gosto de escutar esta porra de música a todo o volume. Ora, não estou nem aí! Só quero encher com o meu ruído este mundo que usa tampões nos ouvidos.

Depois meu pai entra no quarto. Não diz nada. Eu baixo o volume.

— Vamos dar uma voltinha...

Ele me ouviu. Meu pai me ouviu. Ouviu o que eu estava dizendo realmente.

Não falamos de nada. Mas, com papai ao lado, estou quase tranquilo, minhas dúvidas sobre tudo e todos parecem se acalmar. Minhas feridas ardem menos. Papai paternal. Como é que alguém se torna pai? É preciso ler um monte de livros, ter pelo menos um filho e uma força semelhante à de Deus.

Eu nunca serei capaz disso.

Deitados um ao lado do outro com os olhos

fechados, depois de cinco minutos de silêncio total. É um jogo que Beatriz me ensinou. Jogo de silêncio: poucos minutos calados, de olhos fechados, vendo as cores que aparecem sob as pálpebras. Eu trapaceio de vez em quando e a espio a poucos centímetros de mim, contendo a respiração para que ela não perceba que me voltei.

— Não abra os olhos — me diz, como se desconfiasse.

— Não estou abrindo.

— O que você viu?

— Nada.

— Concentre-se.

— E você, viu o quê? — pergunto curioso.

— Tudo o que tenho.

— De que cor é?

— Vermelho.

— E o que é?

— O amor que eu recebo. O amor é sempre uma dívida, por isso é vermelho.

Não entendo. Não estou à altura do que Beatriz diz. Nunca.

— E você, Leo, o que viu?

— Branco.

— De olhos fechados?

— De olhos fechados.

— E o que é?

— ...

— E então?

— Tudo o que eu não tenho. O amor é sempre um crédito, que nunca será saldado...

— Ora, pare com isso... — diz Beatriz, rindo, e me dá um beijo na bochecha.

De hoje em diante, não lavo mais o rosto.

Por um punhado de gols. É o momento do

acerto de contas: o desafio final contra o Vândalo. A partida que vale a vitória do campeonato. Estamos um ponto abaixo deles. Podemos só vencer. *Devemos* só vencer. E em jogo há muito mais do que uma vitória: há a vingança pelo nariz de Niko, a classificação de artilheiros, o orgulho dos Piratas. Sinto a raiva certa. A raiva que explode em chutes afogueados que queimam a pele dos adversários e se transforma em entradas duras nas pernas do Vândalo.

Estamos apostando tudo nisso. Um ano de canseiras. Se você vence o campeonato, todas as garotas te conhecem, você vira um gato. “O Pirata. Lá está, aquele é o Pirata. O capitão dos Piratas...” Já estou até escutando... Como eu queria que Beatriz me visse jogar! Quero dedicar a ela esta partida, a vitória, os gols, o triunfo sobre o Vândalo. Agora só preciso me concentrar. Falta meia hora, mas estou pronto há pelo menos três. Niko virá me buscar em sua moto.

Mensagem. Deve ser Niko mandando eu descer e esperar lá embaixo. “Tenho medo... estou cansada, cansadíssima. Estou sozinha... Beatriz.”

Ligo para ela.

— O que aconteceu, Beatriz, o que aconteceu?

Ela tem a voz embargada. Chora, chora como eu nunca a vi chorar.

— Estou indo!

Desço e, quando Niko chega, nem lhe dou tempo de respirar:

— Me dê uma carona. Agora mesmo. Depois vou encontrar vocês, espero...

Niko fica sem palavras e vai embora, me deixando ali sozinho. Eu o vejo se afastar velozmente, sua motoneta faz o barulho de um amigo que vai embora para sempre.

E esse barulho dói muitíssimo.

Beatriz abre os olhos vermelhos de choro e se solta do meu abraço.

— Obrigada por ter vindo, eu hoje não aguentaria sozinha...

— Como assim?

— Estou com medo.

— De quê?

— De perder tudo, de acabar no vazio, no silêncio, de desaparecer e pronto, de não ter mais as pessoas de que gosto.

Não existem frases, nem palavras aceitáveis na minha cabeça. Só me sai a única verdade que resta, como aquelas árvores que a gente vê solitárias num campo verde, imenso:

— Eu estou aqui.

Aperto suas mãos como se pudesse arrancá-la do vazio do medo, como um trapezista a quem foi confiada a vida do companheiro suspenso no ar, sem rede embaixo.

— Escreva...

O sussurro das palavras é confuso, e tenho que me inclinar levando o ouvido aos seus lábios para compreendê-las. Sua respiração é quente e as palavras, áridas como um ferro raspando sobre pedra. Escrevo as palavras que Beatriz me sussurra num suspiro; quando acaba de ditar, ela me estende o diário:

— Tome. Fique com ele. Com isso de hoje, acabei de escrever. Dou de presente a você.

Não posso: balanço a cabeça e coloco o diário junto dela.

— Achei que o escrevia para mim. Mas compreendi que estava escrevendo para você. É o que posso e quero lhe dar, Leo.

Não me opus.

— Beatriz, um dia vamos ler esse diário juntos.

Ela me sorriu.

— Sim. Agora vá. É tarde. Estou cansada.

Eu também queria lhe dar um presente, mas não tinha levado nada. Não podia ir embora assim. Remexi nos bolsos. Nada, exceto... a pedra de mil nuances de azul que eu tinha apanhado na sala de sua casa. Que vexame! Mas é a única coisa que tenho. Coloco-a na palma da mão dela, como se fosse um diamante.

— Meu amuleto da sorte, quero deixá-lo com você.

Beatriz sorri com o céu nos olhos.

— Obrigada.

Dou um beijo em seus cabelos vermelhos, e num instante minha vida se enche do seu sangue.

— Até a próxima.

— Até a próxima.

Aperto o diário de Beatriz contra o peito como se fosse minha pele. Reflito que a única coisa que pude lhe dar, eu a roubei de sua casa. Não tenho nada a presentear, a não ser o amor que recebo ou que roubo. Antes de sair da casa de Beatriz, roubo outra pedra azul. Não posso sair por aí sem o meu amuleto da sorte...

A noite é o lugar das palavras.

As palavras do diário de Beatriz iluminaram como o dia minha primeira noite de vigília, minha primeira noite de vivo: minha primeira noite. Aquela na qual os outros fazem amor.

Se o paraíso existe, Beatriz é quem vai me levar lá.

“A dor me obriga a fechar as pálpebras, a esconder os olhos. Sempre pensei que devoraria o mundo com meus olhos, como abelhas que pousassem sobre todas as coisas para lhes destilar a beleza. Mas a doença me obriga a fechar os olhos: pela dor, pelo cansaço. Somente aos poucos descobri que de olhos fechados eu via mais, que sob as pálpebras cerradas toda a beleza do mundo era visível, e essa beleza é você, Deus. Se você me faz fechar os olhos, é para que eu esteja mais atenta quando os reabrir.”

Assim está escrito no diário de Beatriz. E eu hoje fecho os olhos e vejo a vida com os dela. Se a vida tivesse olhos, teria os de Beatriz. A partir de hoje, quero amar a vida como nunca amei. Quase me envergonho por não ter começado antes.

Volto da escola. A mamãe me abre a porta.

— O que temos pra comer?

Ela me olha como a gente olha um menininho que se machucou.

— Não, sopa não...

Digo que tirei oito em filosofia, mas, antes mesmo que eu entre em detalhes, ela me abraça com força, escondendo meu rosto na curva de seu pescoço.

Sinto o perfume da minha mãe, um perfume que desde a infância me dava tranquilidade: um perfume misto de rosa e limão. Suave. Mas a mamãe não está me abraçando por causa da nota. Se assim fosse, suas lágrimas não umedeceriam meu rosto. Só então compreendo.

Eu queria fugir, mas ela não deixa, e afundo os dedos em sua carne para sentir se é verdade o que ela está me dizendo sem uma palavra.

Minha mãe é a única mulher que me resta.

A única pele que me resta.

Beatriz morreu.

A palavra é esta. Inútil tentar suavizar, ela não iria querer. As pessoas dizem *se foi, partiu desta para a melhor, faleceu*. Mentiras!

Beatriz está morta.

Esta palavra, “morta”, é tão violenta que você só pode dizê-la uma vez, e depois tem que se calar.

Silvia é a única pessoa com quem eu queria falar, mas não tenho forças para perdoá-la por ter mentido para mim. A vida é uma interrogação feita para te arrancar uma verdade que você não sabe, mas finge recordar só pra não sofrer mais... até se convencer daquela mentira, esquecendo que foi você quem a inventou.

Deus, as estrelas já não servem para nada: pode apagar uma a uma.

Destrua o sol e esconda a Lua.

Esvazie o oceano, arranque as plantas.

Agora, nada mais é importante.

E, sobretudo, me deixe em paz!

A igreja está explodindo de gente: a escola

inteira compareceu. Todos se acotovelam em torno de uma silhueta de madeira luzidia, que esconde o corpo dela, seus olhos extintos. A Beatriz que eu lembro não existe mais, e essa que agora jaz dentro de um caixão de madeira é outra Beatriz. Aí está o mistério desta coisa chamada morte. Mas aquilo que eu ameii nela e dela não foi embora. Não fugiu como uma respiração acelerada. Tenho seu diário preso entre as mãos, como uma segunda pele.

Quem celebra a missa é Gandalf. Mais uma vez. Fala do mistério da morte e conta sobre um certo Jó, de quem Deus tirou tudo e apesar disso Jó continuou fiel, embora tenha tido a coragem de lhe lançar na cara toda a crueldade dele.

— E, enquanto Jó grita entre lágrimas, Deus lhe diz: “Onde estavas quando lancei os fundamentos da Terra? Quem fechou com portas o mar? Desde quando existes, algum dia comandaste a manhã e designaste o lugar da aurora? Por acaso a chuva tem um pai? Quem gera as gotas do orvalho? Quem prepara ao corvo o seu repasto? É por teu designio que o gavião alça voo e abre as asas rumo ao Sul? Se tens tanta inteligência, responde!”.

Faz-se silêncio depois da leitura de Gandalf.

— Nós, como Jó, hoje gritamos a Deus o nosso desapontamento: não concordamos com o que ele decidiu fazer, não o aceitamos, e isso é humano. Mas Deus nos pede que confiemos nele. Essa é a única solução para o mistério da dor e da morte: a confiança no seu amor. E isso é divino, um dom divino. Não devemos ter medo se agora não o conseguimos. Pelo contrário, devemos dizer claramente a Deus: não concordamos!

Tudo conversa fiada! Eu odeio Deus. Confiar nele, nem pensar. Gandalf continua, imperturbável:

— Mas nós temos a solução que Jó não teve. Sabem o que faz o pelicano quando seus filhotes têm fome e ele não tem comida para lhes oferecer? Fere o próprio peito com seu longo bico e dali faz brotar sangue nutritivo para os filhotes, que se abeberam em seu ferimento como numa fonte. Como Cristo fez conosco, e é por isso que muitas vezes é representado como um pelicano. Ele derrotou nossa morte de filhos famintos de vida dando seu sangue, seu amor indestrutível, por nós. E sua dádiva é mais forte do que a morte. Sem esse sangue, morreríamos duas vezes...

Dentro de mim se faz silêncio. Sou uma pedra de dor suspensa no vazio do amor. Totalmente impermeável.

— Somente esse amor supera a morte. Quem o recebe e o dá não morre, e sim nasce duas vezes. Como Beatriz fez...!

Silêncio.

Silêncio.

Silêncio.

— Agora, convindo a recordá-la quem assim o desejar.

Segue-se um longo silêncio constrangedor. Depois me levanto, sob o olhar de todos. Gandalf, apreensivo, acompanha minha aproximação. Teme que eu diga alguma estupidez.

— Eu só queria ler as últimas palavras do diário de Beatriz, palavras que ela me disse e que eu transcrevi. Tenho certeza de que ela gostaria de transmiti-las a todos os presentes.

Minha voz se embarga e bebo lágrimas incontíveis, mas leio mesmo assim.

“Querido Deus, hoje é Leo quem escreve a você, porque eu não consigo. Mas, mesmo me sentindo tão debilitada, quero dizer que não sinto medo, pois sei que você vai me tomar nos braços e me ninar como se eu fosse uma menininha recém-nascida. Os remédios não me curaram, mas estou feliz. Estou feliz porque tenho um segredo com você: o segredo para te olhar, o segredo para te tocar. Querido Deus, se você me mantiver no seu abraço, a morte já não me dará medo.”

Levanto o olhar e a igreja me parece inundada pelo Mar Morto das minhas lágrimas, no qual eu flutuo com um barco que Beatriz construiu para mim. Cruzo com os olhos de Silvia, que está me fitando e, num simples olhar, tenta me consolar. Baixo os olhos. Fujo do microfone porque, apesar da minha jangada de madeira, estou prestes a me afogar em lágrimas. As últimas palavras que recordo são as de Gandalf:

— Tomai e comei, todos. Este é o meu sangue, derramado por vós...

Até Deus desperdiça seu sangue: uma chuva infinita de amor vermelho-sangue banha o mundo a cada dia na tentativa de nos dar vida, mas continuamos mais mortos do que os mortos. Sempre me perguntei por que amor e sangue têm a mesma cor: agora eu sei. Tudo culpa de Deus!

Aquela chuva não me atinge. Sou impermeável. Continuo morto.

Último dia de escola. Última hora. Último minuto.

Toca a campainha: a última.

Um grito de libertação acompanha seu zumbido, como se muitos detentos fossem repentinamente dispensados da prisão perpétua, agraciados não se sabe por quem.

Fico sozinho na sala: parece um cemitério. As carteiras e os bancos que estiveram vivos por um ano inteiro, animados por nossos medos e loucuras, feridos por nossos lápis e canetas, continuam ali, imóveis como lápides. Um silêncio de morte envolve tudo. No quadro restou a grafia acelerada do Sonhador, que nos desejou boas férias à sua maneira:

“Quem aguarda recebe o que aguardava, mas àquele que tem esperança acontece o que ele não esperava.”

Uma frase de Heráclito.

No que se refere a mim, é uma piada: perdi tudo aquilo em que tinha esperança.

E assim o ano escolar se apaga como um fogo de artifício. Este ano durou uma vida. Nasci no primeiro dia de aula, cresci e envelheci em apenas duzentos dias. Agora me espera o juízo quase final das notas e, depois, espero que comece o paraíso das férias... Vou passar de ano, com notas muito boas.

Mas uma coisa eu entendi, graças a Beatriz: não posso me permitir desperdiçar nem um dia sequer da minha vida. Eu acreditava ter tudo e não tinha nada, ao contrário de Beatriz, que não tinha nada, mas, ela sim, era quem tinha tudo.

Com Niko e os outros, não houve mais jeito. Perdemos o campeonato por culpa minha. Nunca expliquei a eles o que havia acontecido. Não me importa. Não me importa mesmo. Silvia me deu uma carta, mas não vou abrir. Não quero ler essa carta. Não tenho coragem de sofrer ainda mais.

Barba, o inspetor, bota a cabeça pra dentro e me encontra sentado ali, imóvel, olhando o vazio.

— Em três anos, nunca vi você ser o último a sair. O que houve? Foi reprovado?

— Não, estava só pensando...

— Bom, então realmente o milagre aconteceu!

Rimos juntos, e um tapinha nas costas é o que resta para voltar à vida.

No meio do corredor, volto e grito para ele:

— Não apague a frase do quadro!

A escola é o mundo ao contrário: não se coloca nada preto sobre branco,

mas vice-versa. Na escola tudo é feito para ser esquecido, como a pouca poeira branca do giz.

Barba não me ouviu e o apagador, arma de tantas batalhas, passa inexorável sobre as esperanças de um sonhador.

Após o verão

Depois, chorando, só, em meu lamento
chamo Beatriz e digo: “Então estás morta?”;
e, enquanto a chamo, ela me conforta.

DANTE ALIGHIERI, *Vita Nova*, XXXI

O verão é o motivo pelo qual se vive, mas este

foi diferente. Não foi o tempo da gritaria, mas do silêncio. Não vi nem ouvi ninguém durante todo o verão. Passei quase três meses na montanha, no hotel para onde vamos sempre. Este foi o primeiro ano em que fiz isso com vontade. Eu precisava de silêncio. Precisava caminhar sozinho. Precisava não fazer novos amigos. Precisava não procurar uma namorada a qualquer custo, só para ter o que contar a Niko depois das férias. Precisava do meu pai e da minha mãe. Precisava do diário de Beatriz, porque ele continha um vislumbre de felicidade. Precisava do essencial, e na montanha é mais fácil encontrá-lo.

Na montanha, à noite a gente vê as estrelas como em nenhum outro lugar. Muitas vezes papai me conta histórias de estrelas. Mamãe fica ali escutando, olhando para nós, mais do que para as estrelas. Uma noite papai me conta a história da estrela que dei de presente a Silvia, e aquela luz, ainda quente, ilumina um cantinho do meu coração que eu havia fechado com mil trancas.

Não consegui abrir a carta de Silvia, nem sequer a trouxe comigo. Continuo a escrever mensagens para ela, só que não consigo enviá-las. Mas conservo todas: categoria MNE.

Assim como conservo as que ela me mandou no passado. Não consigo deletá-las. Devo ter mais de cem no celular, e volta e meia, quando não sei o que fazer, quando não estou pensando em nada, quando fico entediado, quando preciso, releio algumas aleatoriamente. Vou passando-as e escolho o número de mensagem que me inspira mais. Trinta e três: “Você é o garoto mais tolinho que eu conheço, mas pelo menos não é chato...” Doze: “Não se esqueça de trazer o livro de história, bobão!”. Cinquenta e seis: “Deixe de ser babaca. Vamos sair, e você me conta tudo”. Vinte e um: “Quanto você calça? Qual é sua cor preferida?”. Cem: “Eu também”.

A mensagem mais bonita: eu a preenchia como queria e ela sempre me respondia “eu também”. E eu nunca estava sozinho. Era o número cem e dava sorte. Eu poderia escrever um romance só de SMS. No momento, os personagens são poucos: Silvia, Niko, Beatriz e sua mãe, o Sonhador e eu. Sim, o Sonhador: eu tinha o número do celular dele e neste verão lhe mandei uma mensagem para dar sinal de vida e perguntar se seu amigo, aquele que teve o problema com o pai, estava melhor. E ele respondeu que, graças às palavras de Beatriz que eu tinha lido no funeral, seu amigo havia começado a sarar daquela ferida. Então perguntei como era que seu amigo sabia de Beatriz. Por acaso ele o tinha convidado para o funeral?

“Em certo sentido... Obrigado, Leo, estou feliz por ter encontrado você.”

Respondo: “Mas por quê?”

Dá pra ter certas conversas via SMS? Sim, estou convencido disso.

“Por você ter tido a coragem de ler aquelas palavras. Podemos reencontrar as pessoas a quem amamos, e temos a vida inteira para pedir perdão.”

Reli essa resposta pelo menos cento e vinte e sete vezes, era filosófica demais, e, na centésima vigésima oitava, compreendi três coisas:

- 1) Eu chamo de filosóficas todas as “coisas” que são verdadeiramente importantes, e talvez seja para isso que serve a filosofia...
- 2) Devo responder ao SMS do Sonhador: “Mérito de Beatriz. A gente se vê logo!”.
- 3) Não vejo a hora de voltar para casa e ler a carta de Silvia.

Passo o serão olhando a estrela dela. Depois a mamãe se senta ao meu lado no coração da noite, com o perfume dos abetos e o clarão da Lua que lhe ilumina o rosto repousado.

— Mãe, como é que se faz para amar quando não se ama mais?

Mamãe continua olhando para o céu. Agora está reclinada junto de mim, que fito a Anã Branca Gigante Vermelha, dita Silvia.

— Leo, amar é um verbo, e não um substantivo. Não é uma coisa estabelecida de uma vez por todas: evolui, cresce, sobe, desce, afunda, como os rios escondidos no coração da terra, que no entanto nunca interrompem sua corrida em direção ao mar. Às vezes deixam a terra seca, mas embaixo, nas cavidades escuras, escoam, depois às vezes ressurgem e jorram, fecundando tudo.

O céu parece a caixa de ressonância dessas doces palavras, que só numa noite assim não soam forçadas.

— Então, o que eu devo fazer?

Mamãe fica calada por pelo menos dois minutos. Depois as suas palavras brotam do silêncio como um rio que, depois de muito correr, chega ao mar:

— Amar mesmo assim. A gente sempre pode: amar é uma ação.

— Mesmo quando se trata de amar quem te magoou?

— Mas isso é normal... São duas as categorias de pessoas que nos ferem, Leo: as que nos odeiam e as que nos amam...

— Não entendo. Por que quem nos ama deveria nos ferir?

— Porque, quando o amor se mete no meio, as pessoas às vezes se comportam de maneira estúpida. Podem até errar o caminho, mas mesmo assim estão tentando... Você só deve se preocupar quando quem te ama não te fere

mais: isso significa que essa pessoa parou de tentar, ou então que você parou de se importar com ela...

— E se, mesmo assim, a gente não conseguir amar?

— É porque não tentou o bastante. Muitas vezes nós nos enganamos, Leo. Pensamos que o amor está em crise, mas em vez disso é justamente o amor que nos pede para crescermos... como a Lua: você só vê dela um pedacinho, mas a Lua está sempre ali, inteira, com seus oceanos e seus cumes, você só precisa esperar que ela cresça, que aos poucos a luz vá iluminando toda a superfície escondida... e, para isso, é necessário tempo.

— Mamãe, por que você se casou com papai?

— O que você acha?

— Porque ele lhe deu uma estrela?

Mamãe sorri e a Lua ilumina a linha perfeita dos dentes, emoldurados pelo rosto capaz de acalmar qualquer tempestade minha.

— Porque eu queria amá-lo.

Mamãe me desarruma os cabelos para liberar os pensamentos sombrios que ainda estão presos aqui dentro, como fazia quando eu era um menino cheio de medo e me escondia entre seus braços.

Depois, houve apenas o silêncio de quem olha a Lua e o Céu e fala com quem quiser, ali atrás das estrelas.

Onde foi que a deixei? Não a encontro, não

a encontro em lugar algum. Desastre cósmico. Depois de amanhã começam as aulas e eu não encontro a carta de Silvia. Fin, pelo menos desta vez, me ajude! E assim, vi a luz: o livro de história. Ainda bem que não o vendi como os outros, só pra não fazer uma desfeita ao Sonhador, que encontra tantas coisas nesse livro, mais do que aquelas realmente escritas nele...

Descubro onde a tinha deixado, mas não quero ler agora. Meus sonhos se realizam num banco do parque, é lá que quero ler a carta e pensar com calma.

— Mamãe, vou levar Terminator pra fazer xixi!

Corro, corro, corro. Corro como jamais corri na vida. Terminator arrasta a língua pelo chão, recolhendo toda a poeira do universo, não consegue ficar atrás de mim. Parece que, de nós dois, é Terminator quem me leva a passear e tenta me conter.

E lá está o meu banco: vazio, solitário, vermelho, à espera dos meus sonhos. Deixo Terminator perambular ao redor, cuidando de seus próprios assuntos, até porque, aqui, ele fica feliz e se comporta direitinho.

Abro a carta e vejo a letra de Silvia, aquela caligrafia que eu sempre quis ter e nunca terei.

Querido Leo,

Aqui estou para te contar um episódio que me fez pensar em você, e não consegui evitar te escrever sobre isso. Sei que você está furioso comigo e não quer conversa. Entenda esta carta como um desabafo que você é o único a poder ouvir.

Um dia desses fui dar um passeio com um grupo de amigos da família. A certa altura, me vi sozinha com o filho de um deles, chamado Andrea. Ele ficou gamado por mim e, quando não havia ninguém por perto, se aproximou e tentou me beijar. Eu o repeli, ele ficou petrificado e se afastou, como você fez naquele dia. Mas, enquanto olhava as costas de Andrea, dentro de mim eu não encontrava forças para me lastimar. Andrea não significa nada para mim. Já quando vi você me dar as costas, naquele dia, sentada no seu banco, alguma coisa dentro de mim se despedaçou. Compreendi que só consigo ver o mundo se estiver ao seu lado.

Os gregos diziam que originariamente o homem era esférico e que Zeus, para castigá-lo por seus malefícios, o dividiu ao meio. As duas metades vagam pelo mundo e se procuram. A saudade as impele a procurar cada vez mais, e, quando se encontram, aquela esfera se reconstitui. Esta história tem algo de verdade, mas não é suficiente. Quando se reencontram, as duas metades já viveram suas vidas até aquele momento. Não são as mesmas de quando se deixaram. Suas bordas não coincidem mais. Têm defeitos, fraquezas, feridas. Não basta que se reencontrem e se reconheçam. Agora, também precisam se escolher, porque já não combinam perfeitamente, e só o amor leva a aceitar as arestas que não se encaixam, só o abraço atenua essas arestas, mesmo que doa. Naquele dia, Leo, descubri que nossas metades não se correspondem perfeitamente e que só um abraço pode nos reaproximar. Sem sua presença, o mundo se esvaziou. Sinto falta de tudo em você: a risada, o olhar, os subjuntivos errados, os SMS, as conversas... Todas aquelas coisas insignificantes que, para mim, valem tudo, porque são suas.

Pronto: era só isso que eu queria te dizer. Visto de costas, você nunca será como nenhum outro para mim. Quando é você que me dá as costas, é a vida que me dá as costas. Me perdoe. E, se puder, me aceite com meus defeitos. Me abrace mesmo assim. Como farei com você. Nossos abraços é que vão nos modificar. Gosto de você do jeito que você é, faça isso também, embora eu não seja perfeita como Beatriz. Gostaria que seu banco se tornasse nosso: dois corações e um banco no parque. Como vê, eu me contento com pouco...

Levanto os olhos e o rio está correndo indiferente às mudanças mundiais, esse rio que recolheu séculos de lágrimas de alegria e de dor, e que as levou para onde as lágrimas devem estar: para o mar, que por isso é salgado. Aperto meu

amuleto, que brilha azul no azul da manhã, e sinto Beatriz próxima, tão próxima que é como se eu estivesse vivendo com dois corações, o meu e o dela, com quatro olhos, os meus e os dela, com duas vidas, a minha e a dela.

E a vida é a única coisa que não se pode enganar, se você, coração, tiver a coragem de aceitá-la...

Já é noite. Uma daquelas noites de setembro

em que os perfumes, as cores e os sons parecem um arco-íris capaz de unir Céu e Terra. Lá de sua estrela, Beatriz me olha. Tenho a guitarra nas mãos e um salsicha aposentado aos meus pés: Terminator era a desculpa necessária para sair a esta hora sem despertar muitas suspeitas. Toco o interfone e peço que ela se debruce à janela do seu quarto.

— Quem é?

Quando aparece no segundo andar daquele que já se tornou um castelo de fábula, ela tem dificuldade de me distinguir no escuro da rua pouco iluminada. Mas pode escutar minha voz.

— Quando você escreveu por mim aquela carta, eu prometi que cantaria pra você...

Silêncio. Enquanto empunho a guitarra, me perco no azul-escuro do céu e começo:

*Sai, nascono così
fiabe che vorrei
dentro tutti i sogni miei...
E le racconterò
per volare in paradisi
che non ho.
E non è facile restare
senza più fate da rapire,
e non è facile giocare
se tu manchi...**

No escuro, imagino o rosto de Silvia que escuta, que escuta minha voz, e não me envergonho de mais nada, porque, se tenho uma voz bonita, é para presentear-la a ela:

*Portami com te,
tra misteri di angeli
e sorrisi demoni.
E li trasformerò
in coriandoli di luce tenera.
E riuscirò sempre a fuggire
dentro colori da scoprire...*

Estou dentro de todas as fábulas do mundo e reinventando todas, do meu

jeito, para torná-las reais. Outros rostos aparecem nas janelas do prédio encantado, curiosos por esta serenata. Mas eu não ligo, como o mais livre dos homens, que não tem medo de enfrentar o mundo inteiro só para não perder aquilo que realmente importa.

*Aria, respirami il silenzio,
non mi dire addio,
ma solleva il mondo...*

Ouçõ minha voz livre e pesada ao mesmo tempo. Seu peso são os eventos passados, mas transformados em asas e penas que a fazem voar, leve e grave ao mesmo tempo. Só sei voar agora que sou pesado.

*Aria, abbracciami.
Volerò, volerò, volerò,
volerò...*

Silêncio. Quando ergo os olhos, Silvia não está mais ali. Alguém assovia e zomba de mim. Alguém ri, talvez com inveja. Alguém aplaude.

O portão do castelo encantado se abre. Uma sombra vem lentamente ao meu encontro. Fito o rosto que se aproxima na penumbra.

— Silvia está na aula de dança... eu te disse lá de cima, mas você não me escutava... ela deve voltar a qualquer momento. Mas você é bom nisso! Escutei atentamente. Era cem por cento você...

A mãe de Silvia sorri. Eu a tomei por Silvia, mas é a mãe. Por sorte, o escuro esconde o vermelho que está incendiando minha cara, que poderia explodir de uma hora para outra em mil pedaços, como no pior dos filmes de terror.

— Quer subir, enquanto ela não chega?

— Não, obrigado, eu espero aqui...

— Como queira. Mas... cante mais uma vez aquela canção...

Me sento na escada diante do portão, com a guitarra, como um cigano que pede esmola com sua arte, tentando afundar a vergonha ou algum segredo no coração da noite. Terminator se acomoda aos meus pés, tranquilo, pela primeira vez na vida dele.

Fecho os olhos e canto de novo, quase sussurrando, enquanto meus dedos executam a melodia como um tapete voador sobre o qual minha voz atravessa

livre os tetos da cidade e agarra as estrelas, como se elas fossem notas da minha canção, flutuantes na partitura infinita do céu.

Quando reabro os olhos, um rosto me observa.

Esse rosto de olhos azuis, atentos, sorri devagarinho, como se abre uma porta enferrujada, e, dessa porta descerrada, de repente sopra e me atinge a felicidade esquecida, na qual, depois da morte de Beatriz, eu não pensava mais. Sopra, me envolve, me submerge e me sussurra, quase como se cantasse: *“E riuscirò sempre a fuggire dentro colori da scoprire...”*.

Nos abraçamos como se abraçam duas peças de Lego.

— Acho que combinamos perfeitamente — cochicho em seu ouvido.

Silvia responde me abraçando com mais força. Graças a esse abraço sinto minhas arestas, meus defeitos, meus espinhos. E já sinto que eles se desbastam, se suavizam e se encaixam com doçura nos vazios dela.

Terminator corre ao nosso redor, formando círculos que nos protegem magicamente de qualquer bruxo, como acontece nas fábulas.

E um beijo é a ponte vermelha que construímos entre nossas almas, que dançam sobre a vertigem branca da vida sem medo de cair.

— Te amo, Leonardo.

Meu nome, todo inteiro, meu verdadeiro nome precedido por esse verbo em primeira pessoa, é a fórmula que explica todas as coisas escondidas no coração do mundo.

Me chamam Leo, mas eu sou Leonardo.

E Silvia ama Leonardo.

Nota

* “Sabes, assim nascem/ as fábulas que eu queria/ dentro de todos os meus sonhos.../ E as contarei/ para voar até paraísos/ que não conheço./ E não é fácil ficar/ já sem fadas para encantar,/ e não é fácil brincar/ se tu não estás...”.
Adiante: “Leva-me contigo,/ entre mistérios de anjos/ e sorrisos de demônios./ E os transformarei/ em confetes de delicada luz./ E conseguirei sempre fugir/ dentro de cores a descobrir...”// “Ar, respira-me o silêncio,/ não me digas adeus,/ mas eleva o mundo...”// “Ar, abraça-me./ Voarei, voarei, voarei,/ voarei...”. (N. T.)

— Vou te ensinar um jogo.

— Por acaso é um daqueles seus desafios malucos?

— Não, não, é um jogo que Beatriz me ensinou. Chama-se jogo do silêncio.

— Mas qual? Aquele que a gente jogava no primário?

— Não, não. Escute. A gente se deita um ao lado do outro, em silêncio. Fica-se calado por cinco minutos, de olhos fechados, e se concentrando nas cores que aparecem por baixo das pálpebras.

O banco do parque não tem muito espaço para dois, mas nos apertamos e conseguimos nos firmar, muito próximos, com o rosto voltado para o céu. O amor também é isto: arranjar espaço juntos onde falta.

Mão na mão, de olhos fechados e em silêncio, com a contagem regressiva do celular regulada para cinco minutos.

Quando, no segundo minuto, abro os olhos às escondidas e me volto para Silvia, topo com ela me espiando. Finjo raiva e, olhando o display do celular, digo que ainda faltam pelo menos três minutos.

— O que você viu? — pergunta ela.

— O céu.

— E como era?

— Azul... — *como os teus olhos*, eu queria acrescentar, mas as palavras não saem.

Como se tivesse compreendido, Silvia sorri um sorriso perfeito, sem nuvens.

— E você?

— Todas as cores.

— O que eram?

— Arlequim... e era você.

— Obrigado... muito engraçadinha... — digo, meio contrariado.

Eu tinha pensado no céu, talvez como o mais previsível dos românticos, mas afinal o céu é sempre o céu. Em vez disso, aos olhos dela eu parecia uma máscara de carnaval fodida.

Silvia ri, depois fica séria e, sem desviar o olhar, começa:

— Arlequim era um menino pobre. Um dia, voltou triste pra casa e a mãe perguntou por quê. No dia seguinte era Carnaval: todos iriam vestir uma roupa nova, e ele não teria nada pra usar. A mãe o abraçou e o tranquilizou. Arlequim foi dormir animado. A mãe, que era costureira, pegou sua cesta de retalhos coloridos, sobras de outras roupas, e passou a noite costurando um no outro. De manhã, Arlequim tinha a roupa mais bonita e original. Todas as outras crianças ficaram maravilhadas e perguntaram onde ele a tinha comprado, mas ele não contava, pra não traír o segredo da mãe, que havia passado a noite costurando

aqueles pedaços coloridos: branco, vermelho, azul, amarelo, verde, laranja, roxo... E compreendeu que não era pobre, porque sua mãe o amava mais do que qualquer outra, e aquela roupa era a demonstração.

Silvia fica em silêncio por uns segundos.

— Leonardo, você é o mais bonito de todos, porque soube receber e dar amor, não recuou. E traz em si mesmo os sinais disso.

— É você que é assim, Silvia.

Permaneço fitando o céu em silêncio, com Silvia, que encaixa o rosto entre meu ombro e meu pescoço e os dedos entre meus dedos, como num quebra-cabeças perfeito. Tenho a impressão de que minha pele está coberta de mil pedacinhos coloridos.

No fundo, toda a vida não faz outra coisa senão cortar pra gente uma roupa multicolor, ao custo de muitas noites insones, noites de resquícios de outras vidas costurados juntos.

Justamente quando nos sentimos mais pobres, a vida, como uma mãe, está costurando para nós a roupa mais bonita.

Primeiro dia de aula. Acordo quarenta minutos

antes. Não porque é o primeiro dia de aula, mas porque resolvi pegar Silvia em casa. Saio disparado na minha nova bat-cinquenta (que é a reencarnação da anterior, mas com freios...), num ar de setembro que tem o azul dentro, como o azul do amuleto que levo ao pescoço. Vou voando entre os carros, como o Surfista Prateado.

Rio para tudo e para todos, até para os guardas sonolentos e os sinais vermelhos, que tentam em vão frear o meu voo. Quando chego, Silvia já está me esperando. Quem é pontual é ela; eu, nem um pouco. Sobee na minha garupa. Sinto seus braços apertando minha cintura.* Minha vida em suas mãos.

Não sinto medo como antigamente. Nem que seja porque agora tenho freios. A motoneta se transformou num cavalo branco, que não galopa, mas voa sobre o asfalto. Estou vivo! Olho o céu e quase parece que a Lua ainda branca é o sorriso de Deus, que aprova o que estou fazendo. Mas que logo muda de ideia quando vê Niko emparelhar comigo, tendo na cara o olhar ameaçador de desafio, que não posso recusar. Deixo que ele vença só porque Silvia está comigo, mas o sorriso que trocamos no final do desafio é o mais caloroso dos apertos de mão, o mais vermelho dos abraços. Com os homens, tudo é sempre mais fácil.

Primeiro dia de aula. Sentado junto de Silvia, até as horas na escola me parecem breves, maravilhosas, cheias de vida. Parece que o universo moribundo recebeu a transfusão de sangue de que precisava para voltar a respirar.

A partir de hoje, começo a escrever. Devo escrever todas estas coisas pra poder recordá-las. Não sei se sou capaz, mas, pelo menos desta vez, quero me empenhar. Talvez seja melhor usar lápis. Não, melhor caneta. Caneta vermelha. Vermelha como o sangue. Vermelha como o amor, a tinta das páginas branquíssimas da vida. Acho que as únicas coisas que vale a pena recordar são aquelas contadas com sangue: o sangue não comete erros e nenhum professor pode corrigi-los.

O branco destas páginas já não me dá medo, e devo isso a Beatriz: ela, branca como o leite, vermelha como o sangue.

Fito o azul dos olhos de Silvia: um mar em que se pode naufragar sem morrer, em cujo fundo há sempre paz, mesmo quando a superfície está tempestuosa. E, enquanto este mar me embala, sorrio o sorriso perfeito. Meu sorriso diz, sem palavras, que, quando você começa a viver realmente, quando a vida nada dentro do nosso amor vermelho, cada dia é o primeiro, cada dia é o início de uma vida nova.

Mesmo que esse dia seja o primeiro dia de aula.

Notas

* O autor faz aqui um jogo de palavras intraduzível. “Cintura”, em italiano, é *vita*, termo que, em outra acepção, também significa “vida”. (N. T.)

Caro Leo,

Devolvo a você o manuscrito. Li tudo de um só fôlego, numa noite, e me lembrei da história de um famoso general grego que devia enfrentar com apenas seiscentos homens, refugiados no monte Parnaso, um exército imenso de inimigos, que o cercava ao sopé da montanha. A derrota era certa, mas o adivinho do pequeno exército teve uma ideia: sugeriu espalhar pó de giz sobre os soldados e suas armas.

Esse exército de fantasmas atacou os inimigos à noite, com o objetivo de matar todos os que não estivessem recobertos de branco. Os sentinelas do enorme exército inimigo, assim que os avistaram, ficaram apavorados. Pensando em algum estranho prodígio, começaram a gritar e a fugir no coração da noite, perseguidos por um exército de fantasmas, cuja palidez era acentuada pela noite de Lua. As tropas ficaram paralisadas pelo terror, de modo que, no final, os seiscentos tomaram posse do campo, na companhia de quatro mil cadáveres ensanguentados. O sangue também se grudara às armaduras e à pele branca do exército fantasma, que, à luz da manhã, parecia ainda mais assustador; naquela mistura de branco e vermelho.

Leo, às vezes temos medo de inimigos que são muito menos fortes do que parecem. Somente o branco que os reveste, no coração da noite, faz com que pareçam misteriosos e terríveis. O verdadeiro inimigo não são os soldados pintados de branco, mas o medo.

O branco é necessário.

Assim como é necessário o vermelho.

Talvez você não saiba que os recentes estudos antropológicos sustentam que, na maior parte das culturas, os primeiros nomes relativos às cores distinguem entre claro e escuro. Quando uma língua se refina até incluir três nomes de cores, quase sempre o terceiro termo se refere ao vermelho. Os nomes que indicam as outras cores só se desenvolvem mais tarde, depois que o termo que indica o vermelho se torna de uso comum, e é frequente que o termo “vermelho” seja ligado à palavra que indica o sangue.

Os estudiosos confirmam o que você descobriu com a vida. As culturas, as civilizações, descobriram em décadas aquilo que você descobriu num ano letivo. Obrigado por ter compartilhado comigo a sua descoberta.

Quanto ao texto, me limitei a completar os trechos em que você fala de mim e a corrigir aqui e ali alguns subjuntivos, mas, quanto ao resto, não toquei em nada de suas linhas. Seria como tocar sua vida, e essa eu quero que permaneça intacta.

Estou orgulhoso por ter feito parte dessa aventura e orgulhoso de você.

Incuravelmente ‘fessor,

Agradecimentos

Certa vez um aluno, desesperado pela enésima redação que eu havia lhe pedido, me perguntou à queima-roupa: “E o senhor, ‘fessor, por que escreve?” Respondi instintivamente: “Para saber como vai acabar”. E vai acabar sempre assim, na escrita como na vida: com um obrigado.

Alguém já disse que os maus escritores copiam, ao passo que os bons roubam. Não sei em qual categoria o leitor me incluirá, mas o fato é que ambas surgem da dívida com a vida e com as pessoas de quem se copiou, se roubou ou — menos furtivamente — se recebeu. A vida tem sempre o melhor copyright: uma inesgotável roteirista que nos faz personagens cada vez mais capazes de amor e de amar.

E então, como é que se diz?, nos atormentavam quando éramos crianças. Respondíamos com aqueles *obrigaaaado* cheios de “a” afetadamente alongados, sem acreditar nem um pouco na palavra. Quando cresci, porém, dizer obrigado se tornou para mim não só um ato de bom-senso, mas talvez o modo mais feliz de estar no mundo.

Pois então:

à minha família, com a qual aprendi que o amor é possível, sempre; aos meus pais, Giuseppe e Rita, que este ano festejam seu quadragésimo quinto aniversário de casamento; aos meus extraordinários irmãos e irmãs, que, com seus pontos de vista, me cobrem de nuanças as cores do mundo: Marco, o filósofo, Fabrizio (com Marina e Giulio), o historiador, Elisabetta, a psiquiatra, Paola, a historiadora de arte, e Marta, a arquiteta e autora da minha foto na sobrecapa. A eles acrescento Marina Mercadante-Giordano e sua família;

a quem acreditou neste livro e me ajudou a levá-lo até o fim: acima de todos, Valentina Pozzoli, incomparável parteira de histórias, sem a qual esta aqui não teria visto a luz. E também: Antonio Franchini, que desde logo acreditou em

nós com o mesmo entusiasmo que vi em suas crianças quando escutam as fábulas no terraço dito “Grecia”, Marilena Rossi, que conhece e ama os personagens mais do que eu, Giulia Ichino e Alessandro Rivali, amigos e revisores atentos, delicados e sinceros;

em ordem esparsa, a todos aqueles que, de maneiras e em momentos diferentes, tiveram um papel nos bastidores destas páginas: os alunos e os colegas da IV ginásial A e B do liceu San Carlo de Milão, todos os alunos romanos, especialmente os da V ginásial do liceu Dante, do Iunior, do liceu Visconti, do grupo teatral “Eufemia”, de “Ripagrande”. Mario Franchina, inesquecível professor de liceu, padre Pino Puglisi, que, quando eu frequentava a segunda série do liceu, um dia não voltou à escola. Gianluca e Tessa De Sanctis, Federico e Vanessa Canzi, Roberto e Monica Ponte, Angelo e Laura Costa com suas famílias, os amigos de “Living Room” e “Delta”. Paolo Pellegrino, Rosy da livraria Il Trittico, Raffaele Chiarulli, Sveva Spalletti, Guido Marconi, Filippo Tabacco, Alessandra Gallerano, Paolo Virone, Antoine De Brabant, Michele Dolz, Valentina Provera, Sirio Legramanti, Paolo Diliberto, Giuseppe Corigliano, Sergio Morini, Mauro Leonardi, Armando Fumagalli, Marco Fabbri, Paola Florio, Maurizio Bettini e os colegas do doutorado, Emanuela Canonico, Susanna Tamaro, Giuseppe Brighina, Roberta Mazzoni, Lorenzo Farsi, Carlo Mazzola, Marcello Bertoli e o cachorro dos meus vizinhos;

a você, leitor, que, num sofá, embaixo das cobertas, na rua, no ônibus, num banco vermelho de parque ou onde preferir, chegou até esta página e, portanto, dedicou seu precioso tempo aos meus personagens...

obrigado.

P. S. Na Itália, a norma que rege a doação de sangue por parte de um menor é mais rígida e complexa do que se poderia depreender deste romance. Neste ponto, as razões narrativas levaram a melhor sobre a adesão precisa à realidade.

Este e-book foi desenvolvido em formato ePub pela Distribuidora Record de
Serviços de Imprensa S. A.

Branca como o leite, vermelha como o sangue

Sobre o livro

- http://www.record.com.br/livro_sinopse.asp?id_livro=25610

Sobre o autor

- http://www.record.com.br/autor_sobre.asp?id_autor=6267

Livros do autor

- http://www.record.com.br/autor_livros.asp?id_autor=6267

Página do livro no Skoob

- <http://www.skoob.com.br/livro/174265>

Site do autor (em italiano)

- <http://www.profduopuntozero.it/>

Página do autor no Facebook

- <https://www.facebook.com/pages/Alessandro-DAvenia/361855436437>

Perfil do autor no Facebook

- <https://www.facebook.com/alessandro.davenia.9>

Resenha do livro + informações adicionais

- <http://roteiroinesperado.wordpress.com/2012/06/20/branca-como-o-o-leite-vermelha-como-o-o-sangue-2/>

Resenha do livro

- <http://www.muitopoucocritica.com/2011/09/21/resenha-bianca-come-il-latte-rossa-come-il-sangue-alessandro-davenia/>

Twitter do autor (em italiano)

- <http://twitter.com/#!/prof2punto0>